

09(81)

F9260

1995



**OBRAS RARAS NO BRASIL:
ESTUDO DOS CRITÉRIOS DE RARIDADE BIBLIOGRÁFICA,
TRATAMENTO TÉCNICO E PRESERVAÇÃO DAS COLEÇÕES**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Marysia Malheiros Fiuza

**Belo Horizonte
1995**



09(81)

F926e

1995



**OBRAS RARAS NO BRASIL:
ESTUDO DOS CRITÉRIOS DE RARIDADE BIBLIOGRÁFICA,
TRATAMENTO TÉCNICO E PRESERVAÇÃO DAS COLEÇÕES**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Marysia Malheiros Fiuza

**Belo Horizonte
1995**

Froes, Rosana Carla

F9260 Obras raras no Brasil: estudo dos critérios de raridade bibliográfica, tratamento técnico e preservação das coleções / Rosana Carla Froes. - Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1995.

155p.

Dissertação (mestrado) Escola de Biblioteconomia da UFMG

1. Obras raras - Brasil. I. Título

CDU: 09 (81)

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação envolveu a colaboração de pessoas e instituições, às quais desejo aqui expressar o testemunho de meu profundo reconhecimento.

Devo um agradecimento especial à Professora Marysia Malheiros Fiuza pela orientação em todo o percurso, com serenidade e confiança, desde as primeiras idéias até a elaboração final.

Ao bibliotecário-chefe da Biblioteca Mário de Andrade, Rizio Bruno Sant'Ana, pelo profissionalismo e atenção num momento de grande desalento.

Às bibliotecárias da Biblioteca Nacional, em especial do PLANOR, pelas indicações e material bibliográfico.

Aos professores e funcionários da Escola de Biblioteconomia da UFMG, e de modo muito especial às Professoras Sônia de Conti Gomes e Lucy Gonçalves Fontes, pelo incentivo amigo que me proporcionaram na definição da pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa de estudos, propiciando importante recurso financeiro para a realização do curso.

Não poderia deixar sem registro meus agradecimentos às instituições que participaram da pesquisa, respondendo os questionários e enviando seus catálogos de obras raras.

Aos meus amigos queridos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado:

- "Lelé" e "Colega", pela digitação, normalização e palpites;
- "Dju-Dju", minha luz no fim do túnel;
- "Iran" e "Atinho" pelo corre-corre na reta final; e
- Claire, pelo constante incentivo.

A todas as pessoas que, embora não nomeadas, participaram da concretização de mais esta etapa.

*"(...) o livro raro não tem pátria, ou melhor, tem uma pátria de origem, mas depois se espalha pelo mundo para atrair, na nova pátria de eleição, os sentimentos de amor que irmanaram os povos acima dos contrastes, das lutas, das incompreensões, das tragédias cotidianas ...
O livro raro é um instrumento de paz (...)*

G.D. Leoni

LISTA DE TABELAS

1 RELAÇÃO ENTRE O PESSOAL TÉCNICO ENVOLVIDO NOS PROJETOS E O VOLUME DE OBRAS RARAS NAS INSTITUIÇÕES	90
2 QUANTIDADE DE TÍTULOS E VOLUMES EXISTENTES NAS COLEÇÕES DE OBRAS RARAS.....	91
3 DISTRIBUIÇÃO DAS COLEÇÕES DE OBRAS RARAS POR SÉCULO DE PUBLICAÇÃO.....	92
4 DISTRIBUIÇÃO DAS COLEÇÕES DE OBRAS RARAS POR PAÍS DE PUBLICAÇÃO.....	92
5 SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO ADOTADOS PELAS INSTITUIÇÕES.....	110
6 RESULTADO DA AÇÃO DE AGENTES DETERIORANTES SOBRE AS COLEÇÕES DE OBRAS RARAS.....	116
7 CONDIÇÕES DE ARMAZENAMENTO E INSTALAÇÕES DESTINADAS ÀS OBRAS RARAS.....	118
8 PLANEJAMENTO CONTRA DESASTRES, ROUBOS E MUTILAÇÕES.....	120
9 SITUAÇÃO DA RESTAURAÇÃO E PEQUENOS REPAROS EM OBRAS RARAS.....	121

LISTA DE QUADROS

1 CRITÉRIOS DE RARIDADE BIBLIOGRÁFICA QUANTO AO LIMITE HISTÓRICO.....	102
2 CRITÉRIOS DE RARIDADE BIBLIOGRÁFICA QUANTO AOS ASPECTOS BIBLIOLÓGICOS.....	104
3 CRITÉRIOS DE RARIDADE BIBLIOGRÁFICA QUANTO AO VALOR CULTURAL.....	105
4 CRITÉRIOS DE RARIDADE BIBLIOGRÁFICA QUANTO ÀS CARACTERÍSTICAS DO EXEMPLAR.....	106

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	08
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	10
2.1 INTRODUÇÃO.....	10
2.2 HISTÓRIA DO LIVRO.....	13
2.2.1 Século XV.....	14
2.2.2 Século XVI.....	16
2.2.3 Século XVII.....	18
2.2.4 Século XVIII.....	19
2.2.5 Século XIX.....	23
2.2.6 Século XX.....	25
2.2.7 Coleção Brasileira.....	26
2.3 RARIDADE BIBLIOGRÁFICA.....	31
2.3.1 Considerações sobre o conceito de raridade bibliográfica.....	31
2.3.2 O valor comercial como indicador de raridade bibliográfica.....	33
2.3.3 Metodologias para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica.....	40
2.4 POLÍTICA DO LIVRO RARO.....	48
2.4.1 No Exterior.....	48
2.4.2 No Brasil.....	50
2.5 TRATAMENTO TÉCNICO DE OBRAS RARAS.....	55
2.6 PRESERVAÇÃO DE OBRAS RARAS.....	59
2.6.1 Conceituação.....	59
2.6.2 Agentes deteriorantes: medidas terapêuticas e/ou preventivas.....	60
2.6.3 Atividades de restauração e conservação.....	65
2.6.4 Segurança da coleção.....	66
3 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA.....	70
4 OBJETIVOS.....	70
4.1 OBJETIVO GERAL.....	70
4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	70

5 METODOLOGIA.....	71
5.1 COLETA DE DADOS.....	71
5.2 POPULAÇÃO.....	71
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	74
6.1 IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO.....	74
6.2 IDENTIFICAÇÃO DA COLEÇÃO.....	92
6.3 CRITÉRIOS ADOTADOS PARA A IDENTIFICAÇÃO DAS OBRAS RARAS..	94
6.4 TRATAMENTO TÉCNICO.....	108
6.4.1 Catalogação.....	108
6.4.2 Classificação.....	110
6.4.3 Organização da coleção.....	111
6.4.4 Utilização de novas tecnologias.....	113
6.5 PRESERVAÇÃO DO ACERVO.....	116
6.5.1 Diagnóstico de conservação das coleções de obras raras.....	116
6.5.2 Instalações e armazenamento.....	118
6.5.3 Segurança.....	120
6.5.4 Atividades de restauração e/ou conservação.....	121
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	123
8 ANEXOS.....	129
ANEXO I - Questionário.....	130
ANEXO II - Catálogos brasileiros de obras raras.....	136
ANEXO III - Principais obras de referência usadas na identificação de obras raras.....	145
9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	149

1 APRESENTAÇÃO

O interesse pelo tema obras raras se estabeleceu já nos primeiros contatos com a disciplina "Preservação do acervo de Bibliotecas", do curso de Biblioteconomia da UFMG, intensificado pela participação no projeto de iniciação científica "Uma biblioteca do século XIX", que visava a elaboração de um catálogo das obras raras da Biblioteca Municipal de São João del Rei, há mais de cinco anos atrás.

Desde então o problema que envolve os critérios de raridade bibliográfica foi vivenciado pela dificuldade encontrada na identificação de obras raras sem o respaldo de uma literatura consolidada, tendo por base apenas os critérios definidos pela Biblioteca Nacional e a pesquisa a obras de referência de renome (Brunet, Anselmo e outros).

O questionamento foi se avolumando à medida em que eram analisados os catálogos de obras raras publicados no país, e na busca de literatura sobre o assunto, que se constatou dispersa e superficial. Na definição do problema, origem da pesquisa, pensou-se no conceito de raridade e sua aplicação, face à inexistência de critérios legitimados no país e seu reflexo na composição, tratamento e estado de conservação das coleções de obras raras no Brasil.

Reunidos os principais tópicos a serem discutidos - identificação, tratamento e preservação de obras raras - optou-se, enquanto população a ser estudada, pelas instituições nacionais que publicaram catálogos de obras raras neste século. Tal requisito baseou-se no pressuposto da existência de uma definição quanto a critérios de raridade, fundamentados em estudos interdisciplinares, adotados pelas instituições pesquisadas.

Desde o início, pretendeu-se então reunir os critérios definidos por várias instituições brasileiras que possuem e trabalham com coleções de obras raras e chegar, pelo consenso, ao estabelecimento de parâmetros que auxiliem as demais instituições e pessoas interessadas na elaboração de seus próprios critérios de raridade bibliográfica.

A intenção nunca foi de criticar os critérios adotados, nem mesmo avaliar a importância desse ou daquele critério, mas de identificá-los e reuni-los de forma comparativa compondo um documento que sirva de respaldo aos profissionais da área.

Cabe acrescentar, a guisa de justificativa, que a dificuldade, demora e resistência na obtenção de respostas completas ao questionário, aliadas à escassez de publicações sobre o tema influenciaram sobremaneira nos resultados alcançados com a pesquisa.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 INTRODUÇÃO

O livro raro justifica, por si próprio, a importância e a necessidade de mais estudos que promovam seu conhecimento e preservação. Esses livros condensam, sob a fragilidade de sua aparência, o conteúdo intelectual que revela todo o esforço humano em busca do desenvolvimento científico, social e cultural. As idéias, os pensamentos, os fatos e informações contidos em suas páginas merecem ser preservados para manter e transmitir essa preciosa herança cultural. O livro e a imprensa documentam, com sua história, a evolução cultural do homem e têm revelado, através do seu estudo, o pensamento de intelectuais que discerniram as principais teorias do saber contemporâneo. Os vários aspectos da apresentação física dessas obras, como a forma gráfica, a encadernação, as ilustrações, etc., são uma fonte importante de informações que evidenciam as tendências artísticas e o nível de técnica de uma época. (Gomes, 1983)

Toda essa argumentação encerra um forte apelo à questão da preservação da história da humanidade, da identidade cultural de um povo. Inojosa (1978) afirma que atualmente existe um “renascimento da consciência de que a identidade de uma nação, como a de um indivíduo, é mantida graças aos testemunhos de sua atuação, de sua memória, e que a identidade é essencial a sua própria sobrevivência e independência”. Não pode haver identidade sem memória, sem consciência de si mesmo e de seu passado, sem a sobrevivência de testemunhos significativos que permitam a formação e a manutenção dessa consciência. Na mesma perspectiva, Russio (1984) coloca que é “fundamental a existência de um patrimônio conhecido, de uma memória preservada para que se possa definir uma identidade cultural”. Em sua opinião, a identidade cultural é sobretudo um fato cultural e político, que leva inclusive a uma questão muito séria que é a soberania e autodeterminação. Essa identidade cultural pode ser inicialmente captada através da história ou pelo conjunto de obras que a explicam: seus mitos, seus costumes, sua produção literária e artística, sua música, seus monumentos, sua língua e tradições, em resumo, seu patrimônio cultural. Os objetos que o compõem, símbolos da ação humana e testemunhos da trajetória das sociedades, são valiosos portadores de mensagens e refletem na sua configuração, na sua forma, no seu material, no seu acabamento, as características do grupo social que os criou, o seu domínio tecnológico, bem como as relações sociais implícitas em cada atividade.

Particularmente, no que se refere a livros, a determinação de elementos que os identifiquem como raros e preciosos componentes de um patrimônio cultural não é tarefa fácil. De acordo com Leoni (1960), os livros podem ser raros por várias razões, tais como: pela apresentação ou pelo valor afetivo, pela encadernação ou pelas ilustrações, pelo material sobre o qual foi feita a impressão, pela edição que saiu de uma célebre tipografia ou por serem edições princeps⁽¹⁾; podem ser raros pelo conteúdo erótico ou por serem proibidos, porque em línguas pouco conhecidas ou pouco faladas; podem ser raros pelo conteúdo apenas em determinados lugares ou pela apresentação esquisita e muito discutível e outras.

Quanto ao caráter cumulativo do saber, ao selecionar uma obra científica para ser preservada para as gerações futuras, está-se inevitavelmente direcionando ou mesmo "censurando" a transmissão do conhecimento. Como então escolher, dentre tantos, aquele material que verdadeiramente representará um determinado estágio do desenvolvimento cognitivo?

Estas e outras questões exercem uma forte influência no momento de se estabelecerem critérios de raridade bibliográfica. De uma forma geral, percebe-se mesmo um certo receio por parte dos especialistas em fazer esse tipo de definição, tamanha é a responsabilidade que tal decisão encerra. No entanto, paralelamente à inexistência de critérios mundialmente ou nacionalmente aceitos, verifica-se uma evolução nos conhecimentos de conservação e restauração de acervos preciosos, um aumento de verbas destinadas aos projetos de obras raras (em função de um iminente interesse mundial na preservação da memória), a alta valorização comercial do "livro raro", tido como um ótimo investimento, o número crescente de especialistas de todas as áreas dedicados ao estudo desses acervos.

Com a intenção de clarear algumas dessas questões polêmicas é imprescindível a apresentação de alguns aspectos de caráter histórico, entre outros, que evidenciem e realcem o valor das informações contidas neste trabalho para toda e qualquer pessoa interessada. Dessa forma, serão abordados os seguintes pontos: história do livro (particularmente a partir do

(1) Segundo Martins (1957), os autores clássicos gregos ou latinos, impressos pela primeira vez no século XV, constituem as edições chamadas princeps. Por extensão, designam-se por esta palavra todas as primeiras edições.

desenvolvimento da imprensa no século XV, desconsiderando-se os manuscritos e os materiais usados como suporte da escrita diferentes do papel), raridade bibliográfica, valor comercial das obras raras, metodologias para estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica, política do livro raro no Brasil e no exterior, tratamento e preservação de obras raras.

2.2 HISTÓRIA DO LIVRO

É difícil imaginar uma atividade que retrate tantos aspectos de uma época quanto a publicação de livros. O livro existe para dar expressão literária aos valores culturais e ideológicos. Seu aspecto gráfico é o encontro da estética com a tecnologia disponível. Sua produção exige a disponibilidade de técnicas industriais e o todo proporciona a medida da evolução de uma época.

No caminho percorrido para se chegar ao livro impresso encontram-se os diversos materiais usados como suporte para a escrita, quais sejam, pedra, ossos, madeira, tijolos, tábuas de cera, papiro, pergaminho e finalmente, o papel.

De acordo com Figueiredo (1950), enquanto nas bibliotecas romanas o rolo de papiro e o codex de pergaminho prosperavam, fazia-se, na China, uma descoberta que teria uma importância decisiva para os livros no Ocidente. Desde o ano de 213 a.C., os chineses começaram a usar a seda para os livros, o que, no entanto constituía um processo muito oneroso, logo substituído pelo “papel de seda”, que permitia o aproveitamento de trapos e tecidos usados. A seda era cortada ou rasgada em tiras e pedaços miúdos que, postos de molho, apodreciam e fermentavam. As fibras pouco a pouco se desintegravam e formavam uma pasta que, posta a secar, se transformava em papel. Já era, como se vê, o embrião da fabricação moderna.

No ano 105, uma nova matéria-prima foi experimentada por Tsai-Lun, que passou a empregar, no fabrico do papel, cascas de plantas, resíduos de algodão, redes de pescar usadas. Com essas e outras substâncias, Tsai-Lun criou, talvez sem o saber, o papel de celulose.

Segue-se a introdução e a vulgarização do papel na Europa, o que decidiu os destinos da nossa civilização porque respondia às necessidades que todos sentiam de um material barato, praticamente inesgotável, capaz de substituir com infinitas vantagens o precioso pergaminho. A democratização da cultura é, antes de mais nada, o resultado dessa substituição: pode-se dizer que, sem o papel, o humanismo não teria exercido sua enorme influência.

A descoberta da imprensa no século XV⁽²⁾ é um marco na história da humanidade, sendo que desde então, são identificadas e atribuídas a cada século certas características peculiares, como se segue:

2.2.1 Século XV

Caracterizado pela difusão, na Europa, da xilografia⁽³⁾ que, até então, era utilizada pelos povos orientais, principalmente os chineses. A xilografia foi usada para imprimir estampas religiosas, conhecidas na Alemanha pelo nome de *heiligen*. Raramente levam data de impressão, porém tiveram grande difusão entre as massas analfabetas da Europa, muito antes de 1423, data da xilografia mais antiga que se conhece.

As capitais eram feitas à mão, em tinta vermelha e azul, sendo muito utilizadas nos incunábulo. A palavra incunábulo vem do latim "incunabulum", que significa berço e é usada para designar os livros impressos no primeiro período que se seguiu à invenção da imprensa (1450), até aproximadamente 1550. Esses livros se assemelham muito aos manuscritos, aos quais imitavam, encontrando-se quase sempre "in folio" e mais tarde "in 4°". Não têm nota de edição, que aparece pela primeira vez no "*Psalmorum Codex*"⁽⁴⁾. Impresso em 1457, na oficina de Fust e Schoeffer, antigos sócios de Gutenberg, é considerado o primeiro livro com indicação do lugar e do ano de impressão. É, também, o primeiro caso conhecido de pastel tipográfico (troca de letras ou de palavras), corrigido por uma segunda edição impressa dois anos depois, em 1459. No lugar de "*Psalmorum Codex*", foi composto e impresso "*Spalmorum Codex*" o que contribui para aumentar o valor da obra.

(2) Existe o erro bastante generalizado de identificar a invenção da imprensa com a dos tipos móveis. Durante muitos séculos praticou-se a impressão de letras, números e outros caracteres em diversas formas e sobre diferentes materiais, como o confirmam antigas moedas, selos, xilografias e encadernações. Estas impressões e seus métodos já eram conhecidos no século XV, quando Gutenberg inventou o sistema de tipos móveis de metal, que podiam ser utilizados como as letras do alfabeto, os números e outros caracteres, em todas as combinações possíveis, para imprimir qualquer texto que se desejasse. (Litton, 1975)

(3) A palavra "xilografia" vem dos vocábulos gregos: "xylon", madeira, e "graphein", escrever. Para este tipo de gravura eram necessárias pranchas de 2,5cm de espessura, cortadas em sentido perpendicular à fibra. Sobre a prancha espalhava-se um verniz branco e quando este secava, o artista executava seu desenho, traçando primeiramente as linhas de referência. Os espaços entre as linhas do desenho eram vazados para que não recebessem a tinta que cobria o desenho em relevo. Esse processo, exigia forte pressão sobre o papel, o que praticamente inutilizava o verso da folha.

(4) PSALMORUM Codex. Moguntiae: John. Fust et Petr. Schoeffer, 1457. in-fol, imprimé sur velin. (Brunet, 1842-4)

O incunábulo caracteriza-se por ser um impresso em papel encorpado, desigual e de tom amarelado, não apresentar paginação, ter amplas margens e impressão em duas colunas, graças ao formato grande. Os tipos empregados são muito variados, às vezes toscos e imperfeitos, predominando os chamados “goticos”. Comum também a grande quantidade de abreviaturas e letras ligadas, empregadas para economia de espaço e a troca de letras.

Quanto à encadernação, os incunábulos são revestidos com placas de madeira recobertas de tecidos valiosos ou peles estampadas com ferro frio, ou seja, sem colorido ou douração. Os livros de igreja, com as chamadas “encadernações de altar” eram incrustrados de pedras preciosas, de pérolas e de esmalte pintado.

Neste século foi instituído o “Privilégio”, concessão outorgada pelo Soberano, através da qual o impressor adquire o direito exclusivo de imprimir uma determinada obra por um período pré-estabelecido. Através do “Privilégio”, as Censuras Real e a Eclesiástica exercem severa vigilância sobre as publicações.

Surgiu também nesta época a “Marca” constituída por um escudo ou emblema, colocado geralmente no centro da folha de rosto e que representa a propriedade do editor. Atualmente muitos editores ainda a usam, seja em forma de um simples monograma ou utilizando uma representação gráfica.

Os principais tipógrafos dessa época são: Johann Fust, Peter Schoeffer e Johann Gutenberg, de Moguncia (Alemanha); Ulrich Han, de Roma; Jean de Spire e Nicolau Jenson, de Veneza; e William Caxton, da Inglaterra.

2.2.2 Século XVI

Muitas das produções dessa época são verdadeiras obras primas de tipografia, jamais superadas. O humanismo e o Renascimento ⁽⁵⁾ alimentaram a necessidade de reproduzir os textos antigos de uma forma nova. Os movimentos religiosos de Reforma e Contra-Reforma utilizaram-se do livro como meio de difundir idéias ⁽⁶⁾. Enquanto a imprensa católica mantinha a tradição da tipografia artística, a Igreja protestante preocupava-se em distribuir o maior número de livros possível, resultando daí edições incorretas e de qualidade inferior.

A simplicidade do material utilizado facilitou o aparecimento de inúmeros impressores itinerantes que exerceram seu trabalho em diferentes cidades, permanecendo em cada uma somente o tempo necessário para editar as obras mais significativas da época.

Entre os impressores desta época, destaca-se Aldo Manucio, editor e tipógrafo veneziano, cuja atividade, na impressão, caracteriza-se pelas muitas contribuições bibliográficas que realizou, entre elas: criou novos tipos, introduziu a utilização de motivos ornamentais, reduziu o formato dos livros, e utilizou ouro na impressão e decoração das encadernações. Aldo publicou verdadeiras coleções de autores clássicos: Aristóteles, Aristófanes, Homero, Virgílio e autores medievais de grande expressão, como Dante e Petrarca.

Na França, destacou-se a família Estienne, que formava uma dinastia de impressores eruditos, iniciada por Henrique Estienne I, em 1502. Seu

⁽⁵⁾ Segundo Mota e Lopez (1995) o Renascimento representou um "renascer" de formas, modos de ser e valores culturais adormecidos ou silenciados durante a Idade Média. Sábios e estudiosos procuravam reviver os valores da Antiguidade, da Grécia e de Roma em particular, somados a outros conhecimentos adquiridos durante a Idade Média. Como resultado desse processo, surgiu uma corrente científica e cultural que revolucionou a vida da humanidade, abrindo caminho para o humanismo. O humanismo se voltou para o estudo da Antiguidade e das civilizações grega e romana em busca do modelo de humanidade perfeita. O humanismo trouxe a volta do estudo das línguas clássicas: o latim, o grego e as línguas orientais, uma vez que os humanistas procuravam estudar as obras clássicas através de manuscritos originais. A busca de cópias originais dos mestres foi uma das principais preocupações da época, ocasionando a transferência de bibliotecas e arquivos do Império Bizantino para a Europa. Esses acervos, somados às descobertas de manuscritos nos mosteiros europeus, formaram as bibliotecas modernas.

⁽⁶⁾ Ainda segundo Mota e Lopez (1995), a Reforma foi um movimento de profunda revisão religiosa e política que, no século XVI, deu origem ao protestantismo moderno. Nesse processo, uma parte dos Estados católicos europeus se separou da Igreja romana. A descoberta da imprensa pelo alemão Gutenberg facilitou a divulgação da Sagradas Escrituras. A inquietação e o espírito de pesquisa do Renascimento e das grandes navegações alcançaram assim o campo da religião, inaugurando uma nova época de sangrentas lutas e de dúvidas. O humanismo, por sua vez, dava respostas a essas dúvidas e muitos filósofos e cientistas pagaram com a vida suas descobertas, indo para a fogueira ou para a tortura.

sucessor, Robert Estienne tornou-se famoso por compilar dicionários de latim, de grego e de hebraico, obras adotadas pela maior parte das universidades européias. A sua capacidade de erudito equiparava-se ao seu êxito de tipógrafo, o que lhe valeu o título de “Impressor do Rei para o hebreu, grego e latim”. Foi também o autor, tipógrafo e revisor do famoso *Thesaurus Latinae Linguae* ⁽⁷⁾, publicado em 1531. Essa importante obra foi republicada em várias cidades européias até meados do século XVIII, por grandes impressores. Henrique Estienne II, filho de Robert, tomou conta da tipografia em Genebra e publicou numerosas edições dos clássicos, muitas delas editadas por si próprio com o auxílio de manuscritos então recém descobertos. Em 1572, depois de muitos anos de trabalho, iniciou a publicação do grande *Thesaurus* ⁽⁸⁾, dicionário da língua grega que ainda continua a ser usado pelos eruditos.

O francês Christophe Plantin (c.1514-1589) foi também um impressor de grandes realizações. Instalou-se em Amberes, na Bélgica, com uma oficina de impressão e uma livraria, que chegaram a ser as mais importantes da Europa. Imprimiu a célebre *Bíblia sacra, hebraice, chaldaice, graece & latine* ⁽⁹⁾, conhecida como “Bíblia poliglota”, cujo texto está distribuído em colunas paralelas em latim, grego, hebraico e caldeu. Sua publicação trouxe muitos dissabores, ora pela intervenção da Igreja, que só autorizou a sua circulação em 1580, ora por dificuldades financeiras ocasionadas, em parte, pelas promessas não cumpridas do Rei de Espanha, Felipe II. Publicou também textos em grego e latim, e um dicionário de quatro línguas.

Uma das características do livro neste século é a folha toda impressa, assemelhando-se ao manuscrito, tendo a capital iluminada (primeira letra do parágrafo ornamentada). Aparecem os livros com títulos longos, em página especial e o formato “in 8°”, prático para carregar. As páginas são numeradas com algarismos arábicos, o que era feito por folha e com algarismos romanos.

No que diz respeito à ilustração, o século XVI marca a passagem da xilogravura para a gravura em buril (instrumento de aço em forma de prego achatado na ponta, preso a um cabo de madeira). Dürer (1471-1528), na Alemanha, é um dos ilustradores mais expressivos da época, considerado o

⁽⁷⁾ ESTIENNE, Robert. *Thesaurus latinac linguae*. Paris, 1531-2, in-fol. (Brunet, 1842-4)

⁽⁸⁾ ESTIENNE, Henri. *Thesaurus graecae linguae (cum appendicibus)*. Anno 1572, excudebat Henr. Stephanus, 5 tom. en 4 vol. pct. in-fol. (Brunet, 1842-4)

⁽⁹⁾ BIBLIA Poliglota, hebraice, chald., gr. et lat.; cura et studio Benedicti Ariae Montani. Antuerp., Plantin., 1569-73, 8vol. in-fol. (Brunet, 1842-4)

inventor da gravura a água-forte ⁽¹⁰⁾, meio de que se utilizou com prodigiosa habilidade para imprimir, em suas criações, o selo de mais pura expressão imaginativa. Foi chamado "o príncipe dos artistas alemães" e, com Holbein e Cranach, constitui o trio de ilustradores mais renomados do século XVI (Litton, 1975).

A encadernação abandona o uso do tecido, que passa a ser empregado unicamente no revestimento da contra capa das obras. As encadernações passam a ser feitas em marroquim (pele de cabra ou cabrito, material muito fino e macio) ou pele similar, decoradas com ouro e mosaicos, utilizando-se a técnica de douração a fogo. As encadernações mais simples são executadas em pergaminho (chamado "pasta holandesa" ou "pasta italiana", que oferece ao livro uma proteção muito sólida), contendo apenas o título da obra e o nome do autor. Na confecção de capas o uso da madeira é substituído pelo papelão, tornando o livro mais acessível ao público.

Jean Grolier (1479-1565), foi um grande amigo das belas encadernações. Este famoso bibliófilo desenhou pessoalmente muitas das decorações que utilizou para sua coleção, estimada em 8.000 livros. Seu estilo era composto de florões em forma de ramos, unindo os filetes com tal arte que, ao fim do trabalho, estes compõem um conjunto perfeito.

2.2.3 Século XVII

Neste século o livro caracteriza-se por belíssimas gravuras sobre cobre ou "talho doce" ⁽¹¹⁾ onde, ao contrário da xilografia, o desenho é escavado e não reproduzido em alto relevo. Os grandes pintores tiveram suas obras reproduzidas em livros; frontispícios alegóricos representavam ora o assunto, ora o retrato do autor ou de qualquer pessoa relacionada à produção da obra. As gravuras já trazem três assinaturas: do pintor, do técnico e do gravador. Entre os assuntos mais editados figuram, com

⁽¹⁰⁾ A água-forte consiste em cobrir uma placa de cobre com produtos ácido-resistentes (cera, resina e betume) e riscar o desenho com uma agulha nessa cobertura, de modo que apenas as linhas do desenho, expostas, serão atacadas pelo ácido. Este método mecânico é mais fácil e rápido do que gravar com buril, já que o trabalho de gravação é, na realidade, feito pelo ácido e não pelo artista. (Katzenstein, 1986)

⁽¹¹⁾ A gravura em talho-doce executa-se numa prancha de cobre, por meio do buril (que faz entalhes mais largos e de forma mais variada, destinados a produzir os efeitos de claro-escuro) e da ponta seca (usada para traçar o contorno das figuras a algumas outras indicações ligeiras). Terminado o serviço do gravador, a prancha é entregue ao impressor de talho-doce, que a reveste com uma tinta pastosa que preenche completamente os entalhes, sendo retirada toda a tinta que se encontra na superfície do cobre. (Martins, 1957)

grande proeminência, os livros de viagens, botânica e geografia, com suas gravuras em talho doce e seus frontispícios em estilo barroco.

Os principais impressores desta época são os Elsevir, instalados em Haya, Utrecht, Amsterdam e Leyden, na Holanda. Têm seu apogeu situado entre 1625 e 1652, destacaram-se pela impressão de obras clássicas e também de relatórios de viagem, obras polêmicas, satíricas e panfletos. Entre os Elsevirs não se encontram eruditos nem humanistas: são, todos, fabricantes e comerciantes de livros. Continuam na mesma linha de Aldo Manucio, no sentido de diminuir o tamanho dos livros. O formato minúsculo de algumas de suas edições é muito bem recebido e estas constituem verdadeiras jóias tipográficas. Uma coleção elseviriana de muito prestígio é a dos livros in-24° intitulados *Republicae variae* contendo descrições geográficas e estatísticas de diversos países.

Nas encadernações predomina o couro decorado com desenhos geométricos, ramagens em forma de espirais e pontilhados que causam grande efeito. Este estilo de encadernação denomina-se “la fanfarre”, originado da encadernação da obra *Les fanfarre et courvés abbadesques*⁽¹²⁾ que provoca grande entusiasmo na época. Dá-se esse nome a um tipo de decoração que inclui folhas de acanto, de palmeiras, flores, gavinhas e outros motivos. Destacam-se também neste período as encadernações “jansenistas”, feitas em marroquim mate, são cercadas por um simples filete e levam florões nos cantos, e as chamadas de “semeados”, por semearem o couro com iniciais e emblemas de pequenas dimensões, simetricamente distribuídos pelas capas dos livros.

2.2.4 Século XVIII

No século XVIII, o livro ilustrado adquire singular importância. Gravuras, florões e vinhetas cobrem suas páginas, às vezes em detrimento do texto. Entretanto, esta ilustração que invade o livro é, muitas vezes, o único mérito de obras de texto insignificante ou medíocre. As folhas de rosto são ilustradas ou integralmente gravadas. O melhor trabalho de gravura de cobre surgiu na França, onde hábeis desenhadores como Hubert F. Gravelot, Charles Eisen, e Moreau, o Moço, conceberam composições que outros gravaram em cobre.

⁽¹²⁾ LES FANFARRES et courvés abbadesques des roule-bon-temps de la haute et basse coquaine et dependances, par I.-P.-A. Musis concurrunt ludus, et usus. a Chambéry, par Pierre Dufour imprimeur de S.A. M.DC.XIII, pet. in-8. (Brunet, 1842-4)

Eisen é mais conhecido pelas gravuras que desenhou para *Les Baisers* ⁽¹³⁾ de Dorat, Paris, 1770, um dos livros mais preciosos da época. Gravelot é recordado pelas gravuras que compôs para os *Contes Moraux* ⁽¹⁴⁾ de Marmontel, Paris, 1765. Moreau, o Moço, era observador perspicaz dos pormenores da vida e dos costumes. Há valor histórico nos desenhos que gravou para as *Chansons* ⁽¹⁵⁾ de De Laborde, de 1773, que registram fielmente a atmosfera da Corte. Ilustrou também brilhantemente as *Oeuvres completes* ⁽¹⁶⁾ de J.J.Rousseau, 1774-1778. Esta escola romântica e artística de gravura desapareceu quase totalmente com a Revolução Francesa.

Na Inglaterra cabe destacar o trabalho de William Blake. As ilustrações dos *Night thoughts* ⁽¹⁷⁾ de Young, de 1797, da *American Prophecy* ⁽¹⁸⁾, de 1793, e do *Book of Job*, de 1825, contam-se entre as suas melhores obras. Desenhou algumas belas gravuras para os escritos de Milton e antes de seu falecimento, em 1827, estava ilustrando a *Divina Comédia* ⁽¹⁹⁾ de Dante. (McMurtrie, 1969)

Outro destaque foi o ilustrador Francesco Goya que utilizou para seus trabalhos tanto a técnica de água-forte quanto a da litografia ⁽²⁰⁾. Suas séries intituladas *Los caprichos* ⁽²¹⁾, *Tauromaquia* ⁽²²⁾ e *Los Proverbios* figuram como notáveis produções artísticas.

⁽¹³⁾ DORAT, Cl.-Jos. Les baisers, précédés du mois de mai, poeme. Paris, 1770, 1 vol. avec un supplement. (Brunet, 1842-4)

⁽¹⁴⁾ MARMONTEL, Jean-Franç. Les contes moraux. Paris, 1765. 3 vol., in-8. (Brunet, 1842-4)

⁽¹⁵⁾ LA BORDE, Jean-Benj. de. Choix de chansons mises en musique. Paris, 1773. 4 vol. gr. in-8 (Brunet, 1842-4)

⁽¹⁶⁾ ROUSSEAU, Jean-Jacques. Oeuvres completes. Bruxelles, 1774-8. 12v., il., in-4° (Brunet, 1842-4)

⁽¹⁷⁾ YOUNG, Edw. The complaint and the consolation or nighth-thoughts. London: R. Noble, 1797. 3gr., in-4° (Brunet, 1842-4)

⁽¹⁸⁾ AMERICAN prophecy. Lambeth, 1793. in-fol., 18 planches. (Brunet, 1842-4)

⁽¹⁹⁾ DANTE, Alighieri. The divine comedy. London, 1827. il. (Brunet, 1842-4)

⁽²⁰⁾ A palavra litografia vem dos vocábulos gregos "lithos", pedra, e "graphein" escrever, gravar. Define-se como sendo a reprodução impressa do desenho traçado com um corpo gorduroso (lápiz ou tinta especial) sobre uma pedra calcárea. O desenho fixa-se na pedra mediante a aplicação de um líquido composto de água gomada e de ácido azótico fraco, que impede que se produza qualquer impressão nos lugares não desenhados. (Martins, 1957)

⁽²¹⁾ GOYA, Francesco. Caprichos inventados y grabados al agua forte. Madrid, gr. in-4. (Brunet, 1842-4)

⁽²²⁾ GOYA, Francesco. La tauromaquia. vol. in-fol. 37 eau-fort (Brunet, 1842-4)

A encadernação volta a apresentar os mosaicos e o couro é realçado com ouro representando frutas, flores, folhas, arabescos e simples ponteados. Com a Revolução Francesa, desaparecem as encadernações suntuosas, dando lugar àquelas pouco trabalhadas e descuidadas, cuja única particularidade digna de nota são os motivos revolucionários.

Em meados do século XVIII destaca-se o impressor inglês John Baskerville (1706-1775), cujas obras são notáveis pela simplicidade de sua tipografia, uma vez que não utilizou quase nenhuma ornamentação, conseguindo seus belos efeitos mediante a utilização racional dos espaços, a distribuição simétrica da matéria na página e a nitidez e perfeição da própria impressão. Após sete anos dedicados ao aperfeiçoamento do desenho e fundição de tipos, à manufatura do papel e da tinta, imprimiu seu primeiro livro, uma edição do poeta latino Virgílio⁽²³⁾, que lhe deu grande prestígio como impressor. Seu segundo livro foi uma versão de "*O paraíso perdido*"⁽²⁴⁾, de Milton, em cujo prefácio Baskerville expressava seu desejo de produzir, apenas, livros de "mérito intrínseco", os quais "o público gostaria de ver elegantemente vestidos". Seu trabalho mais importante foi a impressão de uma *Bíblia*⁽²⁵⁾ in-fólio, sob os auspícios da Universidade de Cambridge, obra qualificada como "um dos livros mais belos do mundo".

Discípulos de Baskerville, as famílias Didot (França) e Bodoni (Itália) eram competidores ativos que trabalhavam muito no mesmo estilo e com a mesma espécie de material. Ambos usavam os tipos clássicos impressos em papel velino e o seu trabalho de impressão não tinha mácula. Aos Didot atribui-se a invenção do papel velino, aproveitando e aperfeiçoando o processo de Baskerville. Os Bodoni distinguiram-se por suas edições in-fólio, com magníficas folhas de rosto e amplas margens, que constituem em modelos de reconhecida beleza gráfica. (Litton, 1975)

Neste século, o livro passa por transformações e surgem novas formas de publicações, como as revistas científicas e noticiários que divulgam os textos, com maior freqüência e rapidez, para uma sociedade com crescente demanda de informações. Em 1702 surge na Inglaterra o primeiro jornal de publicação diária, o *Daily Courant*. O *Journal de Paris* apareceu somente em 1777, atraso devido à rigidez da censura oficial.

⁽²³⁾ VIRGILIUS Maro (Publius). *Bucolica, Georgica et Aeneis*. Birminghamiae: Typis Joh. Baskerville, 1757. Gr. in-4°. (Brunet, 1842-4)

⁽²⁴⁾ MILTON, John. *Paradise lost, paradise regain'd, etc.*, from the text of Th. Newton. Birmingh., John Baskerville, 1759. 2 vol. in-4° (Brunet, 1842-4)

⁽²⁵⁾ THE HOLY Bible, translated out of the original tongues. Cambridge: J. Baskerville, 1763. in-fol. Max. (Brunet, 1842-4)

Depois da Revolução Francesa, que proclamou a liberdade de imprensa, o número de periódicos parisienses aumentou prodigiosamente, chegando a 307 títulos, situação anormal que durou muito pouco tempo.

McMurtrie (1969) caracteriza o final do século como uma época de influências clássicas, com tendência para se simplificarem e regularizarem todas as formas de expressão artística. O estilo florido francês ia dando lugar a uma maneira mais fria e mais formalista. As grinaldas de flores iam sendo suplantadas por pingentes.

O avanço nas ciências e nas artes foram tantos que o século XVIII é chamado de “século das luzes”⁽²⁶⁾. A renovação do pensamento científico do século anterior, realizada por pensadores como Newton, Descartes e outros, foi divulgada e difundida pelas escolas e as enciclopédias, entre elas a *Encyclopedie*⁽²⁷⁾ de Diderot e d’Alembert. A publicação da obra em 33 volumes é feita de 1751 a 1777, traduzindo nova visão do mundo e da sociedade, fundada na ciência e na história, no culto da razão, no anseio de renovar o pensamento e a realidade. É a defesa da igualdade, com base no direito natural. A *Encyclopédie Méthodique*⁽²⁸⁾, publicada a partir de 1782 por Panckoucke, levou meio século para que se terminasse a impressão dos seus duzentos volumes. Os assuntos, em vez de figurarem em ordem alfabética, estavam dispostos por matéria. Teve a contribuição de grandes nomes como o próprio Diderot, o astrônomo Lalande, o médico Vicq d’Azir, o fisiocrata Duhamed du Monceau e outros. A *Encyclopédie Économique*⁽²⁹⁾, em dezesseis volumes, fôí redigida pelos membros da Sociedade Econômica de Berna, de 1770 a 1771.

⁽²⁶⁾ De acordo com Mota e Lopez (1995), o “século das luzes” foi um dos períodos da História em que as idéias tiveram grande força. As “luzes” eram contra o obscurantismo, pela reforma das instituições do Estado, da Igreja e da sociedade e também por uma mudança nas mentalidades. A inquisição da Igreja Católica, por exemplo, e as perseguições por motivo religioso ou credo político foram denunciadas pelos filósofos, como Voltaire, Rousseau, D’Alembert, Condorcet e muitos outros.

⁽²⁷⁾ DIDEROT, Denis. *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, par une Societé de gens de lettres, mis en ordre par Diderot, et quant à la partie mathématique, par D’Alembert. Paris (et sous l’indication de Neufchâtel), 1751-72. 28 vol. in-fol, dont 11 le pl. (Brunet, 1842-4)

⁽²⁸⁾ ENCYCLOPÉDIE méthodique, ou par ordre de matières, par une Societé de gens de lettres, etc. Paris: Panckoucke, 1782-92; et Paris: Agasse, 1792 à 1832. 102 livr. ou 337 part. formant 166 vol. et demi de texte, in-4, et 51 part. renfermant ensemble 6439 pl. (Brunet, 1842-4)

⁽²⁹⁾ ENCYCLOPÉDIE économique, ou système général d’économie rustique, d’économie domestique et d’économie politique... le tout revue par quelques de la Societé économique de Berne. Yverdon, 1770-71. 16 vol. Pct.in-8°. (Brunet, 1842-4)

Outros autores importantes, neste século, são Locke, Condillac, Descartes, Montesquieu (com *L'esprit des lois* ⁽³⁰⁾), etc. (Moraes, 1979).

Outra característica do século XVIII é a mudança do sistema de privilégios, que desde a invenção e o desenvolvimento da imprensa era concedido aos editores e não aos autores. A Inglaterra foi o primeiro país a reconhecer a propriedade literária. Em 1709, foi aprovada na Câmara dos Comuns a lei que estabelecia o "copyright" dos autores ou dos seuscessionários sobre qualquer obra, durante 14 anos a contar da primeira publicação, e por outros 14 anos se, expirado o primeiro prazo, o autor ainda estivesse vivo, sob a condição, todavia, de que o livro fosse registrado na "Stationer's Company" (constituída em 1556 para registrar os títulos dos livros e regular a indústria tipográfica. A autoridade da "Stationer's Company", que inaugurava, na Inglaterra, o sistema de depósito legal, foi legalmente reconhecida por Carlos I, em 1645). Só em 1777 é que o regulamento francês assegura aos autores o direito de vender as suas próprias obras, direito que se transmitia hereditariamente a título perpétuo. (Martins, 1959).

2.2.5 Século XIX

As mudanças produzidas pela multiplicação de invenções, nos últimos trinta anos do século XVIII e que introduziram o século XIX na era industrial, tiveram repercussão também na história do livro. Em 1798, Nicolas Louis Robert aperfeiçoou a máquina para fabricação do papel, o que contribuiu para baixar, em pouco tempo, o seu preço. O desenvolvimento da estereotipia pelo ourives escocês William Ged, em 1744, foi outro grande avanço. Esse método dispensava a recomposição das matrizes, a fim de produzir futuras tiragens ou reimpressões. Somente em 1829, as incômodas matrizes de gesso e metal foram substituídas por outras de papier maché, mais leves e menos volumosas.

Em 1811, Friedrich König aperfeiçoou uma prensa de cilindro e esta modificação abriu caminho para a impressão a grande velocidade, aprimorada pela utilização do vapor para impulsionar a prensa, em substituição à mão-de-obra.

Antes de 1822, os tipos usados na impressão de livros eram fundidos a mão e um artesão experiente cortava entre 3.000 e 7.000 letras por dia. A

⁽³⁰⁾ MONTESQUIEU, (Ch. Secondat, baron de la Brede et de). *De l'Esprit des lois* (anonyme). Genève: Barillot et fils, [1748]. 2 vol. In-4°. (Brunet, 1842-4)

operação foi mecanizada em 1822, quando William Churd inventou sua máquina, o que aumentou para até 20.000 caracteres por dia de trabalho. Cabe mencionar, finalmente, entre os principais inventos, o da prensa rotativa por Marinoni, por volta de 1850, e a invenção do linotipo, por Mergenthaler, em 1885.

A apresentação do livro também se modifica. As ilustrações, usadas em profusão, são colocadas em meio ao texto ou rodeadas por este. Esta inovação permite uma grande liberdade de apresentação, característica dos livros românicos, tornando-os belos e extravagantes. Entretanto, o desejo de aumentar as tiragens faz com que a impressão seja relegada a segundo plano e se utilize papel de baixa qualidade.

Na segunda metade do século, coincidindo com o fim do Romantismo, há uma volta às tradições clássicas do século XVII: preocupação com a impressão e com o formato do livro, que deve ser de fácil manuseio. Volta a ser usado o papel de boa qualidade e a decoração das obras torna-se sóbria.

Ao final do século aparecem os artistas tipográficos que utilizam papéis especiais, tipos elegantes e cuidam da disposição do texto e ilustrações na página. Um dos principais é William Morris (1834-1896), na Inglaterra, que defende a idéia de que a aparência do livro deve estar de acordo com seu conteúdo. Tentou dar novo impulso à tipografia, com uma pequena imprensa chamada "Kelmscott", seguindo as tradições dos artesãos antigos. Além de imprimir uma pequena coleção de obras-primas da literatura mundial, Morris desenhou e gravou vários tipos de letra para essas obras. O primeiro livro impresso, uma pequena composição de sua autoria, foi a *Story of the Glittering Plain*, em 1891. Diante do enorme sucesso, publicou em 1892 o *Recuyell of the Historyes of Troye* de Caxton, para o que desenhou o tipo troiano, letra de caráter pronunciadamente gótico. A característica primordial das publicações de Kelmscott era a sua rica decoração de grande beleza.

Paralelamente ao livro, as publicações periódicas continuam se desenvolvendo sob novas formas tais como folhetins semanais, jornais diários, revistas especializadas, literárias, ilustradas e satíricas.

Na ilustração há uma extraordinária proliferação da imagem, graças sobretudo à gravura em topo e à litografia, método onde a gravura é feita sobre pedra especial que, quebrada, não deixa arestas, e tem a vantagem de possibilitar inúmeras cópias, sendo a primeira, entretanto, a de maior valor.

Vários procedimentos são utilizados em uma mesma obra. Todos os tipos de publicação são abundantemente ilustrados.

Neste século um dos nomes que se destaca como ilustrador é o do francês Paul Gustave Doré, (1833-1883), universalmente conhecido pela criação do tipo físico definitivo de D. Quixote. É famoso também pelas ilustrações da *Bíblia*, *O paraíso perdido* ⁽³¹⁾, *A divina comédia* ⁽³²⁾, as obras de Rabelais e de Balzac, além das *Fábulas* de La Fontaine. Empregou, em sua oficina, grande número de colaboradores e desenhistas que trabalhavam sob sua direção. Suas ilustrações eram de concepção grandiosa e mantinham-se em perfeita harmonia com as obras.

A invenção e a difusão da fotografia, a partir da segunda metade do século XIX, exercem influência marcante no livro, propondo um tipo de imagem completamente nova, na qual a realidade é representada sem a intervenção do gravurista.

A grande difusão do livro provoca a substituição do couro legítimo nas encadernações por imitações ou tecidos de cor que, ornamentados, apresentam belo aspecto decorativo. Nos fins do século XIX, a encadernação manual foi substituída pela encadernação a máquina, resultando em barateamento do custo e contribuindo, ao mesmo tempo, para o aperfeiçoamento técnico e artístico.

2.2.6 Século XX

Neste século, o desenvolvimento da indústria editorial é fato indiscutível. A fabricação do livro é feita pelas modernas técnicas de impressão: offset, fotolito, fotografia, fotogravura, que possibilitam as tiragens em massa.

O livro transforma-se em portador de uma mensagem múltipla, resultante da congregação do seu teor literário e da informação visual, devido ao emprego de novas técnicas de diagramação e ilustração. Os tipógrafos concluíram, portanto, que a perspectiva é de se poder “ler

⁽³¹⁾ MILTON, John. *O paraíso perdido*: poema épico em doze cantos; com ilustrações de Gustavo Doré, tradução em verso português pelo Dr. Antônio José de Lima Leitão, revista, prefaciada, anotada e ampliada com a biografia do poeta e a análise do poema por Xavier da Cunha. Lisboa: David Corazzi, 1884. xxiv, 445p., il. (50 est.), 33 cm. (Monteiro, 1972)

⁽³²⁾ ALIGHIERI, Dante. *Divina comédia*; tradução brasileira de José Pedro Xavier Pinheiro. 2.ed. cuidadosamente revista, acrescida com setenta e cinco estampas de Gustavo Doré e enriquecida com um autografo do tradutor. Rio de Janeiro: J. Rineiro dos Santos, 1918. 2v., il. (Pará, 1989)

enquanto se corre”, se quiser tirar resultado da venda. Esta atitude originou novo respeito à legibilidade, ao tipo grande, bom para se ler facilmente, aos cabeçalhos compostos em maiúsculas e minúsculas. A função principal do livro passa a ser a de apresentar ao leitor um texto escrito numa forma em que o possa ler, se necessário durante horas, com perfeita facilidade.

Face à concorrência dos meios de comunicação de massa, há uma preocupação dos editores com o aspecto formal do livro. A cor sai das ilustrações e passa a figurar na capa, pois esta assume importante função no comércio do livro.

Há um grande crescimento das publicações periódicas, tais como jornais e revistas, os quais contam com maior número de leitores do que o livro tradicional. Diante disso, os editores de livros reagem com a publicação de obras em fascículos e com o chamado “livro de bolso”. Este surge na Inglaterra por volta de 1930 e progressivamente se estende a quase todos os países. Caracteriza-se pelo preço acessível e também pela diversidade dos temas.

Poucos editores dedicam-se ainda à produção de livros de arte, chamados também livros artesanais ou “gift books”. São livros de tiragem limitada e de alto custo, muito apreciados por bibliófilos ou colecionadores.

2.2.7 Coleção Brasileira

No Brasil a história do livro está intimamente relacionada ao domínio português sobre a Colônia. Citando conclusões de vários outros autores, Martins (1957) afirma que o que se sabe a respeito da introdução da imprensa no Brasil é muito pouco - e muito confuso. Tem-se notícia da instalação de uma oficina tipográfica pela Academia de Seletos (1752-?), que foi destruída e queimada, por ordem do governo da Metrópole, para que não se propagassem por este meio idéias contrárias ao regime colonial. Existe uma polêmica em torno do estabelecimento, em 1706, de uma “*tipografia no Recife, que começou por imprimir letras de câmbio e breves orações devotas, mas que desapareceu logo, por ter a Ordem Régia de 8 de julho do mesmo ano recomendado ao governador de Pernambuco que mandasse seqüestrar as letras impressas e notificar os donos delas e oficiais da tipografia, e que não consentisse que se imprimissem livros nem papéis*”. (Martins, 1957). Mencionam-se ainda outras ocorrências de oficinas, tais como: a de Antônio Isidoro da Fonseca (Rio de Janeiro, 1747) e da Companhia de Jesus (Rio de Janeiro, 1724). A primeira, segundo Litton (1975), publicou apenas três pequenas obras

Relação da entrada...⁽³³⁾ de L.A. Rosado da Cunha, *Em aplauso*⁽³⁴⁾ e *Conclusiones metaphisicas...*⁽³⁵⁾ de Francisco de Faria. Foi proibida de funcionar em 6 de junho do mesmo ano (1747), pela Ordem Régia de 10 de maio, que ordenava o sequestro de "todas as letras de imprensa, que fossem encontradas no estado do Brasil, e intimar a seus donos e aos oficiais impressores a proibição de imprimirem qualquer livro ou papel avulso, sob pena de serem presos e remetidos para o Reino". E assim acabou o primeiro período da tipografia no Brasil. (McMurtrie, 1969).

Com a vinda da Família Real, inicia-se uma nova fase, fundando-se, em 1808, a Imprensa Régia, origem da atual Imprensa Nacional. Até então, todos os livros eram importados da Metrópole, que exercia dessa maneira uma forte censura sobre o que era lido no país. Até mesmo os autores brasileiros deveriam mandar imprimir suas obras em Portugal. Segundo Horch (1982), a primeira obra impressa por um brasileiro foi a "*Oração Apodixica aos scismaticos da patria*"⁽³⁶⁾, da autoria de Diogo Gomes Carneiro e publicada em Lisboa por Lourenço de Anveres, no ano de 1641. Existe ainda um grande número de livros e folhetos impressos durante o período colonial e relativos ao Brasil: descrições relacionadas à terra, seus habitantes e suas riquezas que, em sua maioria, foram proibidos de circular pela Monarquia Portuguesa para não despertar a cobiça de outros povos.

⁽³³⁾ CUNHA, Luiz Antonio Rosado da. Relação da entrada que fez o excellentissimo e reverendissimo senhor D. Fr. Antonio do Desterro Malheyro, bispo do Rio de Janciro, em o primeiro dia deste prezente Anno de 1747 havendo sido seis Annos Bispo do Reyno de Angola, donde por nomiação de Sua Magestade, e Bulla Pontificia, foy promovido para esta Diocesi. Composta pelo doutor Luiz Antonio Rosado da Cunha Juiz de Fora, e Provedor dos defuntos, e auzentes, capellas e Residuos do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, na segunda officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1747. Com licenças do Senhor Bispo. (Moraes, 1958)
Segundo McMurtrie (1969), trata-se de um pequeno folheto de 20p., in-4º., de que se conhecem 5 ou 6 exemplares.

⁽³⁴⁾ EM APLAUSO do Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. Frey Antonio do Desterro Malheyro, Dignissimo Bispo desta Cidade: romance heroico. [Rio de Janciro]: [s.n.], [17--?]
Segundo Moraes (1958), apesar de não ter indicação de local, data ou impressor este trabalho é de Antonio Isidoro da Fonseca, produzido em sua segunda officina no Rio de Janeiro, em 1747. É, consequentemente, um dos primeiros impressos feitos no Brasil.

⁽³⁵⁾ FARIA, Francisco de. Conclusiones Metaphisicas de Ente Reali Praeside R.P.M. Francisco de Faria Societatis Jesu in Regio Fluminensi Collegio Artium Lectoris defecendendas offert Franciscus Fraga ex praedicta Societate, die 25 hujus mensis Vespertinis Scholarum horis, Approbante R.P.M. Joanne Boregs Studiorum Generalium Decano. Flumine Januari. Ex secunda Typographia Antonii Isidorii da Fonseca. Anno Domini M. DCC.XLVII. Cum facultate Superiorum. (Moraes, 1958)

⁽³⁶⁾ CARNEIRO, Diogo Gomes. Oração apodixica aos scismaticos da patria; oferecida à Francisco Lucena. Lisboa: Lourenço de Anveres, 1641. 38p., in-4o. (Blake, 1883-1902)
Segundo Sacramento Blake, o autor nasceu no Rio de Janciro em 1618 e faleceu em Lisboa, em 1676, "*sendo doutor em leis pela Universidade de Coimbra e chronista-mor dos Estados do Brazil, cargo que serviu depois de haver por muitos annos exercido o de secretário de Marquez de Aguiar*".

Em 1811 funcionava a primeira tipografia de M.A. Silva Serva, na Bahia, e a de Ricardo Fernandes Catanho, em Pernambuco (1816). Até a proclamação da independência do Brasil, em 1822, a Imprensa Régia publicou cerca de 1154 trabalhos. Rizzini apud Martins (1957), afirma que a maior parte é constituída de “opúsculos e avulsos insignificantes, papéis de expediente, editais, sermões, epicédios e epinícios, muitos impressos numa só página”. Ao mesmo tempo, deu início à vida editorial brasileira imprimindo algumas obras de grande valor. A seguir, uma relação das obras mais importantes saídas dos prelos da Imprensa Régia nesse período:

- 1808 - *Observações sobre o Comércio Franco do Brasil*, de Silva Lisboa.
- 1809 - *Elementos de Álgebra*, de Euler; *Elementos de Geometria e Tratado de Trigonometria*, de Legendre, estes traduzidos por Araújo Guimarães.
- 1810 - Dois opúsculos de Arruda Câmara sobre jardins e linho; *Preâmbulo do Ensaio Filosófico e Político sobre o Ceará*, de Silva Feijó; *Roteiro e Mapa do Maranhão ao Rio de Janeiro*, de Silva Berford; *Tratado de Aritmética*; de Lacroix, tradução de Silva Torres; *Tratado Elementar de Física*, do padre Haüy.
- 1811 - *Compêndio da obra da Riqueza das Nações*, de Adam Smith, vertida por Bento da Silva Lisboa.
- 1812 - *Elementos de Geometria Descritiva*, extraídos da obra de Monge por José Vitorino dos Santos e Sousa; *Tratado Elementar de Mecânica*, de Francoeur, vertido por José Saturnino da Costa Pereira.
- 1813 - *Tratado de Ótica*, de La Caille, tradução de André Pinto; *Tratado Elementar da Arte Militar*, de Gay de Vernon, vertido por Pacheco Leitão.
- 1814 - *Compêndios de Matéria Médica*, do Dr. Bontempo; *Discurso Fundamental sobre a População*, de Herrenschwand, tradução de Luis Prates de Almeida; *Elementos de Astronomia*, compilados por Araújo Guimarães.

1815 - *Elementos de Geodésia*, compilados pelo mesmo; *Primeiras Linhas sobre o Processo Orfanológico*, de Pereira de Carvalho.

1816 - *Filosofia Química*, de Fourcroy, tradução de Henriques de Paiva.

1817 - *Corografia Brasílica*, do Padre Aires do Casal.

Vê-se, por esses títulos, a curiosa atmosfera de liberalismo e cientificismo que dominava naquele momento os meios intelectuais brasileiros. Dessa forma, a Imprensa Régia introduziu, facilitando a mudança do clima intelectual, as "novas idéias" predominantes nos livros de ciência, de economia política e de direito.

Com o movimento academicista, desde o início do século XVIII, houve um grande interesse dos intelectuais do país pelas correntes literárias européias. Nos "*Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*"⁽³⁷⁾ constam as listas das obras confiscadas aos Inconfidentes, a maioria delas proibida pela censura da época.

Já no século XIX, com a abertura dos portos às nações amigas e com a introdução da imprensa, modifica-se toda a conjuntura cultural. Logo as tipografias se espalham pelo território viabilizando o exercício da leitura e a transmissão do conhecimento de forma generalizada.

Segundo Caldeira e Carvalho (1982), neste século, há um destaque especial na literatura brasileira para as memórias escritas por oficiais e soldados; os relatórios de visitas de estudiosos e pesquisadores de países mais adiantados; e o afluxo de colonos chegados ao país. Graças às explorações geográficas pelo interior, às investigações etnográficas, aos estudos sobre as línguas nativas e à vinda de imigrantes, tem-se um número representativo de trabalhos de autores estrangeiros sobre o Brasil. De acordo com Moraes apud Caldeira e Carvalho (1982), "as publicações de autores estrangeiros impressas no exterior, sobre o Brasil, do início do século XVI até fins do século XIX, e as publicações de autores brasileiros impressas no estrangeiro, até 1808, época em que se iniciam as impressões no Brasil", formam a Coleção Brasileira.

Para Bruno (1990), a brasileira rara se forma pelos livros escritos sobre o Brasil (portugueses, viajantes, outros), os livros escritos no Brasil e os livros escritos por brasileiros, publicados fora do Brasil, antes da tipografia se fixar aqui.

⁽³⁷⁾ AUTOS de devassa da Inconfidência Mineira. Brasília: Câmara dos Deputados; Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1976-1983. 10v.

“Sobre o Brasil se escreveu, de início, sobre a posse e reconhecimento da terra, pelos portugueses, e as narrativas de conquista por franceses e holandeses, nos séculos XVI e XVII. Por essa época, a vida nas cidades já estava estabelecida e se escrevia sobre os costumes, sobre os índios, as minas de ouro e diamante, que despertavam a cobiça de toda a Europa. A partir do século XVIII, memoráveis expedições científicas cruzam o país, sob o lombo das mulas, em carroças, canoas, etc. As grandes redes fluviais, montanhas, florestas e planaltos se revelam em mapas e livros. A flora e a fauna exóticas trazem os naturalistas, acompanhados de desenhistas e gravadores, e nos deixam o legado de álbuns iconográficos, que retratam a natureza privilegiada de nossa terra. No século XIX, buscam-se contatos econômicos, e muitos governos mandam averiguar as condições para a imigração, resultando em muitos tratados sobre a população, a terra, as riquezas”. (Bruno, 1990).

2.3. RARIDADE BIBLIOGRÁFICA

2.3.1 Considerações sobre o conceito de raridade bibliográfica

Ao longo de todo o processo de colonização das terras brasileiras, foram se formando pequenas, médias e grandes bibliotecas. De acordo com Pinheiro (1989), "estas bibliotecas representam hoje, não somente autênticos documentos de influência sócio-cultural européia, mas constituem, também, acervos de idéias que influenciaram os homens que fizeram a nossa história". A mesma autora afirma ainda que "não existem investigações bibliográficas que abordem critérios de raridade - desses acervos e outros mais modernos e de similar importância histórica - de forma metodológica e sistemática".

De fato, pode-se verificar na escassa literatura existente sobre o assunto, uma grande diversidade de opiniões em torno da questão da raridade bibliográfica. Na grande maioria dos casos, os autores se limitam a advertir quanto ao perigo de se adotar o conceito de "raro" de forma universal e exclusiva, o que denota, segundo eles, imprudência, face a sua relatividade. O caráter relativo, presente no conceito de raridade é fartamente explorado, como pode-se observar a seguir:

"Como sabemos, o conceito de raridade, sendo relativo ao tempo e espaço, é passível de interpretações, quanto ao equilíbrio de valores extrínsecos como: escrita, ilustração, encadernação; e principalmente os intrínsecos: bibliográficos e particularidades, que tornam as obras raras, preciosas ou curiosas, deixando portanto de ser absoluto." (Silva, 1981)

"A raridade não é um termo absoluto, invariável e de grau constante, devendo ser relativa aos países e regiões. (...) Alguns critérios são indiscutíveis: os incunábulo, as edições princeps dos clássicos, a primeira produção tipográfica de uma determinada área geográfica e obras com tiragens reduzidas. Outros critérios passam pelo crivo de pontos de vista diferentes: livros de história local, obras escassas no mercado livreiro, livros com particularidades que se distinguem de outras edições, obras destruídas das quais só restam poucos exemplares." (Silva e Lane, 1990)

"Para caracterizar a raridade de um livro, há certas medidas de aferição, certos princípios, às vezes passíveis de alterações, dependendo das circunstâncias, variáveis no tempo e no espaço. Não há regras exatas. Excetuando as obras absolutamente raras [incunábulos, edições princeps, obras das famosas tipografias dos séculos XV a XVII e as primeiras edições desses séculos], existem as que por sua natureza relativa, temos que sujeitá-las a apurados exames, a fim de concluirmos sobre sua raridade ou não." (Moura, 1986)

Na tentativa de delimitar o conceito de raridade, outros autores criam esquemas e classificações para os livros raros, como por exemplo: "é preciso ter presente uma grande e fundamental divisão: livros raros pelo conteúdo e livros raros pela edição" (Leoni, 1960). Segundo este autor, os livros podem ser raros pelo conteúdo: devido à língua, ao assunto e a circunstâncias especiais; e raros pela edição: devido ao tempo (incunábulos e edições princeps), ao lugar (do ponto de vista geográfico ou pela tipografia) e à quantidade (tiragem reduzida ou circunstâncias imprevisíveis).

Além da relatividade atribuída ao conceito de raridade, em todas as citações, constata-se a presença do elemento "tempo". Obviamente, apenas a antigüidade de uma obra não caracteriza a sua raridade. Pinheiro (1989) lembra que "rara pode ser mesmo uma publicação da década de oitenta". No entanto, a sua antigüidade determina os peculiares aspectos bibliológicos que dão ao livro o caráter artesanal, comum às raridades, como a página de rosto, o colofão, as licenças e disposições de textos, as colunas, etc.

Outro aspecto importante tem origem na própria definição lexicológica de "raro": "que há pouco, que não abunda" (Horch, 1982).

Além da deterioração natural do papel - vítima da ação do homem, dos insetos, dos roedores, das condições climáticas, etc. - o fogo, a água e as guerras são fatores que contribuem grandemente para que uma obra se torne rara. As guerras principalmente, seja pela pilhagem, seja pelo bombardeio ou pela simples deslocação para abrigos antiaéreos (a maioria inadequada ao armazenamento dessa coleção) foram agentes de destruição. Daí encontrarem-se muitos catálogos de obras raras que caracterizam determinado livro como "exemplar único", o que, do ponto de vista de Pinheiro (1989) é uma afirmação hipotética, pois parte da incerteza da inexistência de outros exemplares. Essa definição perde a validade quando

são encontrados acervos armazenados em porões, em bibliotecas particulares e "indevassadas", em fundos de armários, em "sebos", etc.

Um último aspecto, citado por Horch (1982), que diz respeito ao conteúdo do livro, é a censura. Muitas foram as obras queimadas ou guilhotinadas por propugnarem idéias avançadas para a sua época, ou mesmo por agredirem as instituições legalmente constituídas, tanto políticas como eclesiásticas. Esses livros foram proibidos por atentarem contra a moral ou por criticarem interesses de certas classes sociais, políticas ou religiosas. (Silva, 1981)

Os pontos apresentados estão de certa forma embutidos na perspectiva de Pinheiro (1989), ao afirmar que:

"A determinação de critérios para enfoque da raridade bibliográfica das bibliotecas brasileiras implica na abordagem do caráter bibliológico das obras e na ênfase da influência social, econômica e cultural sofrida por todas as autoridades que contribuíram na elaboração física e intelectual de uma obra."

Nessa mesma linha, conclui que:

"O que é raro no Brasil deve ser, igualmente raro na Alemanha, na França ou na Itália; o raro numa biblioteca do interior da Amazônia terá, certamente, uma 'raridade relativa', mas o local não destitui aquele acervo do caráter de raridade internacional; ao contrário, acrescenta-lhe significado social e importância histórica."

2.3.2 O valor comercial como indicador de raridade bibliográfica

É inegável a influência que os livreiros exercem sobre a valorização/identificação de obras raras ou preciosas, uma vez que o preço é, indubitavelmente, um forte indicador de raridade. Ao incluírem em seus catálogos os termos "raro", "extremamente raro" ou "raríssimo", ou por outro lado, "exemplar único", podem obter cifras elevadas por uma obra. Horch (1982) lembra que não há, entretanto, um conceito definido para o emprego de cada termo, ficando a cargo do livreiro adotar um critério individual de classificação.

Cave apud Gomes (1983) cita os fatores de maior peso no comércio de livros raros, quais sejam: raridade, reputação (do livro e do autor), moda, condição da obra e proveniência. Apresenta ainda as seguintes avaliações para a raridade de livros:

- a) absoluta raridade: é inerente a qualquer livro que tenha sido impresso em quantidade extremamente pequena de cópias, cujo número de possíveis exemplares ainda existentes pode ser estimado com precisão;
- b) raridade relativa: não se considera o número de exemplares da edição original, mas o número de cópias existentes e a frequência com que aparecem no mercado;
- c) raridade temporária: somente a passagem do tempo irá determiná-la;
- d) raridade local: refere-se à importância de uma obra dentro de, ou para, uma determinada localização geográfica, sendo mais provável que se encontrem determinadas obras nos seus locais de origem do que em outros países, onde elas se tornam raridades pela dificuldade em obtê-las.

Gomes (1982) explica ainda que essas avaliações referem-se a um mercado muito exigente - o europeu - e conseqüentemente são muito rigorosas.

Na Europa é comum a prática de leilões por grandes livreiros antiquários, que se utilizam deste meio para oferecer, entre centenas de livros, muitas raridades. Até mesmo as bibliotecas universitárias, especialmente na Inglaterra, se valem de tal método para angariar fundos para a conservação e/ou ampliação de coleções de obras raras. Tal prática foi recentemente alvo de uma grande polêmica, pois obras de coleções importantes foram vendidas sem a devida consulta aos doadores. A venda por leilão de incunábulo da John Rylands University Library of Manchester, em abril de 1988, atraiu a atenção mais uma vez para as dúvidas e dificuldades da venda de tais materiais de grandes bibliotecas. No plano de venda, autorizado pelo Conselho Universitário, constavam aproximadamente cem volumes, impressos antes de 1501, que existiam na coleção em mais de uma cópia. Outros casos, num passado recente, incluem a Signet Library, em Edimburgo, e Sion College, em Londres. Face à crise econômica e a reavaliação da conveniência do fornecimento, muitas bibliotecas não hesitariam em agir da mesma forma no futuro.

A partir desse fato, foi compilado, pela Rare Book Group of the Library Association (1988), um documento que relaciona princípios e questões de aplicação generalizada, quanto à venda de livros raros. Dentre esses critérios, encontram-se:

a) Quanto à seleção de livros para venda:

- dar preferência a novas doações de livros que fujam ao interesse da biblioteca, ou duplicatas adquiridas como resultado da compra de uma coleção mista;
- nunca vender livros das coleções principais ou daquelas que tenham sido reunidas com uma proposta específica, seja erudita ou bibliográfica. Tais vendas ofendem a integridade da biblioteca e criam um clima de desconfiança que dificulta a negociação com doadores em potencial;
- não vender livros que tenham sido registrados em algum catálogo ou bibliografia. Pesquisadores contam com as fontes de referência para localizarem o material que desejam usar e o desaparecimento de um livro da coleção de uma biblioteca específica destrói a proposta do inventário de tais fontes. Vários livros vendidos pela Rylands, por exemplo, estavam registrados no "International Union Catalogue of 15th-century books";
- considerar com especial atenção livros que sejam valiosos pela encadernação, pela procedência ou pelas anotações de antigos proprietários;
- embora seja mais fácil angariar fundos com a venda dos livros mais valiosos, deve-se tentar levantar a mesma soma com livros menos importantes, porém em maior quantidade, apesar do significativo aumento de atividades técnico-administrativas;
- fugir à tentação de vender livros apenas para conseguir aumentar o espaço de armazenamento do restante da coleção;
- resistir à esperada pressão comercial para vender, no caso de duplicatas, o exemplar mais valioso. Entretanto, para o estudo de incunábulo, a oportunidade de colocar duplicatas aparentes lado a lado pode ser de valor inestimável. Uma inspeção casual feita por pessoal não especializado não vai necessariamente revelar se dois livros são, ou não, duplicatas;
- procurar o conselho de um especialista, caso a biblioteca não possua um, que não esteja comercialmente interessado pela coleção;

- examinar cuidadosamente os termos originais da doação dos livros que se quer vender, através de correspondências, notícias, etc., para definir se a venda é moralmente aceitável;
- quanto à venda, proceder a uma ampla consulta, dentro da biblioteca, em outras bibliotecas do gênero e na comunidade acadêmica.

b) Quanto à venda:

- realizar ampla divulgação da venda dos livros, com alguma antecedência;
- ter em mente que os leilões podem não ser necessariamente o melhor método, mas no caso de ser o escolhido, deve ser arranjado de forma a levantar a soma esperada, e não significativamente mais;
- no caso de venda por consignação a comerciantes especializados, convidar mais de uma firma a apresentar suas propostas.

c) Quanto aos doadores reais e potenciais:

- uma venda mal dirigida pode provocar reações hostis por parte de doadores corporativos ou particulares;
- organizações locais do tipo "Amigos da Biblioteca" devem ser consultadas;
- doadores em potencial podem procurar garantir que suas doações serão guardadas eternamente, sendo que tais garantias não devem ser dadas automaticamente ou sem o devido respaldo.

Esse documento retrata alguns costumes e características próprios do comércio europeu de livros raros, tais como: os leilões, o interesse e a participação dos doadores, das sociedades filantrópicas e da comunidade em geral, e principalmente a seriedade com que o assunto é tratado.

Para melhor compreensão das dificuldades que envolvem a avaliação comercial do livro raro, foram selecionadas algumas notícias sobre o mercado nacional juntamente com opiniões dos principais livreiros onde, percebe-se a ausência de um parâmetro definido, o que tem levado a pareceres descontraídos e grandes variações no preço cobrado. Apesar disso, alguns dos critérios de raridade praticados nas livrarias brasileiras são, como se verá adiante, os mesmos utilizados pelas instituições detentoras de acervos raros.

No Brasil, independentemente da qualidade de obras raras que possam referir-se ao país ou que tenham sido editadas aqui, constata-se que o mercado de livros raros é bastante restrito. Os livreiros que realmente oferecem obras raras, segundo Horch (1982), concentram-se no Rio de Janeiro e São Paulo, embora existam importantes livrarias de livros usados também nos Estados da Bahia, Pernambuco, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. No Rio de Janeiro, as principais livrarias antiquárias são: Kosmos, Universal e Sebo Fino; já em São Paulo encontram-se: Correa do Lago, Kosmos e Leart (Veja, 1987).

A atuação dessas livrarias pode ser considerada dentro dos padrões internacionais: catálogos com a precisa descrição de cada livro, em português e inglês (além do preço em dólares) são enviados aos clientes cadastrados, que procuram o livreiro, por carta ou telefone, para acertar visitas com hora marcada.

"A imagem de que os colecionadores de livros raros são figuras incansáveis, munidas de paciência e perseverança, que percorrem sebos bagunçados e cheios de volumes empoeirados pelo chão é tão antiga como as mais velhas bibliotecas. Só que tal imagem não corresponde mais à realidade. (...) Não se conta em todo o país mais do que uma dúzia de antiquários e, embora restrito quase sempre aos mesmos fregueses, o mercado de raridades literárias movimenta altas cifras." (Veja, 1987)

Nessa mesma reportagem publicada pela revista Veja (1987) encontra-se uma estimativa do preço médio dos livros raros no mercado brasileiro, onde os mais raros oscilam entre 3.000 e 5.000 dólares. São preços baseados nas cotações internacionais, a partir de catálogos de livrarias e casas de leilão européias e americanas. Determinar o preço de um livro antigo exige experiência, conhecimento do livro e do mercado, e uma análise do estado de conservação da obra.

Em reportagem intitulada "A dança das estantes" (Veja, 1992), no entanto, são mostradas as disparidades que podem ocorrer na tabela de preços sempre que uma biblioteca de porte muda de mãos no Brasil. Isso, apesar de os critérios de avaliação nesses casos obedecerem quase sempre a um mesmo receituário, utilizado em todo mundo - diversidade de temas do acervo, estado geral de conservação das obras, existência ou não de

dedicatórias e anotações de próprio punho do dono da biblioteca à margem dos volumes, para não falar da incidência de raridades.

A polêmica foi levantada com a venda da biblioteca do diplomata e ensaísta José Guilherme Merquior (1941-1991), composta em sua maioria por obras de ficção e não-ficção em edições dos últimos quarenta anos, à Fundação Banco do Brasil por US\$ 300.000, em novembro de 1991. O disparate fica evidente quando se compara aos 120.000 dólares com que a Universidade de Campinas arrematou, em outubro de 1983, a biblioteca particular de outro intelectual de peso no país, o historiador Sérgio Buarque de Holanda, que morreu em 1982. Outro exemplo ilustrativo é o caso da venda da biblioteca do filólogo Celso Cunha, que morreu em 1989, para a Universidade Federal do Rio de Janeiro. O negócio, que se concretizou em setembro de 1991, transferiu para o campus da UFRJ 25.000 obras, em diversos idiomas, nas áreas de filosofia, lingüística e literatura, além de um lote de livros raros sobre o período medieval, ao preço de 550.000 dólares. Cada um dos volumes, encadernados com couro cabra, saiu para a UFRJ pelo preço de 22 dólares - quase 30% a menos do que o valor pago por uma obra da Biblioteca Merquior. Sem citar exemplos em que a venda não passa de um negócio simbólico - em junho de 1989, a Casa de Rui Barbosa e a FINEP adquiriram os 35.000 volumes da biblioteca do filósofo e advogado Plínio Doyle por 27.000 dólares.

A reportagem conclui que

"um pouco desse afã de vender acervos particulares, que tem culminado nessa ciranda de avaliações desencontradas, ocorre no Brasil porque o proprietário de uma grande biblioteca não tinha outras razões para doá-la a uma instituição além do fato de querer contribuir para a cultura nacional e assegurar que a sua coleção não se perdesse, espartejada, pelas prateleiras dos sebos do país". (Veja, 1992).

"A rigor, o mercado não está aberto somente para milionários, embora os cerca de doze bibliófilos existentes no Brasil sejam, de fato, ricos. Livros bons de séculos passados, que são justamente os caríssimos, já estão nas mãos de Borba, Mindlin, do escritor Plínio Doyle* ou de colecionadores mais novos como o ex-deputado Márcio Moreira Alves e Pedro Corrêa do Lago. Dentro da escassez, porém, há um lucrativo filão a ser explorado." (Prado, 1986)*

* notícia anterior ao seu falecimento

Foi com a fundação da Livraria Kosmos, a primeira do país a comercializar livros usados nacionais e estrangeiros, em 1935, no Rio de Janeiro, que começou a haver maior valorização da obra literária antiga. Segundo Salgueiro (1986) os principais fatores que contribuem para a valorização do livro usado, conforme opinião de vários livreiros entrevistados, são: tiragem limitada de determinado exemplar; valor cultural; anotações do autor ou do proprietário ilustre; estado de conservação; e até mesmo um erro de impressão. Alguns exemplos são citados como ilustração desses critérios.

"A segunda edição de 'Poesias completas', de Machado de Assis, lançada em 1902, por um erro gráfico acabou sendo supervalorizada, suplantando o preço da primeira edição, lançada no ano anterior. Em um trecho, onde deveria aparecer 'que lhe cegara o juízo', trocou-se a letra 'e' da palavra 'cegara' por 'a'. Como essa passagem do livro foi emendada a mão, os que conservam o 'a' têm um alto valor, porque sobraram poucos. Outro fato curioso ocorreu com o livro 'Ilusão americana', de Eduardo Prado. Devido ao teor antiamericano da obra, publicada no final do século passado, todos os exemplares foram queimados. Os poucos que sobraram estão sendo cotados a base de dólar no mercado internacional. No caso de 'O Guarany', romance de José de Alencar, publicado em Lisboa em 1885, é considerado uma raridade por ser uma edição clandestina". (Salgueiro, 1986)

Reforçando a argumentação já mencionada, também Salgueiro (1986) afirma que as cotações de livros raros variam bastante, dependendo muito do interesse despertado. Há 45 anos atuando no mercado de livros raros o proprietário da Livraria Brandão - com lojas em São Paulo, Recife e Salvador - concorda: "os preços são ditados pelo mercado", pois os livreiros determinam as cotações conforme a procura. Nesse ponto, os catálogos, tanto nacionais quanto internacionais, orientam o investidor sobre a cotação de um livro raro, podendo ser usados para promover não só a venda como também a compra.

Stefan Geyerhahn, um dos donos da Livraria Kosmos e um dos mais tradicionais antiquários de livros no país, ensina que:

"Não se pode pensar a curto prazo, nem dá para calcular o quanto se vai ganhar. Mas quem for comprando esses livros hoje, baratos e fáceis de encontrar, ganhará muito dinheiro dentro de 10 ou 15 anos, quando estaremos virando o século. Serão adquiridos em cruzados e vendidos em dólares". (Prado, 1986)

2.3.3 Metodologias para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica

Na tentativa de identificar livros raros, algumas "metodologias" podem ser encontradas na literatura: umas apenas a título de recomendações e outras direcionadas exclusivamente para a sua instituição de origem.

Dentre as metodologias adotadas por instituições ⁽³⁸⁾, encontram-se:

a) Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP - Biblioteca Central

Segundo a bibliotecária Silva (1981), ao se deparar com uma obra que aparenta raridade, é feita uma análise, obedecendo um código de regras pré-definidas, tais como:

- se foram impressas antes de 1600;
- se são nacionais, anteriores a 1820;
- se são livros de edição limitada (300 ou menos)
- se são primeiras edições;
- se são exemplares autografados;
- se são manuscritos;
- são verificados a capa, o tipo de papel, as ilustrações, gravuras, retratos, etc.

A segunda etapa refere-se à pesquisa em obras de referência, como o Brunet (1842-44), produção francesa e latina ou anterior ao século XIX e o Graesse (1950), com destaque para obras alemãs e orientais (ver Anexo III).

b) Universidade Federal Fluminense - Núcleo de Documentação

De acordo com os critérios de seleção estabelecidos pelo NDC - Núcleo de Documentação da UFF, seriam consideradas obras raras e/ou valiosas:

⁽³⁸⁾ Essas instituições tiveram suas metodologias incluídas na Revisão de Literatura por não se encaixarem nos critérios definidos para a delimitação da população a ser estudada no presente trabalho.

- publicadas até o século XVII;
- brasileiras do séculos XIX (especialmente até 1850);
- edições princeps;
- primeiras edições;
- edições preliminares;
- texto definitivo;
- críticas (estudo comparativo dos originais e/ou de todas as edições da obra);
- edições especiais (definem-se por si próprias e são importantes porque restritas em sua destinação e objetivos);
- edições apreendidas (exemplares são retirados de circulação por decisão legal ou arbitrária de uma autoridade constituída), suspensas (edição é sustada após o início de sua impressão por decisão de uma autoridade, do próprio autor, de sua família, ou de seu herdeiro legal) ou recolhidas (quando o próprio editor promove a retirada de circulação, por medida de precaução, por imposição do autor, de sua família ou de seu herdeiro legal);
- obras repudiadas pelo autor;
- clandestinas;
- ilustradas por artistas de renome ou pelos próprios autores;
- importantes como documentário das atividades editoriais da UFF e que, evidentemente, são reflexo de sua ação e atuação;
- edições fluminenses;
- autores fluminenses;
- Rio de Janeiro (obras mais relevantes sobre o Estado em seus diferentes aspectos);
- clássicos em todos os ramos da atividade humana;
- obras consagradas no ensino da UFF (cada setor se encarregará de sua identificação e indicação);
- edições premiadas;
- traduções/tradutores (traduções consagradas e definitivas e tradutores que, por si só, garantem a integridade e o valor das obras traduzidas. Devem ser consideradas, ainda, as traduções estrangeiras de autores brasileiros);
- obras esgotadas e não reeditadas;

- fac-similares (são aquelas que reproduzem, a partir do processo fotográfico, uma edição consagrada, ou a única existente, de obra importante, permitindo, assim, sua divulgação).

Seriam considerados exemplares raros e/ou valiosos:

- com dedicatórias manuscritas dos autores;
- autografados pelos autores;
- com dedicatórias e/ou autógrafos importantes;
- com anotações importantes (que podem ser do autor, de um possuidor ou leitor interessado, acrescentando, corrigindo, esclarecendo ou comentando o texto);
- com marcas de propriedade: assinaturas, nomes, iniciais, ex-libris, carimbos, brasões, etc.;
- que comprovadamente pertençam a personalidades importantes;
- de tiragem especial em edições comuns;
- que contenham ilustrações especiais feitas por artistas ou personalidades importantes;
- com encadernações de luxo, exóticas ou curiosas;
- que contenham alguma particularidade ou característica própria, que os distinga dos demais.

Pelos exemplos citados, percebe-se a disparidade de metodologias existentes, variando desde uma bastante generalizada até outra mais detalhada e específica à realidade de uma determinada instituição, onde existe inclusive, uma preocupação evidente com a questão da memória da mesma, no seu ambiente interno e externo.

A título de "recomendações metodológicas", Pinheiro (1989) apresenta alguns aspectos que deverão ser considerados pelo bibliotecário na compilação da metodologia que orientará a seleção e formação de um acervo considerado raro. Afirma também que "(...) a melhor das metodologias é aquela desenvolvida pela mesma instituição que guarda o acervo, por seus responsáveis, especialistas e usuários".

LIMITE HISTÓRICO:

- todo o período que caracteriza a produção artesanal de impressos - demarcado com as principais datas da evolução tecnológica do livro: do século XV, princípio da história da imprensa, até antes de 1801, marco do início da produção industrial de livros;
- todo o período que caracteriza a fase inicial da produção de impressos em qualquer lugar - por exemplo, o século XIX, quando foram publicados os primeiros incunábulo brasileiros, com a criação da Imprensa Régia;
- todo o período que caracteriza uma fase histórica, demarcada em função do conjunto bibliográfico (âmbito, objetivo, utilização, assunto, etc.) e/ou do interesse do colecionador.

ASPECTOS BIBLIOLÓGICOS:

- beleza tipográfica;
- natureza e características dos materiais utilizados como suporte na impressão, tais como: papel de linho, pergaminho, marcas d'água ⁽³⁹⁾, tintas, encadernações originais luxuosas, edições de luxo;
- ilustrações, desde que reproduzidas por métodos artesanais, não fotomecânicos, tais como: xilogravura, água forte, aquarela, etc.

VALOR CULTURAL:

- edições limitadas e esgotadas, especiais e fac-similares, personalizadas e numeradas, críticas, definitivas e diplomáticas;
- assuntos tratados à luz da época em que foram pensados e escritos: obras científicas que datam do período inicial de ascensão daquela ciência; histórias de descobrimentos e de colonização; teses; obras impressas em circunstâncias pouco convenientes a esta arte, tais como guerra, seca, fome...; memórias históricas de famílias nobres e usos e costumes; edições censuradas, interditas e expurgadas; obras "desaparecidas", face às contingências do tempo e da sorte; edições contrafeitas e emissões; edições princeps, primitivas e originais; edições populares, especialmente romances e folhetos literários, panfletos, papéis impressos, folhas volantes, etc.;
- edições de artífices renomados e/ou considerados na história das artes que representam, tais como tipógrafos, impressores, editores, desenhistas, pintores, gravadores, etc.;

⁽³⁹⁾ marca figurativa, visível por transparência nos papéis, que designa sua origem e fabricante.

- edições de clássicos, assim considerados nas histórias das literaturas específicas.

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA:

- nas fontes de informação bibliográficas, que vão apontar os seguintes caracteres da obra/ exemplar:
 - a) unicidade e rareza, sob o ponto de vista de bibliógrafos, bibliófilos e especialistas no assunto da obra;
 - b) preciosidade e celebridade, referindo-se àquelas obras mais procuradas por bibliófilos - por quaisquer razões - e/ou mais estudadas por eruditos;
 - c) curiosidade, referindo-se aquelas obras em que o assunto foi tratado de maneira "sui generis" ou de apresentação tipográfica incomum;
- nas fontes de informação comerciais, que vão avaliar, em espécie, cada unidade bibliográfica, o preço passa a ser indicador de raridade.

CARACTERÍSTICAS DO EXEMPLAR:

- referindo-se àqueles elementos acrescentados a unidades bibliográficas em período posterior a sua publicação:
- marcas de propriedade, tais como: ex-libris, super-libris, assinaturas (indicando que aquele exemplar pertenceu a um conjunto bibliográfico de personalidade famosa e/ou importante), marcas de fogo;
- marcas de artífices/comerciantes renomados e/ou considerados no mercado de livros, tais como encadernadores, restauradores, livreiros, etc.;
- dedicatórias de/a personalidades famosas e/ou importantes.

Pacey (1991) acrescenta algumas considerações tomando por base a realidade das bibliotecas canadenses. Segundo o autor, há, pelo menos, dez fatores gerais a se considerar no momento de desenvolver critérios de seleção:

1. Data de publicação;
2. Raridade: edições limitadas e número limitado de locações conhecidas;
3. Custo;
4. Impressão de importância histórica: primeiras edições ou referenciais;

5. Associação histórica: propriedade, assinaturas e anotação;
6. Valor estético ou artístico: desenho manual ou impressões coloridas, encadernações especiais;
7. Valor manufatureiro ou comprobatório: técnica de impressão, método de encadernação, erros tipográficos e tipo de papel;
8. Formato: miniaturas, in-folio, com grande número de folhas avulsas e mapas;
9. Valor exposto;
10. Fragilidade ou condição.

Não é necessário que todos estes critérios sejam encontrados. Alguns são significantes, mesmo sozinhos - como por exemplo: data de publicação, raridade, valor - enquanto outros podem ser usados em combinação. No Science Museum Library, da Inglaterra, uma combinação de fatores determina a raridade; no National Museum of Science and Technology, do Canadá, cada um destes fatores é suficiente para garantir a determinação de obra rara.

DATA DE PUBLICAÇÃO

Geralmente, a idade ou data de publicação é o critério mais fácil de ser usado para estabelecer o status de obra rara. O Science Museum Library da Inglaterra usa uma data base de pré-1800, para designar a obra rara, indiferente ao país de origem. Em alguns casos, o país de publicação e a localidade da biblioteca devem ser analisados conjuntamente. Para o Smithsonian Institute, Washington D.C., a data base é pré-1840, mas as datas para publicações do território dos Estados Unidos são de 1840 a 1912. O National Museum of Science and Technology usa a data pré-1900 como sua data base para publicações canadenses e a data pré-1850 para publicações estrangeiras. Essas últimas datas foram escolhidas de acordo com a evolução histórica de áreas de ciência e tecnologia.

VALOR

O valor ou custo de um item parece ser um critério óbvio; mas fixar o custo ou substituir o valor dos itens que são doados, ou que estão na coleção por décadas e que são cada vez mais valorizados é muito difícil.

O National Museum of Science and Technology pesquisou sua coleção tendo por base o valor de leilão. Além disso, o valor pode ser relacionado ao orçamento da biblioteca. Uma biblioteca importante, com um grande poder aquisitivo pode considerar US\$ 1.000 ou mais, um valor

realista para itens de sua coleção de obras raras. Mas para bibliotecas com um orçamento limitado, tal como a do National Aviation Museum, no Canadá, a perda de um item com valor acima de US\$ 300 causaria um sério impacto. Nesse exemplo, esta foi a importância identificada para a designação de coleção especial.

RARIDADE

O critério raridade é problemático, porque é difícil determinar com precisão o número de cópias disponíveis de algum item particular. A biblioteca do National Museum of Science and Technology, tendo pesquisado a National Union List, na Biblioteca Nacional do Canadá e os sistemas computadorizados DOBIS⁽⁴⁰⁾ e UTLAS⁽⁴¹⁾, classifica qualquer item como raro, desde que tenha apenas duas outras localidades canadenses conhecidas. Outras bibliotecas usam cinco cópias como parâmetro.

Uma considerável responsabilidade é exigida para se estabelecer os critérios de determinação de raridade de um item. Qualquer biblioteca deve garantir a segurança e a preservação de uma publicação que tenha um número limitado de cópias, especialmente para o propósito de pesquisa. Apesar dos sistemas DOBIS e UTLAS não serem a palavra final, eles são um indicador definitivo de quantidade. Uma biblioteca deveria ser cuidadosa ao colocar a publicação e o trabalho de pesquisa da instituição

⁽⁴⁰⁾ Segundo BRODIE (1989) o DOBIS é um sistema automatizado de administração de bibliotecas, bilingue (francês e inglês), cuja base de dados contém 5 milhões de registros bibliográficos. O DOBIS foi adquirido pela Biblioteca Nacional do Canadá em 1976, considerando-se três objetivos principais: ser usado como sistema de catalogação; servir de base à automação do Catálogo Coletivo; e produzir a bibliografia nacional "Canadiana". Existem duas categorias de bibliotecas usuárias do DOBIS: as que alimentam o sistema, recebem os produtos e compõem o Comitê de Usuários (são as quinze bibliotecas do Governo Federal Canadense e as que apenas pesquisam através do DATAPAC, rede pública de informação (são mais de 400 usuários)

⁽⁴¹⁾ De acordo com Jones e Browning (1988), UTLAS é uma empresa de serviços automatizados para bibliotecas e a indústria da informação, atuando desde 1973 no Canadá, e ainda nos Estados Unidos, Japão e Europa. A base de dados UTLAS contém mais de 36 milhões de registros armazenados em formato MARC (Machine Automatic Readable Cataloging) incluindo: Library of Congress, Imprensa Oficial do Governo dos Estados Unidos, REMARC (representa a porção "não-MARC" do catálogo da Library of Congress, o equivalente a 4,6 milhões de registros bibliográficos únicos), Biblioteca Nacional do Canadá, Biblioteca Nacional de Medicina (Canadá), UK MARC (Reino Unido), InterMARC (França), MARC Quebecois (Quebec), entre outros. Possui também uma base de assuntos e autoridades composta pela LC Names, LC Subjects, CAN/MARC English and French names, Repertoire de Vedettes Matière (versão francesa dos cabeçalhos de assunto da LC, criada e mantida pela Université Laval).

Notícia publicada na revista American Libraries, de fevereiro de 1993, anuncia a compra da UTLAS Internacional Canadá pela ISM Information Services Management Corp. O artigo destaca, dentre as 2500 bibliotecas usuárias da base de dados bibliográficos UTLAS, a Biblioteca Nacional dos seguintes países: Canadá, Quebec, Japão, Austrália, Nova Zelândia, além da Library of Congress e British Library.

em risco, deixando um item raro em circulação geral, a menos que se certifique da existência de um número suficiente de cópias.

FRAGILIDADE OU CONDIÇÃO

É recomendável reposicionar na coleção especial os itens em condição precária e frágil, para ajudar a protegê-los. A conservação, através do reparo e da encadernação, deve ser garantida para corrigir os problemas e melhorar a acessibilidade a longo prazo. Isto nem sempre é possível para todos os itens, especialmente para aqueles que se encontram em desintegração, devido à acidez do papel. A duplicação pela microfilmagem é recomendada, assim que possível, antes que a obra esteja excessivamente frágil.

INFORMAÇÃO VERSUS ARTEFATO HISTÓRICO

As bibliotecas devem identificar o objetivo de sua coleção especial ou de sua coleção de obras raras. Aquelas que decidiram não designar os itens como parte de sua coleção especial, exceto para guardar e preservar o conteúdo informativo, ainda assim devem estar a par dos outros critérios, quando forem examinar sua coleção.

Se a retenção de informação for o único objetivo da coleção especial, critérios tal como o valor histórico ou estético não poderão ser aplicados. Entretanto, a biblioteca pode ser desleixada se não proteger, em sua coleção, publicações importantes para a herança bibliográfica do país. Em tais casos, transferir para outra biblioteca, com a autorização e os recursos para salvaguardar cada item, pode ser justificado, após a microfilmagem ou fotocópia da informação.

2.4 POLÍTICA DO LIVRO RARO

2.4.1 No Exterior

A questão do livro raro/antigo no exterior enfrenta dificuldades de caráter operacional, entre elas a de estabelecer regras de catalogação descritiva, que atendam aos interesses de todos os países envolvidos no trabalho com obras raras. Uma tentativa de solucionar esse problema foi oferecida pela IFLA - International Federation of Libraries Associations com a criação do "ISBD(a) - International Standard Bibliographic Description for Older Monograph Publications (Antiquarian)" ⁽⁴²⁾, para livros impressos até 1840.

Já existem em andamento, nos países de tecnologia avançada, alguns trabalhos voltados para o livro antigo/raro, que, a então Chefe da Divisão de Referência Especializada da Biblioteca Nacional, Lygia da Cunha apresentou resumidamente em palestra proferida na Universidade do Rio Grande, em 1987.

De acordo com Cunha (1987) na França, o "Centre Nationale de la Recherche Scientifique", mais especificamente o "Service du Livre Ancien", centralizado na cidade de Montpellier, converge todo o inventário das coleções antigas do país. Também ali se centraliza o ensino para o tratamento do livro raro, formação técnica dos bibliotecários e restauradores e se normaliza, em regras específicas, a catalogação retrospectiva. O "Recensement des Livres Anciens des Bibliothèques Françaises" reúne os catálogos parciais das bibliotecas regionais e a Biblioteca Nacional de Paris se preocupa com o levantamento das obras anônimas dos séculos XV e XVI. A Biblioteca Nacional também edita as "Nouvelles du Livre Ancien" com informações sobre os estudos especializados na área da Renascença e século XVII, incluindo publicações especiais como bibliografias, inventários, catálogos, índices, etc.

A Inglaterra paralelamente ao seu programa nacional de bibliografia corrente, dispõe do "Short Title Catalogue of Books printed in England, Scotland and Ireland and printed abroad from 1475-1640", no qual se coligem os catálogos parciais de todas as bibliotecas de condados, universidades, igrejas e outras instituições. Possui ainda catálogos específicos para os séculos XVII⁽⁴³⁾ e XVIII e também o mais ambicioso, o

⁽⁴²⁾ I.S.B.D.(A): International Standard Bibliographic Description for Older Monograph Publications (Antiquarian). London: IFLA, International Office for UBC, 1980. 59p.

do século XIX, que pretende reunir em 50 volumes (a serem preparados dois por ano, durante dez anos) o recenseamento conjunto da Biblioteca do Congresso em Washington, da Universidade de Harvard, da Biblioteca Bodleiana de Oxford, da British Library em Londres, da Universidade de Cambridge, do Trinity College em Dublin, da Biblioteca Nacional da Escócia, e da Biblioteca da Universidade de New Castle. Já iniciado em 1985, o trabalho tem o título "XIX Century Short Title Catalogue".

Na Itália foi organizado o "Servizio Bibliografico Nazionale" do qual o primeiro volume publicado se refere ao "Censimento della Cinquentina"; para tal recenseamento se reuniram no mesmo programa 750 bibliotecas que dividiram, entre si, a tarefa de catalogação por letras do alfabeto; o trabalho é posteriormente distribuído e trocadas as informações para que possam ser incluídos exemplares das demais bibliotecas.

Na Alemanha está em andamento um catálogo de incunábulos e obras do século XVI que levará, segundo as estimativas, vinte anos de pesquisas, pois implica em operações manuais, quais sejam a fotografia das folhas de rosto e a transcrição linha por linha, para depois serem os dados transferidos para o computador. Exceção é a Biblioteca de Munique que tem seu catálogo do fundo antigo já em computador, perfazendo um total de 662.000 fichas de obras publicadas entre 1501 e 1840. Cabe registrar que a Alemanha e a França foram pioneiros nos levantamentos de incunábulos, com vários catálogos publicados, que serviram como incentivo à iniciativa em outros países.

A Espanha, através da Biblioteca Nacional de Madri estabeleceu regras para a catalogação em quatro níveis e já publicou uma edição provisória de obras, do século XVI, existentes em bibliotecas espanholas, com características específicas. Foram reunidas, por ordem alfabética de autor, todas as fichas de várias bibliotecas (não só as datilografadas como também manuscritas), montando-se, assim, um catálogo coletivo provisório, enquanto não se normaliza toda a catalogação. A abrangência do trabalho será dos séculos XVI ao XVIII, dividido por seções. Tem ainda, em separado, um catálogo de obras publicadas em língua catalã.

Ainda segundo Cunha (1987), a exemplo das grandes bibliotecas nacionais, outros países estão seguindo a mesma orientação para tentar modernizar seus métodos e inserir seus acervos num contexto maior. A grande dificuldade consiste na enorme dispersão de fundos antigos em uma

(43) GOLDSMITH, V. F. *A short title catalogue of Spanish and Portuguese books, 1601 - 1700*: in the Library of the British Museum (The British Library-Reference Division). Folkestone: Dawson's of Pall Mall, 1974. 250p.

multidão de bibliotecas e na insuficiência da catalogação desses fundos, bem como na diversidade dos programas automatizados que, para se entrosarem, necessitam de compatibilização, também automática.

Para viabilizar essa proposta, vêm sendo realizadas reuniões internacionais, para tratar especificamente do problema do livro antigo, nas quais são debatidos as normas, os trabalhos em curso e as notícias sobre os catálogos coletivos que agruparão todos os levantamentos feitos, visando reunir as coleções nacionais.

2.4.2 No Brasil

Silva e Lane (1990) consideram que a situação do livro raro no Brasil não é satisfatória. Segundo essas autoras, muitos livros impressos no Brasil no século XIX se encontram nas grandes bibliotecas norte-americanas e européias. Há livros escritos sobre o Brasil que nunca entraram no país. Livros seculares se decompõem em depósitos abandonados, enquanto as poucas coleções nacionais permanecem incompletas. Poucas são as instituições brasileiras que têm como incumbência preservar a memória da nação, através de livros e materiais similares.

Nesse ponto, especial destaque cabe à Biblioteca Nacional que, através do PLANOR - Plano Nacional de Restauração de Obras Raras, presta um serviço de apoio às bibliotecas brasileiras quanto à identificação, tratamento e preservação de obras raras.

O PLANOR foi criado pela portaria nº 19, de 31 de outubro de 1983, assinada pelo então Secretário da Cultura do Ministério da Educação e Cultura, Marcos Vinícius Villaça, sendo que, depois de uma recente reformulação da sua proposta de trabalho, foram redefinidos seus objetivos, como se segue abaixo:

a) Objetivos gerais:

- identificar, preservar e divulgar os acervos de obras raras existentes na Biblioteca Nacional, em instituições públicas e privadas e em coleções particulares de todo o país;
- orientar sobre os procedimentos técnicos necessários à organização, catalogação, conservação, restauração e encadernação de obras raras existentes no país;

- definir e coordenar a política nacional de preservação de obras raras.

b) Objetivos específicos:

- realizar e divulgar o cadastro nacional das obras raras editadas a partir do século XV até a atualidade;
- elaborar e divulgar catálogos, bibliografias especializadas, manuais de procedimentos técnicos e outros instrumentos destinados a orientar quanto à identificação, ao processamento técnico e à preservação de acervos de obras raras;
- prestar assistência técnica para a organização e preservação de obras raras existentes no país e desenvolver programas de formação e aperfeiçoamento de mão-de-obra especializada;
- promover a capacitação do corpo técnico da Biblioteca Nacional, visando estabelecer padrões técnicos de serviços e de materiais e equipamentos para a organização e preservação de obras raras;
- divulgar normas e procedimentos técnicos específicos para o processamento técnico, a guarda, a conservação, a restauração e a encadernação de acervos raros e zelar pelo seu cumprimento em todo o território nacional;
- manter intercâmbio com as instituições responsáveis pela produção de catálogos internacionais de obras raras, bem como acompanhar e divulgar informações sobre os estudos e trabalhos realizados dentro e fora do país, relativos aos acervos de raridade;
- organizar e promover campanhas nacionais, programas e eventos com vistas ao desenvolvimento e à divulgação de métodos e técnicas de tratamento de obras raras. (Biblioteca Nacional, 1989)

Em conformidade com os objetivos propostos, a execução do PLANOR, segundo "Proposta de Trabalho" elaborada em agosto de 1989, compreenderá quatro grandes linhas programáticas distintas: capacitação e normalização técnica da Biblioteca Nacional-BN, assistência técnica, identificação e divulgação. A linha programática de capacitação e normalização técnica abrange um conjunto de atividades voltadas para a formação, aperfeiçoamento e especialização do corpo técnico da BN. A assistência técnica, por sua vez, é prestada de duas formas: a primeira através de visitas de seus bibliotecários à instituição solicitante, onde é feita a avaliação do acervo quanto ao valor e raridade, além de um treinamento específico na área de obras raras e/ou antigas para bibliotecários da instituição. A outra forma de orientação consiste em treinamento individual

na BN-PLANOR, podendo ser estendida, a critério dos interessados, a um estágio nas seções especializadas da DRE - Divisão de Referência Especializada (Cunha, 1987). Quanto à linha programática de identificação, esta compreende a localização e identificação dos principais acervos de obras raras existentes no país, através de duas frentes de trabalho: o cadastro nacional de instituições detentoras de acervos de obras raras e a produção do catálogo nacional de obras raras. E, finalmente, o programa de divulgação, que abrange a montagem de uma estrutura destinada a assegurar o pleno intercâmbio de informações e a atender aos pré-requisitos necessários à otimização de suas atividades, de modo a contribuir ainda mais para a execução do PLANOR. (Biblioteca Nacional, 1989)

Na avaliação de Cunha (1987), os resultados de tais atividades vêm se mostrando satisfatórios, com um ativo intercâmbio entre as Secretarias de Cultura, universidades e outras instituições. Um total de 21 convênios já foram assinados, favorecendo as visitas e o treinamento, e aproximadamente 6.000 obras foram pesquisadas na BN, sendo as respectivas bibliotecas informadas da importância de seus acervos, já estando as referências dessas obras incluídas no catálogo coletivo de obras raras, que se pretende nacional e centralizado na Biblioteca Nacional/PLANOR.

Em correspondência datada de maio/95, a Seção de Recuperação de Acervos Raros, gerenciadora do PLANOR, apresentou um balanço de atuação no país, como segue abaixo:

- levantamento de 13.200 obras antigas e/ou raras;
- realização de 218 visitas técnicas;
- treinamento de 141 instituições na Biblioteca Nacional e 14 instituições fora de suas instalações, totalizando 315 treinandos.

Com o objetivo de reunir profissionais da área de livros raros para estudar o assunto sob os mais variados aspectos, foi criado, em 13 de junho de 1989, o GEORJ - Grupo de Estudos em Obras Raras do Rio de Janeiro (GEORJ). O Grupo pertence à antiga APB-RJ (Associação dos Profissionais Bibliotecários do Rio de Janeiro), hoje Sindicato dos Bibliotecários do Rio de Janeiro. Em princípio, foram contatados não só bibliotecários, mas também bibliógrafos, colecionadores, restauradores, etc., já que a proposta era a criação de um grupo de estudos não técnico. Com o decorrer do tempo e a definição dos objetivos específicos do grupo, permaneceram os bibliotecários de livros raros. Decidiu-se que o rumo a seguir seria a discussão de temas de interesse geral para a produção de

literatura em língua portuguesa nessa área, considerando que havia sido detectada a existência de pouquíssimos trabalhos no Brasil. (Grupo de Estudos em Obras Raras do Rio de Janeiro, 1994)

A criação do Grupo de Estudos em Obras Raras do Rio de Janeiro atende parcialmente, sob o ponto de vista do empreendimento, a uma das propostas da Professora Ana Virgínia Pinheiro para a questão das obras raras no país, qual seja:

“estabelecer fontes de informação ou grupos de trabalhos e estudos, formalmente, interdisciplinares e multidisciplinares, aptos a estabelecer princípios, sanar dúvidas, mediar e orientar questões referentes a acervos preciosos, tais como: divisão de acervos entre organismos, seleção de acervos em instituições, formação de coleções especiais, integração e separação de materiais especiais, estudo e análise de obras consideradas especiais, aquisição e avaliação de coleções, posse e propriedade de obras, descrição bibliográfica e bibliológica, controle de vocabulário técnico, formulação de medidas preventivas ou curativas que assegurem a longevidade de acervos, custos de manutenção de coleções, controle de circulação de acervos, reprodução de originais, etc.”(Pinheiro, 1990)

Embora a idéia da formação de grupos de trabalhos e estudos interdisciplinares, sugerida pela autora, seja muito mais abrangente que o proposto pelo GEORJ, tal iniciativa merece todo o apoio e louvor, considerando-se as suas inúmeras dificuldades de operacionalização.

Ainda no mesmo artigo, Pinheiro (1990) critica a ênfase dada nas Escolas de Biblioteconomia às disciplinas de conotação metodológica, em detrimento às da área cultural, culminando numa deficiente formação do bibliotecário, despreparado para lidar com o documento antigo. Esta deficiência aliadas ao ordenamento complexo e à descrição detalhada de um livro ou periódico antigo/raro são responsáveis, em boa parte, pela ausência de um método rigoroso e representativo o bastante para servir como referência no trabalho com acervos raros no país. Iniciativas isoladas como, por exemplo, a Biblioteca Nacional que atua junto a instituições inventariando, divulgando e processando suas coleções raras, tendo como referencial o seu próprio e valioso patrimônio, contribuem para agravar ainda mais o quadro das obras raras no Brasil, pela dificuldade de adaptação por terceiros, dos procedimentos adequados à natureza e ao interesse particular de cada órgão, culminando na ausência de perspectiva de conclusão dessas iniciativas.

Para sanar esses problemas a autora recomenda, além da proposta inicialmente citada, as seguintes medidas:

- estimular a realização de inventários que proporcionem o conhecimento dos diversos acervos espalhados no território nacional;
- unificar conceitos fundamentais como o de raridade, antigo e moderno, conservação, patrimônio, entre outros, de modo a direcionar os procedimentos técnicos e legais sobre os acervos;
- estabelecer e padronizar técnicas de tratamento de modo a viabilizar procedimentos coletivos e articulados para salvaguardar os acervos já em processo de deterioração;
- analisar e considerar o duplo aspecto do livro, por um lado como objeto de arte e por outro como veículo de informação, sob o ponto de vista da conservação e da biblioteconomia;
- viabilizar a integração de instituições/serviços nacionais voltados para o trabalho com acervos raros e organismos internacionais, preferencialmente nos países com a mesma situação econômica e cultural do Brasil;
- aperfeiçoar, no Bibliotecário de Obras Raras, a formação histórica e crítica (cultural) e técnica e profissional (bibliográfica e biblioteconômica), em vista da natureza do documento a ser tratado e da sua importância para a memória nacional;
- conscientizar sobre a necessidade de formação e integração de equipes interdisciplinares e multidisciplinares, que incluam, entre outros: bibliotecários, arquivistas, museólogos, historiadores, restauradores, paleógrafos, químicos, arquitetos, bibliófilos, livreiros, editores, etc.

2.5 TRATAMENTO TÉCNICO DE OBRAS RARAS

A catalogação de um livro moderno consiste em fornecer a informação nele contida e indicar onde pode ser localizado. A catalogação de um livro raro, além dessas funções, consiste ainda na descrição do livro enquanto objeto físico. O cuidado é com o livro, depois com seu conteúdo. Uma obra rara é como um objeto raro, seu valor é medido não só pelo conteúdo, mas principalmente pelo estado de conservação, marcas de propriedade, tipos de encadernação, anotações manuscritas, assinaturas, etc., características inerentes a cada exemplar de uma obra. Essas características são apontadas pelo Rare Books and Manuscripts Committee, como um meio eficaz de identificação.

O Grupo de Estudos em Obras Raras do Rio de Janeiro lembra que a catalogação detalhada é uma garantia a mais no que se refere à segurança do acervo. As marcas de propriedade (carimbos, ex-libris) podem ser habilmente apagadas do livro sem deixar vestígios. Já a informação em ficha catalográfica de que um determinado exemplar sofreu ação de insetos, tem anotações em tais páginas, selos e carimbos em determinados locais, pode levar a uma identificação do livro, mesmo que este tenha sofrido adulterações. (Grupo de Estudos em obras Raras do Rio de Janeiro, 1994)

Para esse tipo de coleção é necessário indicar todos os detalhes que caracterizam o exemplar e/ou a obra o que para um especialista será de grande auxílio na avaliação da sua raridade.

Segundo Moura (1986), são características da catalogação de obras raras:

- a) folha de rosto: deve ser descrita de uma forma quase fac-similar, atentando-se para todas as variações de letras e distribuição das palavras;
- b) grafia: conserva-se a grafia tal qual aparece na folha de rosto. Para registrar o limite usado em cada frase e/ou palavra usa-se a barra;
- c) ornamentos: são bastante freqüentes nas folhas de rosto das edições antigas. Esses enfeites, traços, epígrafes ou quaisquer sinais que existam, devem ser transcritos na ficha, na ordem em que aparecem, entre colchetes;
- d) imprensa: deve ser descrita com exatidão, pois, às vezes, é a única diferença ou o contraste mais evidente entre uma edição e outra;
- e) colofon: pode ser registrado em notas especiais. Muitas vezes substitui os dados da imprensa;

- f) formato: depende do tamanho original das folhas, do número de vezes que cada folha foi dobrada, do número de folhas que formam o caderno, do número de cadernos que compõem o livro. Os formatos de livros antigos são descritos como: "in folio", "in 4o.", "in 8o.", "in 12o.", etc. Já o tamanho obtém-se pela medida da largura e da altura real das folhas;
- g) colação: páginas e/ou folhas, assinaturas, reclamos, epígrafes, cotas, notas no fim de página, ilustrações, frontispício, enfim, todas as minúcias que possam identificar a edição, impressão, etc. devem ser anotadas:
- assinaturas: são letras, números, asteriscos e outras figuras que aparecem no retro inferior das folhas, em ordem alfabética e, geralmente, nas primeiras páginas de cada caderno. Indicam quantos cadernos formam o livro, sua ordem, e quantas folhas possui cada caderno;
 - reclamos: no fim, à direita da página anterior, é impressa a primeira palavra que aparece na página seguinte;
 - epígrafe: título ou frase que serve de tema e que, às vezes, aparece na folha de rosto ou no retro da mesma;
 - cotas: notas ou referências que aparecem à margem da página;
- h) notas especiais: podem conter os seguintes elementos: assinaturas, paginação, discordâncias, erros, colofon, tipos de letras, ilustrações, cores, capitulares ornadas, conteúdo, prefácio, índices e outros.

Esses elementos podem ser identificados no seguinte modelo:

HORATIUS FLACCUS, QUINTUS, 65-8 a.C.

OBRAS/ DE/ HORACIO/ PRINCIPE DOS POETAS/ Latinos Lyricos,/ COM O ENTENDIMENTO LITERAL,/ & construção Portuguesa,/ ORNADAS DE HVM INDEX COPIOSO/ das histórias, & Fabulas conteudas nellas./ Emendadas nesta ultima Impressão./ [grav.]/ LISBOA./ Na Oficina de MIGUEL MANESCAL, & à/ sua custa./ [fio] / M.DC.LXXXI./ Com todas as licenças necessárias.

481p. 17,5 x 17,5 cm

Reclamos. Gravura na folha de rosto. Capitulares ornadas e filigranas em cada "livro". Gravura no fim dos "livros". Assinaturas: 2f. sem ass., A, Aii - Aiiij, B - Ziiij, Aa - Ggiiij, em 8. Indice em duas coleções. Os 4 "livros" de Odes, Epodos, Sátiras, Epístolas e Arte Poética. Indice das fábulas e coisas notáveis, em 2 coleções.

Não existe uma norma que regulamente a catalogação de obras raras, o que tem levado cada biblioteca possuidora desse tipo de acervo a desenvolver suas próprias técnicas, embora norteadas pelos princípios já apresentados. No caso da Biblioteca Central da UNICAMP, foi desenvolvido um tipo diferenciado de catalogação, onde os elementos da folha de rosto são apresentados numa ordem pré-fixada, qual seja: autor (com pesquisa do nome certo, ano de nascimento e morte), título, subtítulo

e informações adicionais (colaboradores, tradutores, ilustradores, etc.), edição e impressão (separados por três espaços dos dados anteriores), colação (número de páginas ou volumes), material ilustrativo (tipo e quantidade), tamanho (altura e largura), série (entre parênteses, após os três espaços) e informações relativas ao aspecto físico da obra, conforme ilustrado no exemplo a seguir:

CORUJA, Antonio Álvares Pereira, 1806-1889.

Compendio/ Da/ Orthographia/ Da/ Lingua nacional,/ Pelo professor/ Antonio Álvares Pereira Coruja,/ Membro do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro, e natural da cidade de Porto-Alegre, capital da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul, & c./ |grav./ Rio de Janeiro./ Typographia Franceza/ |fio/ 1848.
iii, 262p. 2 fot. 21x13cm. (Série)

Em bom estado de conservação. Algumas folhas amareladas e manchadas, sem sinais da ação de insetos.

(Silva, 1981)

Em relação ao uso de computadores na catalogação de livros raros Davis apud Grupo de Estudos em obras Raras do Rio de Janeiro (1994) aponta um grande avanço na padronização da descrição bibliográfica, a partir da crescente adesão por parte dos bibliotecários de obras raras aos sistemas automatizados de bibliotecas em todo o mundo. Se por um lado os computadores forçaram uma mudança na forma como um livro raro era catalogado (exigindo uma padronização desse serviço que antes não existia, pois cada um desenvolvia seus próprios sistemas), por outro lado os livros raros melhoraram a qualidade do sistema, permitindo uma recuperação de melhor nível, visando a alimentação de catálogos especiais de autógrafos, coleções, tipógrafos, datas, cidades, etc.

Davis (1984), por sua vez, apresenta outras mudanças relacionadas à catalogação do livro raro, decorrentes do uso do computador e da ênfase dada ao compartilhamento de registros bibliográficos legíveis por máquina entre instituições americanas, quais sejam:

- novos padrões para descrição bibliográfica: pelo uso do ISBD(a) pretende-se tornar a catalogação de entendimento internacional, partindo-se do princípio que os dados descritos tenham cada um de seus elementos precedido de pontuação específica. Tal prática baseia-se na identificação dos elementos do corpo da ficha através da pontuação prescrita, o que permite uma leitura comum, além das fronteiras nacionais, e ao mesmo tempo possibilita a leitura para registro em máquina;

- novos padrões para acesso bibliográfico: a partir de trabalhos desenvolvidos pela Independent Research Libraries Association (IRLA) e pela American Library Association (ALA), alguns novos pontos de acesso foram desenvolvidos para atender especificamente ao livro raro, tais como: acesso pelo número de citação padronizado em obras de referência, acesso pelo gênero (intelectual ou físico), acesso pelas características físicas, etc.;
- novos padrões para formatos de dados legíveis por máquina: Fazendo uso das facilidades promovidas pelo computador, as bibliotecas de livros raros têm três propostas básicas: impressão de fichas catalográficas; criação de registros MARC, a partir das informações do seu próprio exemplar, para depois usá-los in-batch ou on-line; e o compartilhamento de informações para pesquisa, tornando conhecidos os livros raros ou únicos sob sua guarda, além das descrições do exemplar específico para outros bibliotecários, bibliógrafos e pesquisadores.

Esse processo de mudança tem possibilitado, por outro lado, um impacto positivo sobre a capacidade dos sistemas automatizados, nos Estados Unidos, causado pela integração do livro raro e de outros materiais especiais. Entre as mudanças e melhorias ocasionadas pelo livro raro e bibliotecários de coleções especiais estão as seguintes:

- definição de padrões para descrição bibliográfica de exemplares únicos/específicos e informação de interesse local;
- maior flexibilidade na recuperação;
- maior diversidade de produtos impressos.

2.6 PRESERVAÇÃO DE OBRAS RARAS

2.6.1 Conceituação

A preservação de acervos (materiais bibliográficos e não-bibliográficos) é uma questão que vem ganhando importância de alguns anos para cá. O problema deixou de ser um encargo apenas de alguns especialistas na área de livros raros, para abranger todos aqueles responsáveis por acervos culturais ou que deles se utilizam, reforçando a necessidade de uma atitude consciente de preservação que deve estar presente desde a limpeza até a utilização do material pelo usuário. (Gomes, 1987)

Dentro dessa visão é preciso distinguir preservação de conservação e de restauração. Segundo Gomes (1987),

"preservação tem um sentido mais amplo e envolve os mais diversos aspectos administrativos de bibliotecas, arquivos e centros de informação, incluindo decisões políticas, recursos humanos e financeiros, projetos de edifícios e de instalações, seleção e aquisição de material, armazenamento e distribuição física do acervo, treinamento de pessoal e educação do usuário, além de técnicas e métodos específicos para preservação. Conservação diz respeito a práticas específicas visando proteger os materiais de danos e degradação física; e restauração ao conjunto de procedimentos científicos e técnicos adotados por especialistas em laboratórios e oficinas para tratar e recuperar o material já deteriorado".

Dessa forma, conservação e restauração constituem medidas de preservação.

Segundo Spinelli (1991),

"a política moderna de conservação a longo prazo orienta-se pela luta contra as causas de deterioração, na busca do maior prolongamento possível da vida útil de livros e documentos. Dentro desta perspectiva, padrões de conduta devem ser adotados, tais como:

- 1. Formular um diagnóstico do estado geral de conservação da obra, e uma proposta quanto aos métodos e materiais que poderão ser utilizados durante o tratamento.*

2. Documentar todos os registros históricos porventura encontrados, sem destruí-los, falsificá-los ou removê-los.
3. Aplicar um tratamento de conservação dentro do limite do necessário e orientar-se pelo absoluto respeito à integridade estética, histórica e material de uma obra.
4. Adotar o princípio de reversibilidade (...) pois é importante ter sempre em mente que um procedimento técnico, assim como determinados materiais são sempre alvo de constantes pesquisas e que isto propicia um futuro técnico-científico mais promissor à segurança de uma obra."

2.6.2 Agentes deteriorantes: medidas terapêuticas e/ou preventivas

Em se tratando de uma coleção de obras raras, os cuidados devem ser redobrados considerando-se a antigüidade e fragilidade do material e as condições adversas enfrentadas desde o seu surgimento até os dias de hoje. Algumas de suas características próprias garantiram sua sobrevivência, como, por exemplo, o papel utilizado para impressão de livros e de manuscritos que, até meados do século passado, era de ótima qualidade. A celulose usada como matéria prima, obtida a partir de trapos de linho e algodão era praticamente isenta de elementos nocivos. Por isso, grande parte dos livros e manuscritos antigos, apesar de incorretamente armazenados e sujeitos a manipulações inadequadas, perduram até nossos dias, apresentando um papel ainda branco e resistente (Gomes, 1987). A seguir serão examinados os diversos agentes de deterioração de acervos documentais e algumas medidas adotadas para amenizar os danos por eles causados:

a) Acidez:

Em decorrência de sua natureza orgânica, o papel está sujeito a uma série de degradações, sendo a acidez um dos principais fatores de deterioração. Substâncias usadas no processo de encolagem do papel, quando em contato com a umidade atmosférica, geram o ácido sulfúrico, que age como elemento destruidor. Outro fator responsável pela deterioração do papel, principalmente os confeccionados com fibras de madeira, são os resíduos químicos mal eliminados, com volume de impregnação destas fibras pela lignina - ácido orgânico complexo que, sob o efeito da luz, fica sujeito à oxidação - deixando o papel impuro e enfraquecido.

b) Iluminação:

A luz, natural ou artificial, é uma radiação eletromagnética, de natureza ondulatória e corpuscular, capaz de fragilizar os materiais constitutivos dos documentos, induzindo um processo de “envelhecimento acelerado”, pelo desbotamento e/ou escurecimento do papel e da tinta ou o desenvolvimento de uma ação quebradiça das fibras.

O controle das radiações eletromagnéticas em acervos documentais é feita através de cortinas, persianas, “brise-soleil”, filtros especiais para absorção do ultravioleta, filmes refletores de calor, etc.

c) Temperatura e umidade:

As variações de temperatura, não controladas, provocam alterações na umidade relativa que, por sua vez, influencia a umidade estrutural dos materiais, provocando danos muitas vezes irreversíveis. Pesquisas e testes realizados concluíram que a temperatura ideal para a conservação de um acervo bibliográfico e de arquivo é de 12°C. Sendo essa temperatura considerada desagradável para os que trabalham com estes acervos, tornou-se aceitável uma margem de oscilação, em torno de 22°C, com uma variável situada entre 50 a 55% de umidade relativa.

A umidade é a causa de alterações de natureza químico-física e favorece o desenvolvimento dos agentes biológicos de deterioração. Em um ambiente úmido e quente, a celulose se hidroliza, as cadeias moleculares fragmentam-se e o papel acaba perdendo suas propriedades mecânicas. A uma temperatura superior a 22°C e com a umidade relativa superior a 65% tem-se um meio favorável ao desenvolvimento de bactérias e fungos.

A manutenção ambiental de um acervo deve perseguir sempre o mínimo de oscilações possíveis, mesmo no caso de uso de aparelhos condicionadores de ar, umidificadores ou desumidificadores em regiões de constantes variações de temperatura e umidade. Existem dois tipos de instrumentos para medir a umidade relativa: instrumentos que necessitam de aferição (higrômetro e termo-higrógrafo, que também registra a temperatura) e instrumentos que não necessitam de aferição (psicômetro rotativo).

O controle da temperatura pode ser feito a partir do uso de sistemas de condicionamento de ar. A umidade nos locais de guarda de acervos é controlada através de aparelhagens de desumidificação do ar, em situações

de ambientes úmidos e de umidificação, em ambientes secos. Em ambientes fechados (como armários, arquivos e mapotecas), pode-se ainda controlar a umidade relativa pelo uso de produto químico desidratante como a sílica-gel. Segundo Burgi (1988), a sílica-gel é uma substância higroscópica com grande capacidade de absorção da umidade que estabelece rapidamente equilíbrio com as condições ambientais. Quando tingida com sais de cobalto, a sílica-gel muda de cor devido à absorção de umidade, sendo necessário secar em forno a 120°C, antes de ser reutilizada. Para um controle eficaz das condições de umidade relativa, usa-se o higrômetro de dial calibrado para verificação.

Devido às altas taxas de umidade encontradas nas várias regiões do país, torna-se difícil uma solução definitiva para este problema, recorrendo-se exclusivamente a métodos passivos, como a utilização de sílica-gel. Os melhores resultados na aplicação de materiais higroscópicos, como a sílica-gel, encontram-se em soluções de caráter temporário, como o transporte de peças do acervo em recipientes lacrados, ou em sistemas que integrem uma ação mecânica através de equipamento de condicionamento de ar com a ação higroscópica da sílica-gel. Utiliza-se ainda a ventilação natural ou forçada como recurso para o controle simultâneo da umidade e da temperatura.

d) Fungos:

São organismos vegetais, cujo aparelho vegetativo é um talo celular, sem clorofila. Certas espécies atacam o papel, algumas alimentam-se diretamente dos materiais que o compõem (celulose e aditivos) e outras exercem uma ação saprófita, isto é, alimentam-se dos produtos provenientes de decomposições anteriores, causadas por esses microrganismos. A disseminação dos fungos se dá através dos esporos, que são carregados por meio de diversos veículos como, por exemplo, correntes aéreas, gotas d'água, insetos, vestuário, etc. O desenvolvimento dos fungos é afetado por diversos fatores, dos quais destacam-se a luz, pH, natureza do material constitutivo dos documentos e a presença de outros microorganismos.

No tocante a precauções, estabelece-se a realização adequada da ambientação, ou seja, nivelamento da temperatura e da umidade relativa aos padrões recomendados para evitar a proliferação. Outra providência é a fumigação do acervo com produtos químicos específicos, em câmaras elaboradas especialmente para este fim e com pessoal qualificado para este tipo de atividade.

e) Insetos e roedores:

Os livros e documentos contêm proteínas, carboidratos e outras substâncias sob forma de encolagens, adesivos, couros, etc., que atraem insetos e roedores. Algumas espécies atacam indiscriminadamente todos os materiais, umas atacam preferencialmente adesivos e outras simplesmente depositam ovos ou segregam líquidos. É grande a variedade de insetos que atacam um acervo bibliográfico e de arquivo, causando danos consideráveis e, muitas vezes, irreversíveis. Dentre estes podemos citar as ordens dos Tineuros (família das traças), dos Ortopteros (família das baratas), dos Coleópteros (família dos anóbios) e dos Isopteros (família dos cupins). Quanto à precaução, a atitude primordial é a manutenção das condições ambientais, tais como o controle da temperatura, da umidade relativa e da ventilação. Além disso, o estabelecimento de uma rotina de fumigação do acervo, com a adoção de métodos e produtos adequados e com pessoal qualificado. Importante também é o conhecimento, através de pesquisas, dos ciclos biológicos destes insetos como medida esclarecedora para a exata atuação quanto aos procedimentos de fumigação. Os roedores, por sua vez, são atraídos principalmente pela presença de resíduos de alimentos, hábito que deve ser desencorajado junto aos funcionários e usuários do acervo. O controle da proliferação de roedores pode ser feito a partir de iscas raticidas à base de produtos cumarínicos.

f) Poluição atmosférica:

A queima de derivados de petróleo e a combustão de produtos químicos, nas indústrias e nos incineradores dos prédios, geram gases, como o dióxido de nitrogênio, que são poderosos agentes de deterioração. Esses agentes são carregados de água, aumentam de peso e tendem a se depositar sobre as superfícies, gerando reações químicas que desencadeiam processos de acidez no papel ou ainda favorecem o desenvolvimento de microorganismos.

No tocante a precauções para se deter a ação desses agentes, deve-se conduzir o ar, que serve as bibliotecas e arquivos, em equipamentos que contenham filtros especiais destinados à retenção de componentes nocivos ao material documental. Na impossibilidade de se instalar este tipo de equipamento, recomenda-se a higienização sistemática do acervo.

g) Ação do homem:

De acordo com Spinelli (1991), os critérios para se manusear um documento (livro, gravura, mapa, etc.) são determinantes de sua "vida útil" e de sua permanência enquanto documento. Recomenda-se, portanto, a adoção de normas e procedimentos básicos que contribuirão consideravelmente para melhor conservação do acervo, tais como:

- manter as mãos sempre limpas;
- usar ambas as mãos ao manusear gravuras e impressos;
- nunca usar fitas adesivas, em virtude da composição química da cola. Com o tempo, a cola que penetra as fibras do papel desencadeia uma ação ácida irreversível. A fita perde seu poder de adesão e o papel fica manchado. As colas reversíveis e neutras, como a metilcelulose, são ideais;
- nunca usar colas plásticas (PVA) que, devido ao seu alto teor de acidez, geram reações ácidas e manchas irreversíveis;
- jamais dobrar o papel, pois isto acarreta o rompimento das fibras;
- nunca retirar um livro da estante puxando-o pela borda superior da lombada (cabeça do livro). Este procedimento acarreta o seu enfraquecimento e o conseqüente rompimento, comprometendo a integridade do livro. O ideal é manter os volumes nas estantes observando-se uma folga entre eles, que possibilite sua retirada, segurando-os com firmeza pela parte mediana da encadernação;
- nunca umedecer os dedos, com saliva ou qualquer outro tipo de líquido, para virar as páginas de um livro, pois estas podem manchar e desencadear reações ácidas comprometedoras;
- nunca efetuar marcas nos livros, seja com grafites, tintas ou dobras nas partes superiores ou inferiores das folhas. Existem marcadores de páginas especialmente criados para este fim;
- nunca apoiar os cotovelos sobre os volumes de médio e grande porte durante as leituras ou pesquisas. Esse procedimento acarreta uma pressão nas costuras dos cadernos e nas lombadas, que pode provocar o rompimento e o desmembramento dos cadernos do volume. Nos livros colados (sem costura) o risco é maior. Recomenda-se o uso de "portabíblias", quando o volume a ser consultado for de médio a grande porte;
- evitar o uso de materiais metálicos (grampos e clips) que enferrujam com o tempo, deixando, no local aplicado, manchas amarronzadas. Ou pior ainda, os grampos enferrujados oxidam o papel, causando o rompimento das fibras e subseqüentes rasgos no papel. Estes materiais em plástico

também causam marcas destruidoras nos papéis. (Universidade Federal Fluminense, 1987)

2.6.3 Atividades de restauração e conservação

A restauração de um livro raro é um processo meticuloso e demorado, onde cada elemento constituinte do material bibliográfico é importante, bem como cada fragmento, resultado da ação dos agentes deteriorantes. De acordo com a Universidade Federal Fluminense (1987), esse processo tem início, nos laboratórios de restauração, com o registro e diagnóstico da obra, acompanhado de uma seção de fotos (antes, durante e depois do tratamento). Variando de acordo com o diagnóstico feito para cada obra, os métodos usados para restaurar/conservar são:

- a) higienização: limpeza, lubrificação e impermeabilização dos livros e/ou documentos;
- b) fumigação: tratamento usado para extermínio de insetos bibliófagos, através de uma câmara própria que submete o livro a vapores gasosos de produtos químicos;
- c) desmonte: retirada da capa e separação dos cadernos pelo uso de cola de amido (ou metilcelulose), bisturis, etc.
- d) limpeza mecânica: pelo uso de trinchas e pó-de-borracha ralada sobre o papel;
- e) testes: além da avaliação do pH (para medir o grau de acidez) são realizados vários testes para comprovação da neutralidade e/ou compatibilidade dos produtos a serem usados no tratamento;
- f) reconstituição do suporte original: pode ser feita pela adoção conjunta ou não de métodos como:
 - obturações com pastas de papel e cola,
 - remendos com tipos de papel adequados e semelhantes em textura, cor, espessura, etc.,
 - velatura (colagem de folha de papel japonês no verso do documento),
 - planificação pela prensa,
 - banhos em água deionizada morna,
 - desacidificação pelo uso de produtos alcalinos,
 - encolagem (aplicação de metilcelulose diluída em água através de vaporização ou trincha),
 - clareamento através de banhos químicos;

- g) encadernação: etapa final, onde são remontados os cadernos e capas do livro.

2.6.4 Segurança da coleção

Segundo Silva e Lane (1990), a segurança com a coleção vai desde a conferência de cada livro manuseado pelos usuários, com a devida autorização, até fotografia ou microfilmagem dos livros mais raros, se seu estado físico assim o permitir. A segurança contra desastres e acidentes também deve ser considerada, prevendo-se a instalação de alarmes contra incêndios, extintores e aparelhos detectores de fumaça na biblioteca, ou pelo menos, na sala destinada às obras raras. Spinelli (1991) recomenda também a execução constante de manutenção e monitoramento no prédio com o auxílio de brigadas anti-incêndios, geralmente equipes formadas por funcionários e treinadas pelo Corpo de Bombeiros. É de grande importância todos terem sempre à mão o número telefônico do Corpo de Bombeiros local.

Em caso de inundação algumas regras básicas de procedimentos devem ser seguidas:

- manter os volumes fechados até a completa retirada de sujidades;
- executar algum tipo de secagem, pela circulação constante do ar;
- não expor os livros ao sol;
- envolver os volumes mais encharcados com papel mata-borrão;
- não tentar abrir os volumes enquanto estiverem molhados;
- providenciar imediato tratamento de fumigação.

Para o Grupo de Estudos em Obras Raras do Rio de Janeiro (1994), medidas de segurança de acervos raros, principalmente diante do crescente número de roubos, dado o alto valor de mercado atribuído ao livro raro, envolvem muitos aspectos, quais sejam: antecedentes de novos empregados, postura do bibliotecário de referência, credenciamento dos usuários, localização do acervo, marcação dos documentos, detalhamento da catalogação, regras de consulta, empréstimo para exposições, etc.

Quanto às pessoas que lidam com o acervo raro, quer sejam usuários, funcionários administrativos ou bibliotecários, muitas são as recomendações. Inicialmente um bom ambiente de trabalho e consciência do valor da coleção são, provavelmente, a melhor segurança contra roubos internos. O bibliotecário de referência de obras raras, por sua vez, deve possuir um nível de qualificação ainda maior, uma vez que seu público é,

quase sempre, muito especializado e com grande conhecimento do assunto que pesquisa. O bibliotecário deve mostrar aos seus leitores a necessidade de cuidar e proteger os livros raros que, na maioria, não podem ser repostos. Deve ainda estar atento a equilibrar suas funções básicas: a de colocar os documentos à disposição do leitor, sem descuidar de sua segurança. O usuário deve ser orientado sobre a coleção, sendo informado de como manusear adequadamente o livro, antes de solicitá-lo.

O Grupo de Estudos em Obras Raras do Rio de Janeiro (1994) recomenda, como sugestão, que a consulta tenha as seguintes regras gerais:

- “1. É permitida a entrada com cadernos, lápis, folhas soltas e fichas, somente;*
- 2. Todos os pertences que não serão utilizados devem ser guardados na entrada da biblioteca/seção (bolsas, outros livros, casacos, etc.);*
- 3. O próprio leitor deve preencher o formulário de solicitação de consulta do livro, que deve ter cor diferenciada para livros e manuscritos;*
- 4. Os livros devem ser consultados somente na área reservada para esse fim;*
- 5. É proibido o uso de canetas;*
- 6. Ao leitor é permitido o manuseio de, no máximo, três volumes por vez;*
- 7. O material solicitado deve ser devolvido ao bibliotecário de referência se o leitor precisar se ausentar por algum tempo da sala de leitura;*
- 8. É proibido comer, beber ou fumar na sala de leitura;*
- 9. É proibida a reprodução de livros raros através de cópias xerox, sendo permitidos a fotografia, o microfilme e a cópia eletrostática;*
- 10. Não é permitido escrever sobre o livro, apoiar os cotovelos sobre ele, fazer qualquer marca ou fechá-lo com lápis ou outro material dentro, pois isso contribui para sua deterioração.”*

No que se refere à localização da coleção de obras raras, apesar dos fatores políticos e financeiros, deve-se sempre considerar a questão da segurança. O prédio ou seção que abriga uma coleção especial deve ter poucos pontos de acesso, sendo a mesma porta de entrada e saída, tanto

para funcionários quanto para usuários. A área do público deve ser reservada, não se permitindo acesso à área interna de funcionários nem às estantes. Um segurança deve observar o material com que o usuário entra e sai da seção.

A questão da marcação do documento pode ser um dilema para colecionadores e livreiros, pois não só afeta sua aparência, como pode reduzir seu valor de mercado. Para as bibliotecas, no entanto, esse problema parece não ser tão importante, pois parte-se do princípio que os documentos ficarão permanentemente sob sua custódia. São conhecidos vários métodos de marcação de papel, tais como: gravação em relevo, perfuração e estampa (uso de carimbo). As diretrizes fornecidas pela Association of College and Research Libraries (ACRL), da American Library Association (ALA), tentam contrabalançar duas grandes implicações da marcação do papel: guardar a integridade do documento sem restringir a marca de propriedade quanto à visibilidade e permanência. Para isso deve-se utilizar tinta permanente para marcação, evitar marcação secreta como identificação principal e colocar a marca de propriedade de forma a ser facilmente localizada, de preferência longe do texto ou da ilustração, observando-se os dois lados da folha. O carimbo com o uso da tinta é um dos métodos de identificação de marca de propriedade mais conhecidos, sendo que, do ponto de vista de conservação, é importante considerar as qualidades e propriedades dos componentes das tintas. São estáveis as que possuem equilíbrio físico-químico diante dos fatores ambientais e neutras em relação ao suporte que as sustentam. As tintas utilizadas para carimbos são do tipo corante, sendo a cor mais recomendada a preta. O tamanho da marca varia de acordo com a preferência de cada instituição, embora recomende-se que tenha, aproximadamente, um centímetro e meio de diâmetro.

Conforme demonstrado anteriormente, a catalogação detalhada auxilia na identificação do exemplar, embora contribua também para a morosidade desse serviço. Cabe à instituição decidir o que é mais importante: catalogar poucos livros detalhadamente ou acelerar o processamento técnico utilizando uma descrição superficial. Há, na literatura, casos de livros roubados que não puderam ser legalmente identificados como pertencentes à instituição por falta de uma marca de propriedade ou registro na descrição catalográfica.

E, finalmente, a possibilidade de empréstimo de obras raras para exposições deve ser considerada para cada instituição em particular. Algumas normas e padrões devem ser seguidos, bem como um rígido controle da saída do material em formulário que permita o registro de dados

relativos ao requerente, à instituição mantenedora do acervo e ao documento solicitado (incluindo uma detalhada descrição do exemplar e do estado físico da capa, do texto, etc.). (Grupo de Estudos em Obras Raras do Rio de Janeiro, 1994).

3 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

O conceito de raridade bibliográfica, face à inexistência de critérios amplamente aceitos e difundidos, e seu reflexo na composição, tratamento técnico e preservação das coleções de obras raras no Brasil.

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo geral

Investigar os critérios de raridade bibliográfica adotados por instituições brasileiras que publicaram catálogo(s) de obras raras, bem como o tratamento técnico e a política de preservação dispensados às coleções.

4.2 Objetivos específicos

- Identificar as instituições brasileiras que publicaram catálogo(s) de obras raras neste século;
- Reunir comparativamente os critérios de raridade bibliográfica que nortearam a formação da coleção de obras raras;
- Coletar informações sobre o tratamento técnico da coleção, incluindo a utilização de novas tecnologias;
- Verificar a existência de uma política de preservação abrangendo medidas de conservação, armazenamento, segurança e planejamento contra desastres.

5 METODOLOGIA

5.1 Coleta de dados

Os dados foram coletados através de um questionário (Anexo I), escolhido como instrumento devido, principalmente, à dispersão geográfica da população estudada.

O questionário é composto por vinte questões, agrupadas em quatro tópicos, que abordam aspectos sobre a instituição e sobre a identificação, o tratamento e a preservação do acervo de obras raras.

O pré-teste foi realizado junto à Biblioteca Central da UFMG, que dispõe de um setor de obras raras em fase de organização. O conteúdo foi validado pelo parecer de três professoras da Escola de Biblioteconomia da UFMG, especialistas da área de tratamento e preservação de obras raras.

5.2 População

Foram incluídas neste estudo instituições nacionais, públicas ou privadas, que publicaram catálogo(s) de obras consideradas raras. Tal requisito foi usado para distinguir aquelas instituições que se preocuparam em organizar a coleção, dedicando-lhe algum tratamento especial, ou ainda em estabelecer critérios para a identificação desse material.

O instrumento usado na seleção das instituições foi a publicação da Biblioteca Nacional intitulada "Catálogos Brasileiros de Obras Raras, publicados por bibliotecas e instituições brasileiras" ⁽¹⁾. Ordenada alfabeticamente por Estado da Federação, apresenta as referências bibliográficas dos catálogos de obras raras impressos até 1899 e após 1900. Daí foram extraídas vinte e cinco instituições, considerando-se apenas aquelas que tiveram seus catálogos publicados posteriormente a 1900, sendo tal número acrescido de outras cinco a partir de informações fornecidas pelo PLANOR em correspondência datada de 1º de abril de 1991.

Os primeiros questionários foram enviados em dezembro de 1991, com um índice de devolução muito baixo. Nova remessa ocorreu em maio de 1992, o que acrescentou mais algumas poucas respostas.

⁽¹⁾ BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Catálogos brasileiros de obras raras, publicados por bibliotecas e instituições brasileiras. Rio de Janeiro, 1989. 18p., il. (Coleção Rodolfo Garcia; v.22)

Por uma série de problemas, entre eles a demora ou ausência de resposta aos questionários enviados, a pesquisa só pode ser retomada no presente ano, sendo inquestionável a necessidade de atualização dos dados coletados em 1992. Para isso, foi encaminhada a cada instituição uma cópia do questionário anteriormente respondido, acrescida de questões específicas ou solicitação de maiores esclarecimentos. Nesta oportunidade, seis instituições foram incluídas na pesquisa, por conhecimento da existência do catálogo, através de pesquisa no Catálogo Coletivo da Rede Bibliodata/Calco da Fundação Getúlio Vargas, ou por orientação recebida do PLANOR, em correspondência enviada em maio de 1995, completando-se, assim, o total de 36 instituições. Dessas, treze são bibliotecas e/ou arquivos públicos, onze, bibliotecas universitárias e doze, bibliotecas especializadas.

De acordo com o "II Indicador das Bibliotecas Brasileiras de Acervo Antigo"⁽²⁾, organizado pelo PLANOR, são 310 as instituições detentoras de acervo antigo no país, selecionadas de acordo com os critérios estabelecidos pela Biblioteca Nacional/PLANOR, ou seja, acervos que abranjam os séculos XV a XVIII e XIX, impressos no Brasil, sob a forma de livros, folhetos, periódicos, etc. Desse total, apenas 36 publicaram catálogo de obras raras, nesse século, quais sejam:

01. Biblioteca Pública do Estado do Amazonas - AM;
02. Universidade do Amazonas - AM;
03. Universidade Federal da Bahia - BA (*);
04. Biblioteca Pública do Estado do Ceará - CE;
05. Câmara dos Deputados - DF;
06. Ministério da Justiça - DF (*);
07. Universidade Federal do Maranhão - MA (**);
08. Biblioteca Pública Municipal de São João del Rey - MG (*);
09. Biblioteca Pública do Estado do Pará - PA;
10. Banco da Amazônia - PA;
11. Grêmio Literário e Recreativo Português - PA;
12. Museu Paraense Emílio Goeldi - PA (**);
13. Tribunal de Justiça do Estado do Pará - PA (*);
14. Universidade Federal da Paraíba - PB (*);
15. Arquivo Público do Estado de Pernambuco - PE;
16. Universidade Católica de Pernambuco - PE;
17. Universidade Federal de Pernambuco - PE;
18. Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco - PE;
19. Arquivo Nacional - RJ;

⁽²⁾ BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Plano Nacional de Restauração de Obras Raras. II Indicador das bibliotecas brasileiras de acervo antigo. Rio de Janeiro, [199-]. 81p.

20. Biblioteca do Exército - RJ (*);
21. Biblioteca Nacional - RJ;
22. Delegacia do Ministério da Fazenda no Rio de Janeiro - RJ (*);
23. Escola Nacional de Belas Artes - RJ (*);
24. Fundação Oswaldo Cruz - RJ (*);
25. Biblioteca do Itamaraty - RJ (**);
26. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - RJ (**);
27. Biblioteca Pública Municipal de Petrópolis - RJ (*);
28. Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa - RJ (**);
29. Universidade Federal do Rio de Janeiro - RJ (*);
30. Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul - RS;
31. Universidade do Vale do Rio dos Sinos - RS (*);
32. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - RS;
33. Biblioteca Rio-Grandense - RS;
34. Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina - SC (*);
35. Biblioteca Municipal de São Paulo - SP;
36. Instituto de Ciências Matemáticas de São Carlos - SP (**).

As trezes instituições assinaladas com (*) não responderam ao questionário. As instituições assinaladas com (**), num total de seis, responderam parcialmente ao questionário ou se limitaram apenas a enviar os respectivos catálogos publicados. Tal situação resultou na análise das questões isoladamente, considerando-se apenas as respostas obtidas (através dos questionários ou pelos catálogos de obras raras enviados) na tentativa de facilitar a compreensão dos resultados apresentados. Pode se observar, então, nos quadros e análises incluídas nesse trabalho numa variação do total de respondentes a cada questão estudada. No anexo II estão listados os catálogos de obras raras publicados pelas instituições participantes da pesquisa.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

6.1 IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

A seguir serão apresentadas informações gerais sobre as instituições pesquisadas, que responderam ao questionário ou sobre as quais foi possível obter dados por meio de outras fontes, agrupadas pelo Estado da Federação, ordenados alfabeticamente:

AMAZONAS

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DO AMAZONAS

A coleção da Seção de Obras Raras é composta por 851 títulos, o equivalente a 1.355 volumes. Teve origem em 1910 pela compra da biblioteca particular do Dr. Paes Parreto, que continha 11 incunábulo, 68 manuscritos, 29 pergaminhos, 100 livros sobre geografia antiga do Brasil e da América e 137 outras obras.

Em agosto de 1945, a Biblioteca Pública foi totalmente destruída por um incêndio, salvando-se apenas 60 livros raros em exposição externa.

Em agosto de 1947, após a reinauguração do prédio reformado, a Biblioteca recebeu a doação de 2.700 volumes da coleção particular do então governador Álvaro Botelho Maia, dentre os quais algumas obras raras.

Também fazem parte da Seção de Obras Raras as bibliotecas do escritores Péricles de Moraes, Raimundo de Moraes e do embaixador Mauro de Freitas que é composta de mais de 5.000 volumes contendo manuscritos de José Lins do Rego, Ronaldo de Carvalho, Graciliano Ramos, A. Amaral (primeiras edições com a dedicatória do autor).

Compõem ainda esta Seção as leis, decretos e regulamentos da época da Província aos dias de hoje, coleções de jornais desde 1868, folhetos e projetos arquitetônicos. O tratamento das obras raras teve início em 1983, envolvendo, atualmente, um bibliotecário que também faz o atendimento aos pesquisadores. O projeto não possui fonte exclusiva de recursos financeiros.

UNIVERSIDADE DO AMAZONAS
Biblioteca Setorial do Museu Amazônico

A coleção de obras raras foi coletada pela CEDEAM - Comissão de Documentação e Estudos Amazônicos, sendo que, após o encerramento de suas atividades em 1987, seu acervo foi transferido para a Biblioteca Central da Universidade do Amazonas. Com a inauguração do Museu Amazônico, parte deste acervo foi transferido para a Divisão de Pesquisa e Documentação do Museu e o restante para a Biblioteca Setorial do Museu Amazônico, onde se encontra atualmente. Os principais assuntos presentes na coleção de obras raras referem-se à história da Região Amazônica (acervo Empresa J. G. Araújo); questões indígenas, demarcação de terras, presença missionária na Amazônia, etc. Foram quantificados 186 "livros do período colonial".

CEARÁ

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel

O trabalho com obras raras teve início em 1979, envolvendo, no início, dois bibliotecários, um historiador, um técnico em restauração e um datilógrafo, sendo que, de 1980 a 1982, esse número foi ampliado em três bibliotecários e dois datilógrafos, em regime de projeto temporário. Atualmente dispõe apenas de um bibliotecário, um técnico em restauração e um datilógrafo.

O acervo é composto por, aproximadamente, 4.802 títulos/volumes, principalmente dos séculos XVIII a XX. A coleção teve origem a partir do próprio acervo da Biblioteca Pública, de doações de particulares (Dr. Thomas Pompeu de Sousa Brasil, Prof. Amorim Sobreira e Dr. Pirajá da Silva), e de compras ocasionais de obras oferecidas à instituição.

DISTRITO FEDERAL

CÂMARA DOS DEPUTADOS
Biblioteca Pedro Aleixo

As obras raras foram retiradas do acervo geral da Biblioteca da Câmara fundada em 1866. Não se tem notícia de compra ou doação de obras raras.

A coleção é formada por, aproximadamente, 1.564 volumes e absorve, no seu tratamento, o trabalho de dois bibliotecários. O início das atividades com obras raras data de 1991.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA (*)
Biblioteca Affonso Penna Júnior

O catálogo de obras raras possui 1.215 referências bibliográficas, incluindo obras dos séculos XV-XVIII e XIX (Brasil).

MARANHÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO (*)
Biblioteca Central

Segundo a bibliotecária responsável, o Projeto de obras raras não foi implantado por falta de espaço físico, recursos financeiros e humanos.

MINAS GERAIS

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DEL REI (*)
Biblioteca Pública Baptista Caetano

A origem da coleção data de 1824, com a doação da biblioteca particular do comerciante Baptista Caetano d'Almeida, sendo inaugurada em 1827 a "Livraria Pública", em São João del Rei.

O acervo inclui obras dos séculos XVI a XVIII, reunidas durante o século XIX, em sua maioria, em estado de conservação precaríssimo.

(*) Das instituições assinaladas, não foram obtidas informações completas, quer seja pela ausência de resposta ao questionário ou pela insuficiência dos dados coletados.

O projeto de obras raras foi desenvolvido por professoras e estagiárias da Escola de Biblioteconomia da UFMG, com o apoio da Prefeitura Municipal de São João del Rei e do CNPq.

PARÁ

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL Biblioteca Pública Arthur Vianna

A coleção é, basicamente, constituída de publicações doadas ou adquiridas de personalidades do Estado, na época da criação da Biblioteca, em 25/03/1871. No entanto, só a partir de 1985, teve início o trabalho de inventário e tratamento técnico específico das obras identificadas como raras, atividades estas ainda não concluídas. O acervo totaliza, aproximadamente, 26.000 volumes entre obras raras, valiosas e antigas.

Participam do projeto três bibliotecários, um higienizador e um datilógrafo.

BANCO DA AMAZÔNIA Centro de Documentação e Biblioteca

O acervo de obras raras conta com 335 títulos, os mesmos do início do projeto, em 1977. Segundo a Chefe da Biblioteca, a coleção de obras raras foi organizada com documentos que tratam principalmente da economia nacional e do ciclo da borracha, motivadores da criação do Banco de Crédito da Borracha (08/07/1942). O repertório selecionado para o catálogo da instituição, no entanto, apresenta obras do século XIX e XX sobre a Amazônia, abordando temas da colonização, exploração estrangeira, controvérsias históricas, questões de limites territoriais, aspectos políticos e sócio-econômicos da região.

Participam do projeto três bibliotecários e dois estagiários do Curso de Biblioteconomia. A fonte de recursos financeiros é o próprio Banco da Amazônia, instituição mantenedora do Centro de Documentação e Biblioteca.

GRÊMIO LITERÁRIO E RECREATIVO PORTUGUÊS
Biblioteca Fran Paxeco

Resultado de doações de bibliotecas particulares de portugueses ilustres, a coleção de obras raras é composta por 252 títulos, num total de 406 volumes, que abrangem os séculos XVI a XVIII.

O trabalho com as obras raras começou em 1984, envolvendo duas bibliotecárias (professoras do Curso de Biblioteconomia da UFPA), um auxiliar de biblioteca e estagiárias (alunas do Curso de Biblioteconomia da UFPA). Para elaboração dos catálogos, contou-se com a orientação de professoras especialistas em obras raras do Instituto de Estudos Brasileiros (USP) e do PLANOR. Como fonte de recursos financeiros para o desenvolvimento do projeto, foi apontado o convênio com a Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Pará.

A partir da relação de catálogos publicados por essa instituição, depreende-se que, do século XIX em diante, as obras científicas foram organizadas em grandes áreas do conhecimento, ou mesmo por assuntos específicos (Camiliana, História de Portugal, Biografias).

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI (*)
Biblioteca Domingos Soares Ferreira Penna

Em resposta ao questionário, obteve-se a informação de que o projeto de tratamento das obras raras não havia sido iniciado, sendo o acervo raro tratado juntamente com o acervo geral da Biblioteca.

No prefácio e introdução do "Catalogus Librorum Musaei Goeldiani" obtêm-se a informação de que a Biblioteca do Museu Paraense foi concebida em projeto de Ferreira Penna nos idos de 1866, vindo a concretizar-se em 1894 com o apoio de Emílio Goeldi, então recém empossado diretor, entre outros. O catálogo reúne as dezenove obras datadas dos séculos XVI, XVII e XVIII sob a guarda do Museu, incluindo vários índices (onomástico, de assuntos, das estampas, mapas e plantas de cidades e das tipografias e/ou tipógrafos) que o enriquecem e facilitam o trabalho de pesquisa.

PERNAMBUCO

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL

De acordo com o catálogo de obras raras a coleção totaliza 445 títulos, abrangendo os séculos XVI a XX. As obras encontram-se na instituição desde a sua fundação, em 1945, sendo o trabalho desenvolvido por um bibliotecário e um datilógrafo.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO - UNICAP Biblioteca Central "Pe. Aloisio Mosca de Carvalho"

Da introdução do catálogo de obras raras foi retirado o seguinte histórico: "A Biblioteca Central da Universidade Católica de Pernambuco, em convênio com a Fundação Nacional Pró-Memória, elaborou um projeto para a recuperação e o tratamento técnico de suas obras consideradas raras e/ou valiosas que pertenceram ao acervo da antiga Biblioteca do Liceu de Artes e Ofícios, fundado no Recife, em 1880, e rico em assuntos pernambucanos do século XIX. Parte dessa Biblioteca foi destruída por um incêndio em 1965 e o que restou dela foi incorporado ao acervo da Biblioteca Central da UNICAP, para evitar uma total destruição".

Graças a um novo convênio celebrado com a Fundação Nacional Pró-Memória em 1984, teve início o tratamento técnico e recuperação de parte da coleção, resultando na publicação do catálogo composto por 345 títulos, parcela significativa da totalidade do acervo do qual fazem parte 979 títulos de monografias, 12 panfletos, 119 manuscritos e dois títulos de jornais.

Na equipe envolvida no projeto de obras raras encontram-se: dois bibliotecários, um historiador, um encadernador e um auxiliar.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO Biblioteca do Centro de Ciências Jurídicas

A coleção de obras raras, composta por 580 volumes, teve sua origem na coleção do Visconde de Santo Albino (adquirida pelo Reitor Amazonas) e pela coleção de Tobias Barreto, sendo as demais recebidas do Serviço de Documentação da Biblioteca Central da UFPE. Cabe lembrar que Tobias Barreto, diplomado em 1869 pela Faculdade de Direito do Recife, foi um grande animador da cultura nacional, introduzindo aqui as novas correntes

do pensamento europeu, em particular o alemão. De 1871 a 1881 exerceu a advocacia em Escada (SE), onde montou uma tipografia, nela imprimindo o periódico "Deutscher Kampf" (O Lutador Alemão).

No trabalho com as obras raras estão envolvidos uma bibliotecária e um estagiário. Como fonte de recursos financeiros mencionou-se o PLANOR e a Fundação Joaquim Nabuco.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE PERNAMBUCO

Biblioteca Pública Estadual "Presidente Castello Branco"

Criada pela lei provincial número 293, de 5 de maio de 1852, a Biblioteca Pública Estadual de Pernambuco conta com uma coleção de 8.006 obras consideradas raras, formada a partir de doações de instituições e particulares. Do tratamento das obras raras participam, desde 1988, um bibliotecário e um especialista da área de filosofia.

RIO DE JANEIRO

ARQUIVO NACIONAL

A coleção de obras raras, composta por 4.000 títulos, o equivalente a 4.500 volumes, foi formada pelos diretores do Arquivo Nacional, que adquiriram as obras de grandes colecionadores e livreiros. São obras dos mais variados assuntos: os viajantes Jean de Lery, Debret, Blaise François Pagan, Francis de Castelnau, François Auguste Biard, Ferdinand Denis, Charles Expilly e outros narram em suas obras incursões pelas matas e cidades do Brasil; coleções sobre a "Flora Brasiliensis"; legislações de Portugal; livros sobre medicina; relatórios de presidentes da Província, etc. O projeto "Obras Raras dos Séculos XVI ao XIX: sua colaboração para a memória da humanidade" abrange os critérios de raridade bibliográfica, um diagnóstico da conservação das obras, automação dos problemas encontrados e o tipo de tratamento recebido quanto à preservação e restauração, sendo que as obras que já passaram pelo processamento técnico e possuem notação definitiva são preparadas para microfilmagem.

No trabalho com obras raras estão envolvidos sete bibliotecários, dois historiadores, três técnicos em microfilmagem e dois auxiliares em documentação. Como fonte de recursos financeiros são mencionadas a Fundação Vitae e a FAPERJ.

BIBLIOTECA NACIONAL

A origem da Biblioteca Nacional remonta à Livraria que Dom José, Rei de Portugal, mandou organizar em substituição à Real Biblioteca destruída por um incêndio a 1.º de novembro de 1755, durante o terremoto de Lisboa.

Entre os anos de 1770 e 1773, o acervo da Livraria do rei foi enriquecido com preciosas peças reunidas numa coleção de 5.764 volumes e doadas pelo bibliófilo Diogo Barbosa Machado. Posteriormente, com a proscrição da Companhia de Jesus, foi incorporada à Biblioteca Real parte do acervo do Colégio Jesuíta de Todos os Santos, da Ilha de São Miguel dos Açores.

Em novembro de 1807, quando o príncipe regente Dom João, a rainha D. Maria I e toda família real, diante da invasão de Portugal pelas tropas francesas, deixam Lisboa com destino ao Brasil, trazem consigo a Real Biblioteca, com cerca de 60.000 peças, entre livros, manuscritos, estampas, mapas, moedas e medalhas. Com a família real vem também a livraria chamada do Infantado, cujos impressos foram incorporados à Real Biblioteca; a maior parte dos manuscritos, porém, retornou a Portugal, quando a corte regressou. Ficaram, ainda assim, aproximadamente 1.000 códices dos mais de seis mil que nela existiam.

Desde que definitivamente estabelecida no Rio de Janeiro, a Biblioteca Real foi agregando, por doação e por aquisição, grandes e importantes coleções de livros. Até a Independência continuava a ser acrescida por determinação real com "propinas", isto é, a entrega de um exemplar de todos os papéis impressos em oficinas tipográficas de Portugal (alvará de 12 de setembro de 1805) e também pelo material produzido na Impressão Régia, instalada no Rio de Janeiro.

Em 1811 chega ao Rio, com nova remessa de livros da Real Biblioteca, Luís Joaquim dos Santos Marrocos, que desde 1802 servia como ajudante nas bibliotecas do Rei. Logo que chegou, Santos Marrocos teve exercício na Real Biblioteca, em companhia do Pe. Joaquim Dâmaso, de Frei Gregório José Viegas e de três serventes.

Ainda em 1811 recebeu a Biblioteca todos os impressos e manuscritos que constituíam o espólio de Frei José Mariano da Conceição Veloso, doados ao príncipe regente pelo Provincial do Convento de Santo Antônio, onde falecera o ilustre botânico.

Retornando a família real à Europa, em 1821, aqui ficou a Real Biblioteca que passou a ser propriedade do Império do Brasil pela Convenção Adicional ao Tratado de Paz e Amizade, celebrado entre o Brasil e Portugal, a 29 de agosto de 1825.

Criada pelo decreto 20.478, de 24 de janeiro de 1946, com o nome de Seção de Livros Raros, a SOR - Seção de Obras Raras atende a um público extremamente especializado. Dentre o material bibliográfico (obras, folhetos, folhas volantes, periódicos, etc.) raro ou precioso, destaca-se aquele proveniente das coleções: Real Biblioteca, Araujense, José Antônio Marques, Benedito Ottoni, etc. Merecem citação ainda, no acervo precioso, os incunábulo, os livros impressos no século XVI, a Camoneana e a coleção de periódicos especiais.

Composta por aproximadamente 42.000 títulos entre livros e periódicos, o equivalente a 50.000 volumes, a coleção de obras raras absorve o trabalho de sete bibliotecários e dois auxiliares de biblioteca. Como fonte de recursos financeiros foram mencionados projetos envolvendo SEPLAN e FINEP, além da própria Fundação Biblioteca Nacional.

ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES (*) Biblioteca

Criada pelo Decreto 19.852, de 11/04/1931, na Universidade do Rio de Janeiro, foi incluída na Universidade do Brasil, pela lei 452, de 05/07/1937, a qual foi federalizada pela lei 1.254, de 04/12/1950. A partir de 1965 passou a chamar-se Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Quando da publicação do catálogo de obras raras (1957), a Biblioteca da Escola de Belas Artes contava com um acervo valioso de aproximadamente 7.000 obras, figurando entre os doadores iniciais o Imperador D. Pedro II e vários ministros de Estado.

Na elaboração do catálogo, foi tomada como ponto de referência, a obra de Jacques Charles Brunet "Manuel des amateurs des livres", edição de 1921.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (*)
Biblioteca de Manguinhos

A Biblioteca de Manguinhos, considerada como uma das maiores bibliotecas científicas da América Latina na área biomédica, tem em Oswaldo Cruz, diretor do Instituto em 1902, o marco inicial da sua formação. Conta com um acervo aproximado de 5.000 títulos, entre os quais 182 são considerados obras raras ou especiais, sendo descritas no catálogo publicado pela instituição. Essas obras abrangem os séculos XVII a XIX e meados do século XX, limitando-se basicamente à área de História Natural.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES (*)
Biblioteca Histórica (Biblioteca do Itamaraty)

Em resposta ao questionário obteve-se a informação de que os catálogos de obras raras, que abrangem os períodos de 1481-1559 e 1600-1699, consistem apenas na reprodução xerográfica das fichas catalográficas das referidas obras. De acordo com a chefe da biblioteca “os padrões mantidos pela Biblioteca não permitem uma maior colaboração para a dissertação de mestrado.”

Segundo Saeta (1994), o acervo documental do Itamaraty se subdivide em três setores, definidos como biblioteca, arquivo histórico e mapoteca. A biblioteca possui um dos acervos mais ricos do Brasil. Seus pontos fortes são as áreas de relações internacionais, história do Brasil e direito internacional. As coleções Varnhagem, Rio Branco e Joaquim Nabuco, incorporadas ao acervo, contém numerosas obras raras. O arquivo histórico guarda a documentação referente às embaixadas nos diferentes países, às correspondências destas com o Ministério, às missões diplomáticas, às comissões de limites e fronteiras, além de relatórios técnicos de especialistas a serviço do Brasil e diferentes coleções privadas, a exemplo da do próprio Rio Branco. A mapoteca tem um dos mais preciosos acervos cartográficos do país, além de uma coleção iconográfica composta de fotografias, gravuras e desenhos.

Toda esta documentação é denominada histórica e não deverá receber acréscimos uma vez que o Ministério das Relações Exteriores mantém um novo arquivo em Brasília, para sua produção documental a partir de 1960.

O núcleo que permaneceu no Rio passou a funcionar com um número reduzido de funcionários e um orçamento pouco representativo em relação às necessidades de manutenção e conservação do edifício e do acervo.

No início de 1993, a Comissão de Estudos da História Diplomática do Ministério das Relações Exteriores constituiu um grupo de trabalho envolvendo especialistas em Arquivologia, Informática e Conservação, da Fundação Getúlio Vargas e do Arquivo Nacional, para serem identificadas as necessidades básicas de acesso e de conservação do acervo do Itamaraty-Rio.

Como proposta priorizou-se a recuperação do edifício e informatização dos instrumentos de consulta à documentação.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (*)

Departamento de Documentação e Biblioteca
Biblioteca Isaac Kertenetzky

A coleção de obras raras conta com 307 títulos e é composta de censos, relatórios estatísticos e outras publicações da antiga "Directoria Geral de Estatística e Geografia", considerados pelos técnicos do IBGE como de valor histórico. Possui, em sala especial, a Coleção IBEGEANA, constituída de obras produzidas pelo IBGE, com a finalidade de preservar a memória técnica institucional.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA INGLESA (*)

Biblioteca

Em resposta ao questionário, foi informado que ainda não teve início o Projeto de Obras Raras, estando a instituição impossibilitada de identificar obras raras em sua coleção. Há, no entanto, a solicitação de visita técnica do PLANOR, para avaliação do acervo e início dos trabalhos.

O catálogo referente à Coleção Lynch (1984) é resultado de uma pesquisa em obras de referência, na Biblioteca Nacional, entre elas: Brunet, Garraux, Borba de Moraes, Rodrigues, etc. Nele são relacionadas as obras consideradas raras, dentro de cada classe de assunto, abrangendo os séculos XVI a XX.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (*)
Biblioteca Central

Em novembro de 1990, foi criado pela Diretoria do SIBI - Sistema de Bibliotecas e Informação, o Comitê de Obras Raras da UFRJ, que tem por objetivo conscientizar, orientar, apoiar e solucionar os problemas existentes junto aos acervos de obras raras e/ou antigas da Universidade. O Comitê conta com a representação de um bibliotecário de cada Centro (são 45 bibliotecas integrantes do SIBI), além de um representante do PLANOR.

Apesar da ausência de resposta ao questionário, pretende-se, neste estudo, utilizar os resultados do diagnóstico do acervo de obras raras e/ou antigas apresentados no II Congresso Latino-Americano de Biblioteconomia e Documentação e XVII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado em Belo Horizonte, em 1994.

RIO GRANDE DO SUL

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Criada pela lei 724, de 14 de abril de 1871, a Biblioteca Pública do Estado foi instalada e aberta ao público a 21 de janeiro de 1877, possuindo 1.809 obras em 3.566 volumes. Seu acervo geral eleva-se, atualmente, a 59.172 obras em 90.802 exemplares, conforme dados extraídos da introdução do catálogo publicado pela instituição em 1972.

O projeto de obras raras teve início em 1970, envolve um bibliotecário, um especialista e dois auxiliares e conta com recursos financeiros do Ministério da Educação e Cultura e do Conselho Federal de Cultura.

A coleção de obras raras teve origem com a doação de acervos particulares e totaliza 400 títulos que abrangem os séculos XVI a XX. O catálogo publicado pela Instituição apresenta com peculiaridade uma coleção intitulada "Inferno" que corresponde a 16% do total.

"Igualmente, coletamos as obras que devem figurar em nosso 'Inferno', por compreender a utilidade ocasional desses livros, como marcos sempre vivos da linguagem, do espírito e dos hábitos de uma época. (...) a maioria deles tornou-se famosa no passado,

sendo proibidos por atentarem contra a moral ou por criticarem interesses de certas classes sociais, políticas ou religiosas. São vários os exemplos de livros que, em todas as épocas, têm levado seus autores a tribunais, passíveis de condenações ou de figurar no 'Index Librorum Prohibitorum'. Porém, hoje, se ainda fazem parte dos 'Infernos' das bibliotecas, é mais por tradição, já que se modificou o ponto de vista ético de nossos dias." (Biblioteca Pública do Estado, 1972)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Biblioteca Central

O acervo raro da UFRGS compreende obras selecionadas dentre a coleção adquirida, em 1969, do bibliófilo, médico e professor da Universidade Dr. Gert Eduardo Secco Eichenberg.

"O conjunto compreende obras desde o século XVI ao XX - exemplares de raridade já comprovada em bibliografias e outros que, pela apreciação e pesquisa podem ser assim considerados. Os assuntos representados são principalmente: religião (inúmeras Bíblias); ciências (com ênfase na botânica e na medicina); viagens (ao Oriente e às Américas, inclusive Brasil); literatura (autores franceses, portugueses e brasileiros); literatura clássica (Homero, Horácio, Virgílio, Sêneca, Ovídio); filósofos e historiadores (a antigüidade, dos séculos XVII ao XIX); inúmeras biografias; costumes e sátira social (representados na coleção pelos álbuns de caricaturas). Inclui também o conjunto Secco Eichenberg, coleção de referência bibliográfica e é das mais completas: obras básicas para a identificação de materiais bibliográficos. Os grandes volumes in-fólio nos quais estão impressos textos, mas principalmente ilustrações de grande valor, compõem um conjunto excepcional para uma coleção organizada por particular. As edições limitadas e de luxo, com exemplares numerados, registrando a justificativa das tiragens, constituem por si só, um conjunto de raridade a destacar entre as demais." (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1988).

Paralelamente a Seção vem recebendo obras em doação, que formam a "Coleção Século XX". No total são, aproximadamente, 10.000 monografias e 91 títulos de periódicos.

O trabalho com obras raras começou em 1986, com orientação do PLANOR, e envolve dois bibliotecários, um técnico em restauração e dois bolsistas (Bolsas de Iniciação Científica, da FAPERGS). Em resposta ao pedido de atualização dos dados inicialmente coletados, foi informado que a "Seção de Obras Raras encontra-se fechada desde 1993, por total falta de condições de funcionamento. O espaço físico necessita de ampliação urgente, devido ao crescimento do acervo raro, crescimento este ocasionado pela entrada de novos volumes que antes integravam o acervo geral da própria Biblioteca Central". Em maio do corrente ano eram aguardadas providências da Reitoria da Universidade.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

A Biblioteca Rio-Grandense, fundada em 1846 pelo guarda-livros português João Barbosa Coelho, reúne um acervo de aproximadamente 220.000 obras, além de vários documentos referentes à Guerra do Paraguai e à história do Rio Grande do Sul. No Setor de Obras Raras ou Valiosas possui mais de 1.500 títulos dos séculos XVI a XX, que foram adquiridos por doações de particulares, compras e permutas com outras instituições. Desse total, 662 títulos foram identificados no catálogo de obras raras publicado pela instituição e no questionário respondido.

O trabalho com as obras raras teve início em 1977, envolvendo três bibliotecários, um auxiliar e dois estagiários, estudantes do Curso de Biblioteconomia da FURG - Fundação Universidade do Rio Grande. Dentre as fontes de recursos financeiros incluem-se: Prefeitura Municipal, FURG e, aproximadamente, 918 associados que contribuem com mensalidades.

SÃO PAULO

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE SÃO PAULO Biblioteca Mário de Andrade

A Biblioteca Municipal de São Paulo foi fundada em 1925 e instalada em 1926. O atual edifício, idealizado por Rubens Borba de Moraes, foi inaugurado oficialmente em 25 de janeiro de 1942. A Biblioteca dispõe, atualmente, de um dos acervos mais expressivos do país, destacando-se dentre suas coleções mais importantes as de Artes, Mapas, Obras Raras e Periódicos: são aproximadamente 300.000 volumes em livros, e 11.000 títulos de periódicos.

A Seção de Obras Raras e Especiais foi formada a partir da reunião de diversos acervos e coleções de bibliófilos e pesquisadores, compradas ou doadas à Biblioteca Mário de Andrade através dos tempos. Sua organização teve início em setembro de 1943, sendo aberta ao público em julho de 1945. No total são 38.000 títulos, equivalentes a 46.000 volumes de obras raras ou especiais.

As primeiras obras deste acervo vieram da incorporação da antiga Biblioteca Pública do Estado de São Paulo (em 1937) e das Coleções Félix Pacheco (comprada em 1936), Batista Pereira (comprada em 1937) e Paulo Prado (doada em 1945).

Posteriormente, juntaram-se a estas os livros, manuscritos, mapas e obras de arte das Coleções Carvalho Franco, Pereira Matos, Pirajá da Silva, Paula Souza, Maynard de Araújo, Otto Maria Carpeaux, José Perez (Cervantina) e Paulo Duarte, além de obras diversas compradas pela Secretaria Municipal de Cultura ou doadas por particulares. Algumas destas últimas coleções não foram totalmente trabalhadas, existindo na Seção de Obras Raras e Especiais, ainda para serem catalogados, cerca de oito mil volumes dos séculos XIX e XX.

Devido aos critérios de raridade bibliográfica utilizados na época inicial da reunião destes acervos, muitos livros pertencentes a estas coleções foram distribuídos para outras seções da Biblioteca Mário de Andrade ou mesmo enviados para o depósito da Biblioteca Kennedy, em Santo Amaro.

A Seção conta com dezesseis bibliotecários, sendo que apenas sete trabalham especificamente com obras raras. Os demais atuam nas Salas de Arte e Mapoteca, também ligadas à Seção.

INSTITUTO DE CIÊNCIAS MATEMÁTICAS DE SÃO CARLOS (*) Biblioteca "Prof. Achille Bassi"

De acordo com o catálogo "Obras raras e clássicas", a coleção foi formada por um grupo de professores, trazidos da Europa por ocasião do começo das atividades da USP em São Carlos, e com grande experiência em pesquisa científica. Assim, com o objetivo de propiciar condições para o desenvolvimento de pesquisas em matemática, teve início um árduo trabalho de localização e aquisição de livros e periódicos. "Com suas ligações no Continente Europeu, conseguiram localizar algumas preciosas coleções e

nesse afã, depararam-se com obras clássicas, muitas das quais datadas de antes deste século, indispensáveis a uma boa biblioteca de matemática.”

O quadro a seguir (tabela 1) resume a situação dos projetos de obras raras, para as instituições que explicitaram nas respostas os itens mencionados, no que se refere ao pessoal técnico envolvido e o volume de trabalho.

O primeiro trabalho especificamente voltado para obras raras foi desenvolvido pela Biblioteca Mário de Andrade, a partir de 1943, quando teve início a organização da Seção de Obras Raras e Especiais. A Biblioteca Nacional, apesar de ter a origem da coleção no século passado, viu criada a sua Seção de Livros Raros em 1946. Os demais projetos tiveram seu início após os anos 70, com maior ênfase na década de 80.

Em relação ao corpo técnico e o volume do acervo raro, constata-se que o Banco da Amazônia é a instituição melhor preparada quantitativamente, apresentando uma proporção de pouco mais de 100 livros por bibliotecário. A seguir encontram-se o Grêmio Recreativo e Literário Português (203 livros/bibliotecário) e a Biblioteca Pública do Rio Grande do Sul (400 livros/bibliotecário). Na categoria biblioteca/arquivo público, a situação das maiores detentoras de acervo raro não é tão satisfatória: 8.667 livros para cada bibliotecário da Biblioteca Pública do Pará, 7.143 para a Biblioteca Nacional e 6.571 para a Biblioteca Municipal de São Paulo.

Embora esteja comprovada a importância do trabalho interdisciplinar no que se refere ao livro raro, são poucas as instituições que podem dispor de um especialista de outra área em seu corpo técnico. Nesse grupo incluem-se a Universidade Católica de Pernambuco (especialista da área de História), a Biblioteca Pública de Pernambuco (Filosofia), o Arquivo Nacional (História) e a Biblioteca Pública do Rio Grande do Sul (que não mencionou a área da especialização).

TABELA 1

RELAÇÃO ENTRE O PESSOAL TÉCNICO ENVOLVIDO NOS PROJETOS E
O VOLUME DE OBRAS RARAS NAS INSTITUIÇÕES

INSTITUIÇÃO	INÍCIO PROJETO	PESSOAL				QUANT VOL.
		BIBLIOT	ESPEC.	AUX.	EST.	
1. Bibl. Públ. Amazonas	1983	1	-	-	-	1.355
2. Bibl. Públ. Ceará	1979	1	-	2	-	4.802
3. Câmara dos Deputados	1991	2	-	-	-	1.564
4. Banco da Amazônia	1977	3	-	-	2	335
5. Bibl. Públ. Pará	1985	3	-	2	-	26.000
6. Grêmio Lit. Rec. Port.	1984	2	-	1	*	406
7. Arq. Públ. Pernambuco	-	1	-	1	-	445
8. Univ. Cat. Pernambuco	1984	2	1	2	-	1.169
9. Univ. Fed. Pernambuco	-	1	-	-	1	580
10. Bibl. Públ. Pernambuco	1988	1	1	-	-	8.006
11. Arquivo Nacional	-	7	2	5	-	4.500
12. Biblioteca Nacional	1946	7	-	2	-	50.000
13. Bibl. Públ. R.G. Sul	1970	1	1	2	-	400
14. Univ. Fed. R.G. Sul	1986	2	-	1	2	10.000
15. Bibl. Rio-Grandense	1977	3	-	1	2	818
16. Bibl. Mun. São Paulo	1943	7	-	-	-	46.000

* Não especificou o número exato de estagiários

TABELA 2

QUANTIDADE DE TÍTULOS E VOLUMES EXISTENTES NAS COLEÇÕES DE OBRAS RARAS

REGIÃO	INSTITUIÇÃO	TÍTULOS	VOLUMES	TOTAL VOLUMES
NORTE	Bibl. Públ. Amazonas	851	1 355	28 096
	Banco da Amazônia	335	335	
	Bibl. Públ. Pará	-	26 000	
	Grêmio Lit. Rec. Port.	252	406	
NORDESTE	Bibl. Públ. Ceará	4 802	4 802	15 002
	Arq. Públ. Pernambuco	445	445	
	Bibl. Públ. Pernambuco	-	8 006	
	Univ. Fed. Pernambuco	-	580	
	Univ. Cat. Pernambuco	1 112	1 169	
SUL	Univ. Fed. R.G. Sul	-	10 000	11 218
	Bibl. Rio-Grandense	662	818	
	Bibl. Públ. R.G. Sul	400	400	
SUDESTE	Arquivo Nacional	4 000	4 500	100 893
	Biblioteca Nacional	42 000	50 000	
	Bibl. Mun. São Paulo	38 000	46 000	
	IBGE	307	307	
	Inst. Ci. Matemát. S. Carlos	86	86	
CENTRO-OESTE	Câmara dos Deputados	-	1 564	1 564
TOTAL				156.773

Obs: Foram totalizados apenas os volumes porque várias instituições não citaram o número de títulos, provocando uma relação desigual entre os dois itens e que não corresponde à realidade das bibliotecas.

6.2 IDENTIFICAÇÃO DA COLEÇÃO⁽³⁾

TABELA 3
DISTRIBUIÇÃO DAS COLEÇÕES DE OBRAS RARAS POR SÉCULO DE PUBLICAÇÃO

REGIÃO	INSTITUIÇÃO	PORCENTAGEM POR SÉCULOS						QUANTIDADE
		XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TÍTULOS
NORTE	Bibl. Públ. Amazonas	0,1	0,1	0,5	0,3	80	10	851
	Banco da Amazônia	-	-	-	-	25	75	335
	Bibl. Públ. Pará	-	-	0,003	0,04	40	30	-
NORDESTE	Grémio Lit. Rec. Port.	-	15	32	53	-	-	252
	Bibl. Públ. Ceará	0,02	0,18	0,1	-	-	-	4.802
	Arq. Públ. Pernambuco	-	0,6	7,6	14,6	59,6	17,6	445
SUL	Univ. Fed. Pernambuco	-	-	0,1	8,8	29,5	0,7	-
	Univ. Fed. R. G. Sul	-	1,04	3,93	-	-	-	-
	Bibl. Rão-Grandense	-	0,76	4,83	13,9	52,57	22,66	662
SUDESTE	Bibl. Públ. R. G. Sul	-	2	4	24	48	6	400
	Arquivo Nacional	5	5	10	30	50	-	4.000
	Biblioteca Nacional	0,5	9,4	19,3	-	-	-	42.000
	Bibl. Mun. São Paulo	0,02	1	2	7	40	50	38.000
	Inst. Ci. Matemat. S. Carlos	-	-	1,16	1,16	30,23	67,45	86
	MÉDIA TOTAL	0,40	2,51	6,11	10,91	32,49	19,96	93.252

OBS.: As diferenças nas porcentagens são atribuídas às obras sem data ou ainda não estudadas.

TABELA 4
DISTRIBUIÇÃO DAS COLEÇÕES DE OBRAS RARAS POR PAÍS DE PUBLICAÇÃO

REGIÃO	INSTITUIÇÃO	PORCENTAGEM POR PAÍS						
		BRA	ESP	FRA	ING	ITA	POR	OUTROS
NORTE	Bibl. Públ. Amazonas	80	3,5	0,1	3,5	0,2	10	-
	Banco da Amazônia	95	3	0,5	1,5	-	-	-
	Bibl. Públ. Pará	15	-	35	-	-	15	35
NORDESTE	Grémio Lit. Rec. Port.	1	10	10	-	60	10	9
	Arq. Públ. Pernambuco	80	-	-	-	-	-	-
	Bibl. Públ. Ceará	80	3	4	1	1	9	2
SUDESTE	Bibl. Mun. São Paulo	60	5	5	2	3	20	5
	TOTAL	411	24,5	54,6	8	64,2	64	51

De acordo com os resultados apresentados, a maior concentração de obras raras está na região sudeste, dado que é confirmado pelo cadastramento de 185 instituições desta região no "II Indicador das Bibliotecas Brasileiras de Acervo Antigo, publicado pelo PLANOR em um total de 310 instituições em todo o país. O maior acervo de obras raras é,

⁽³⁾ Devido ao grande número de questionários devolvidos incompletos, serão incluídas nas tabelas apenas as instituições que responderam à questão analisada.

obviamente, o da Biblioteca Nacional, seguido pela Biblioteca Municipal de São Paulo e pela Biblioteca Pública do Pará.

Apesar do grande volume de obras consideradas raras no acervo da Biblioteca Mário de Andrade e da Biblioteca Pública do Pará é forte a concentração nos séculos XIX e XX: 90% e 70%, respectivamente. Considerando-se o limite histórico, como foi visto na revisão de literatura, a raridade é assegurada para publicações brasileiras da primeira metade do século XIX. No caso da Biblioteca Municipal de São Paulo, o país de publicação de maior incidência é, realmente, o Brasil. O que já não acontece com a Biblioteca Pública do Pará, cujo acervo raro foi publicado principalmente na França. Na mesma Biblioteca o registro de 35% para o item "outros", não foi esclarecido na atualização das respostas ao questionário; mas, quando conjugado às demais questões, esse índice sinaliza para a porção do acervo ainda não inventariada (55%). A Biblioteca Nacional informou apenas que possui 29,2% da coleção com período de publicação compreendida entre os séculos XV e XVII, caracterizado como de raridade inquestionável.

Um dos menores acervos, o do Grêmio Literário e Recreativo Português, é o que apresenta maior incidência de publicações no período que abrange os séculos XVI a XVIII: 47% das obras raras, sendo a Itália o mais freqüente país de publicação, o que constitui também uma exceção visto que, no geral, o Brasil é o país predominante nas instituições estudadas. É ainda curioso o fato de que um grêmio literário português possua 60% do acervo raro publicado na Itália. Os outros países mais citados, além do Brasil, são: Itália, Portugal e França.

6.3 CRITÉRIOS ADOTADOS PARA A IDENTIFICAÇÃO DAS OBRAS RARAS

A partir de dados coletados sobre 21 instituições, verificou-se que 12 utilizam a Biblioteca Nacional/PLANOR como fonte dos critérios adotados. São elas:

- Biblioteca Pública do Amazonas,
- Universidade do Amazonas,
- Câmara dos Deputados,
- Biblioteca Municipal de São João del Rei,
- Biblioteca Pública do Pará,
- Universidade Federal de Pernambuco,
- Universidade Católica de Pernambuco,
- Biblioteca Pública de Pernambuco,
- Biblioteca Nacional,
- Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa,
- Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- Biblioteca Rio-Grandense.

Os critérios de raridade bibliográfica adotados pela Biblioteca Nacional/PLANOR são :

1. Primeiras impressões (séculos XV-XVI);
2. Impressões dos séculos XVII e XVIII (até 1720);
3. Edições de tiragens reduzidas;
4. Edições especiais, de luxo, para bibliófilos;
5. Edições clandestinas;
6. Obras esgotadas;
7. Exemplares de coleções especiais (regra geral, com belas encadernações e ex-libris);
8. Exemplares com anotações manuscritas de importância (incluindo dedicatórias);
9. Em relação ao Brasil, sobretudo nos Estados, a produção gráfica se desenvolve a partir do Segundo Reinado, por essa razão estende-se o conceito de obra rara até 1841.

Ainda segundo recomendações da Biblioteca Nacional/PLANOR, conforme interesses específicos de bibliotecas e/ou colecionadores, outros

critérios podem ser acrescidos. A classificação de qualquer obra dentro destes padrões exige um apoio bibliográfico, isto é, consulta a bibliografias, catálogos especiais com descrição de exemplares, conhecimento de história do livro e outras fontes de informação e referência. As principais obras de referência sobre obras raras, citadas pelas instituições pesquisadas, podem ser encontradas no Anexo III.

A seguir serão transcritos os critérios adotados pelas instituições que não mencionaram orientação da Biblioteca Nacional/PLANOR.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO CEARÁ

Em resposta à questão dos critérios de raridade, foram listados os seguintes:

- data,
- assunto de interesse histórico,
- assunto pitoresco,
- encadernação,
- primeiras edições,
- oferecimentos do autor,
- assinaturas do autor ou proprietários anteriores de proeminência,
- tipo de papel,
- ilustrações,
- tipo de impressão.

"A seleção inicial foi feita por um bibliotecário e um historiador com base em catálogos de outras instituições, nos conhecimentos individuais e por intuição. Não temos documentação que defina critérios."

BIBLIOTECA DO MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

Foram mencionados, no Catálogo de obras raras da instituição, os seguintes critérios para identificação de obras raras:

- obras de autores brasileiros e estrangeiros editadas até 1860;
- primeiras edições;
- segundas edições até 1889;
- edições de luxo;
- edições com tiragem aproximada de 300 exemplares;
- obras autografadas por autores renomados;

- obras de personalidades de projeção política, científica, literária e religiosa;
- teses;
- obras abonadas de próprio punho ou reunidas em coletâneas por Affonso Penna Júnior.

BANCO DA AMAZÔNIA

“Obras relativas ao período do ciclo da borracha ⁽⁴⁾ que trazem o histórico da economia amazônica e que são usadas como subsídios na elaboração de documentos que tratam da preservação da memória do BASA - Banco da Amazônia S.A.”

GRÊMIO LITERÁRIO E RECREATIVO PORTUGUÊS

“Pesquisa de identificação em fontes bibliográficas correspondentes, bem como consulta a professores especialistas em obras raras (Profa. Ana Virgínia T. Pinheiro - da Biblioteca Nacional e Profa. Rosemarie Erika Horch - do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo).”

ARQUIVO NACIONAL

De acordo com a introdução do “Catálogo de Obras Raras” publicado pela instituição, foram consideradas raras no Arquivo Nacional:

- obras autografadas por autores renomados;
- edições de tiragens reduzidas;
- exemplares de coleções especiais de pessoas ilustres (como Wanderley Pinho e Lobo Leite);
- exemplares com dedicatórias manuscritas e anotações de pessoas ilustres; entre outras características.

⁽⁴⁾ O ciclo da borracha refere-se ao desenvolvimento da atividade extrativa, na Amazônia, principalmente na segunda metade do século XIX. A partir de 1890, com a invenção da pneumática, a demanda externa por esta matéria-prima cresceria sensivelmente, sendo que em 1892 a produção brasileira de borracha correspondia a 61% da produção mundial, e ainda em 1910 o Brasil era responsável por 50% do consumo internacional. Esta alta taxa de crescimento só foi possível pelo afluxo de imigrantes, principalmente do Nordeste, aos seringais do Norte. (Linhares, 1990)

Para a elaboração do "Catálogo de obras raras e especiais da Biblioteca de Manguinhos", foram considerados os seguintes critérios básicos na qualificação das obras raras e especiais:

"Obras raras e especiais

- *Obras publicadas até o século XVIII (o fator data impõe-se naturalmente);*
- *Obras publicadas no Brasil no século XIX (período-marco, em face da instalação da tipografia no Brasil em 1808);*
- *Livros com estampas originais (ilustrações de artistas de renome ou dos próprios autores);*
- *Trabalhos que sejam marcos para o progresso da ciência (como as edições antigas da "História Natural" de Linné⁽⁵⁾, primeiro a criar um sistema internacional de nomenclatura zoológica e botânica);*
- *Trabalhos que sejam marcos na História Científica do Brasil (como "Flora Brasiliensis" de von Martius⁽⁶⁾);*
- *Obras esgotadas;*
- *Livros de valor científico editados até o final do século XIX;*
- *Edições clandestinas;*
- *Edições especiais (definem-se por si e são importantes porque restritas em suas destinação e objetivos).*

Exemplares raros e especiais

- *Com dedicatória manuscrita dos autores e/ou personalidades de renome;*
- *Autografados pelo(s) autor(es);*
- *Com marca de propriedade (assinaturas, ex-libris, carimbos, brasões, etc.);*
- *Tiragem especial em edições comuns."*

⁽⁵⁾ LINNÉ, Carl von. *Fauna svecica, sistens animalia sveciae regni...* Distributa per classes & ordines, genera & species... Lugduni. Batavorum [Leyden, Holanda]: C. Wishoff et C. J. Wishoff, 1746. [7], 411p., 2f. de estampas il. 20cm.

Carl von Linné (1707-1778), naturalista e médico sueco, é considerado o pai da moderna sistemática e da nomenclatura binominal dos seres vivos. É autor de termos como fauna, flora, mamíferos e outros. Embora sua crença religiosa o impedisse de negar a criação de todas as espécies por Deus, preparou, ao elaborar um sistema definitivo de classificação das espécies, o caminho a ser trilhado, posteriormente, por cientistas como Lamarck, Wallace e Darwin. (Rodrigues, 1992)

⁽⁶⁾ MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. *Flora brasiliensis: enumeratio plantarum in Brasilia hactenus detectarum, quas suis aliorumque botanicorum studiis descriptas et methodo naturali digestas partim icones illustratas...* Lipsiae [Leipzig, Alemanha]: Apud Fried. Fleischer in Comm, 1840-1906. 15v. em 39 il. 48cm.

Karl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), médico e botânico alemão. Em 1817, integrou missão científica enviada ao Brasil pelos governos bávaro e austríaco, acompanhado do zoólogo Spix, agregado à missão científica austríaca. Empreendeu, durante três anos, prolongada excursão pelo interior do Brasil, durante a qual reuniu cerca de 6.500 espécies de plantas. Deixou grande número de trabalhos, em sua maioria sobre Botânica, e vários estudos referentes ao Brasil, contribuindo ainda para a Etnografia e Linguística Indígenas. (Rodrigues, 1992)

BIBLIOTECA DO IBGE

"...considera-se acervo precioso a coleção de livros, periódicos, mapas, atlas, documentos censitários, livros de atas, fotografias, manuscritos e outros documentos produzidos em tiragens reduzidas, esgotadas, edições comemorativas, edições princeps, documentos únicos, etc., que tratem de temas ligados à história do Homem e da Terra: geociências, estatística, demografia, economia, IBGE (memória institucional), especialmente sobre o Brasil, a partir do século XVII, qualquer que seja o seu idioma."

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

"Valor bibliográfico; valor intrínseco. Fontes: 'How to catalog a rare book', de Paul Shaner Dunkin; Seção de Obras Raras do Boletim da Biblioteca da Câmara dos Deputados, de Brasília."

BIBLIOTECA MUNICIPAL MÁRIO DE ANDRADE

Para melhor compreensão dos critérios adotados por esta instituição, faz-se necessário, diante da riqueza do processo decisório que envolveu a definição dos mesmos, transcrever por completo a resposta do Bibliotecário Chefe da Seção de Obras Raras e Especiais, Rizio Bruno Sant'Ana:

"As primeiras determinações de critérios de raridade para a Seção constavam do Manual de Serviços da então Seção de Raridades, elaborado em 1978 pelas bibliotecárias Maria da Glória Meira e Licínia Nigro. De acordo com este documento, podiam ser consideradas raras as 'edições de luxo, as tiragens limitadas, numeradas em papel especial, primeiras edições da literatura nacional de autores conhecidos, exemplares que, por trazerem assinatura do autor, ilustrador ou mesmo de um antigo proprietário de destaque tornam-se raras'. Indicava-se ainda que 'hoje em dia, por exemplo, só um ex-libris da Coleção Félix Pacheco já é suficiente para se cogitar do exemplar ser raro'.

Por outro lado, destacava-se no texto que 'por determinação da Diretoria do Departamento, estamos recebendo primeiras edições atuais de literatura nacional, de autores conhecidos, assim como todo livro novo com conteúdo 'brasiliano', para preservação de um exemplar para o futuro. (...) Por orientação e ordem superior, devemos receber também

obras das quais sabemos só haver um exemplar em São Paulo, por exemplo, o da Biblioteca. Adotamos o critério de preservação para o futuro, preservação para o usuário'.

A partir de 1989, discutiu-se a possibilidade da Biblioteca Mário de Andrade passar por uma grande reforma, não só física, já que vários problemas estruturais ameaçavam a integridade do acervo, como conceitual, preparando-a para a conservação de forma integral do acervo existente e do acervo em potencial (aquele que virá a ser integrado às coleções já existentes). Neste sentido, a Mário de Andrade deveria ser 'formalmente reconhecida na qualidade de Biblioteca de Pesquisa e de Custódia - órgão municipal responsável pela guarda e preservação de obras e publicações selecionadas e produzidas em papel', conforme o texto 'Pesquisa e custódia de bens culturais bibliográficos', de Percy Londo Filho e Edna Maciel.

Apontou-se, neste estudo preliminar (apresentado como um primeiro esboço de discussão sobre o tema), a necessidade de se criarem reservas técnicas climatizadas para a preservação do material raro, estabelecendo-se três níveis de importância para a caracterização do acervo, a saber: nível I para obras comuns, nível II para as especiais e nível III para as obras raras.

Nível I - Obras comuns: livros editados neste século, sem nenhum tipo de atrativo especial quanto à forma (encadernação, ilustração, tipo de papel, tamanho, etc.) ou ao conteúdo (obras em primeira edição, de autores renomados, de importância histórica ou literária, autografadas, censuradas, etc.)

Nível II - Obras especiais: livros editados até 1900; obras integrantes das coleções compradas ou doadas à Biblioteca Mário de Andrade (conhecidas como fundos bibliográficos); exemplares com marcas do possuidor (ex-libris, autógrafos) ou com detalhes importantes de impressão ou confecção (encadernação, ilustração, tipo de letra, etc.)

Nível III - Obras raras: livros editados até 1800; incunábulo, manuscritos, edições ou tiragens limitadas e numeradas, obras citadas em bibliografias especializadas.

A partir da utilização destes critérios, foi revisto todo o acervo antigo da Coleção Geral da Biblioteca Mário de Andrade.

Durante o trabalho de recolhimento das obras raras e especiais encontradas nestes diversos acervos, ficou claro que os critérios que norteavam a pesquisa e seleção dos livros eram por demais abrangentes. Sentimos que o acervo inicial da Seção de Obras Raras e Especiais ficava como que 'contaminado' por milhares de volumes que não tinham nenhum interesse específico ou aspecto de raridade, a não ser o fato de terem pertencido a alguma das antigas coleções. Isto ficou evidente no caso das obras que fizeram parte da antiga Biblioteca Pública do Estado ou da Coleção Félix Pacheco, localizadas na Coleção Geral, que eram em sua maioria do século XX.

Havia, portanto, certa divergência entre os critérios determinados por Rubens Borba de Moraes para a organização inicial dos primeiros exemplares de livros raros da Biblioteca Mário de Andrade, quando não se incluía no acervo especial aquilo que na época não era considerado importante, com a revisão que ao longo do tempo foi sendo feita e que poderia transformar a Seção de Obras Raras e Especiais num mero abrigo de livros antigos.

Para que se discutissem novos critérios de determinação de raridade que pudessem garantir uma maior uniformidade do acervo, reunindo realmente as obras que tivessem interesse para a Seção, a Secretaria Municipal de Cultura agendou duas reuniões entre os funcionários da Seção de Obras Raras e Especiais e a Profa. Dra. Ana Maria de Almeida Camargo, especialista da USP.

Nestas reuniões foram discutidos todos os aspectos intrínsecos e extrínsecos que determinam a raridade absoluta ou relativa de uma obra, de acordo com o conhecimento da Profa. Ana Maria, tomando por base tanto as informações de vários autores que escreveram sobre o tema como a prática vivenciada pelos funcionários da Seção.

Foram estabelecidos os seguintes critérios para definição de uma obra como sendo rara:

- Manuscritos;*
- Livros editados até 1801, qualquer que seja a origem;*
- Livros editados até 1901 no Brasil ou sobre o Brasil (da chamada 'coleção brasileira');*
- Livros editados até 1901 fora do Brasil quando forem primeiras edições, edições luxuosas (pela ilustração, encadernação, etc.) ou de literatura de viagem;*

- Livros editados após 1901 em primeira edição quando forem de editores renomados e de escritores modernistas ou de vanguarda.

Estes critérios não levam em conta a existência de coleções ou fundos bibliográficos e não distinguem três níveis de raridade. Por outro lado, acompanhou-se, como de certa forma já havia sido estabelecido em critérios anteriores, a noção internacional de que são raras as obras publicadas até 1801, em outros países, ou até 1901, no nosso caso específico. De todo o modo, não se privilegiou um corte puramente cronológico ou feito em torno das coleções."

De uma maneira geral, pode-se afirmar que os critérios de raridade das instituições destacadas acima giram em torno daqueles estabelecidos pela Biblioteca Nacional/PLANOR, com pequenas variações, que visam a atender realidades específicas. Assim, as bibliotecas especializadas, por exemplo, associam aos critérios tradicionais os seus assuntos de interesse. É o caso da Biblioteca de Manguinhos (preocupação com obras que tenham valor científico), da Biblioteca do IBGE ("temas ligados à história do Homem e da Terra") e do Banco da Amazônia (período do ciclo da borracha). Outras bibliotecas mencionam a consulta a especialistas e/ou obras de referência, ou ainda na falta de critérios definidos, a própria intuição. Percebe-se, ainda um forte apelo à memória institucional, critério este que abre, inquestionavelmente, um leque de possibilidades de inserções de obras atípicas numa coleção rara ou especial, quando analisada em conjunto ou a nível nacional.

Mas, como bem lembrou o bibliotecário da Biblioteca Municipal de São Paulo, "fica claro que o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica serve apenas como orientação geral e não como camisa de força a determinar rigidamente o procedimento a ser adotado em cada caso". Pode-se ilustrar com as palavras de Rubens Borba de Moraes, quando ele diz que "o livro com dedicatória é uma coisa curiosa. A gente nunca sabe que destino deve dar para livros com dedicatória. Se o livro é raro, evidentemente ele é raro em si e não pela dedicatória. Mas muitas vezes o livro não é raro, mas a dedicatória do autor é interessante. Então, nesse caso, convém guardar (...) porque se ele não é raro hoje em dia, ele será mais tarde."

O bibliotecário Rizio Bruno Sant'Ana propõe, ainda, a existência de um depósito de obras que possam vir a ser consideradas raras ou especiais, a partir da própria experiência da Biblioteca Municipal de São Paulo, onde, os critérios definidos por Borba de Moraes excluam do acervo especial

“aquilo que na época não era considerado importante”. Hoje, além dos livros raros antigos, seria importante receber também as produções mais recentes, pensando-se por exemplo numa primeira edição de Jorge Amado, como a obra “Navegação de Cabotagem”, lançada na Bienal do Livro, ou mesmo um livro de correspondências de Mário de Andrade, como os vários que têm surgido por ocasião do seu centenário.

Baseando-se na metodologia sugerida por Pinheiro (1989), os critérios de raridade bibliográfica podem ser agrupados comparativamente como na tabela a seguir:

QUADRO 1

CRITÉRIOS DE RARIDADE BIBLIOGRÁFICA QUANTO AO LIMITE HISTÓRICO

INSTITUIÇÃO	ORIGEM DA PUBLICAÇÃO	DATA LIMITE
Universidade do Amazonas	Internacional	1.720
	Brasil	1.860
Biblioteca Pública do Amazonas	Internacional	1.720
	Brasil	1.860
Câmara dos Deputados	Internacional	1.800
	Brasil	1.900
Ministério da Justiça (1)	Internacional	1.860
	Brasil	1.860
Biblioteca Pública de Pernambuco	Internacional	1.720
	Brasil	1.900
Biblioteca Nacional (2)	Internacional	1.720
	Brasil	1.841
Fundação Oswaldo Cruz	Internacional	1.799
	Brasil	1.899
Universidade Federal Rio Grande do Sul	Internacional	1.799
	Brasil	1.841
Biblioteca Municipal de São Paulo	Internacional	1.801
	Brasil	1.901

(1) O Ministério da Justiça utiliza outro limite histórico fixado em 1889, para segundas edições, conforme o catálogo de obras raras da instituição.

(2) Cabe lembrar que a Biblioteca Nacional representa também, nesta tabela, as instituições que adotam seus critérios de raridade, quais sejam: Biblioteca Municipal de São João del Rei, Biblioteca Pública do Pará, Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Católica de Pernambuco, Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa e Biblioteca Rio-Grandense.

Apesar de citarem, nos questionários, os critérios da Biblioteca Nacional/PLANOR algumas instituições incluem pequenas variações na data limite para estabelecimento de raridade bibliográfica, quais sejam: Biblioteca Pública do Amazonas, Universidade do Amazonas, Câmara dos Deputados, Biblioteca Pública de Pernambuco e Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Às duas primeiras foi autorizado, pela própria Biblioteca Nacional, estender a data básica até 1860, para obras brasileiras.

Relembrando as orientações de Pinheiro (1989), o limite histórico pode ser definido tomando-se por base o "período que caracteriza a fase inicial da produção de impressos em qualquer lugar". No caso do Amazonas, a histórica aponta o ano de 1851, como o da introdução da imprensa na província, por Manoel da Silva Ramos, que instalou uma imprensa em Manaus (Hallewell, 1985). Como a produção nas primeiras tipografias brasileiras foi marcada por muitas dificuldades, resultando na impressão de poucas obras, pode-se perfeitamente justificar a ampliação cronológica concedida ao Amazonas.

Para os livros de origem internacional a Biblioteca Nacional fixou como data-limite o ano de 1720, com base no princípio que as características bibliológicas das obras publicadas durante um determinado século permanecem inalteradas até meados do século seguinte. Por questões de ordem prática, considerando o espaço físico destinado à guarda do acervo raro, na Biblioteca Nacional, foi calculado como margem de segurança o período de duas décadas dentro do século XVIII, uma vez que no século XIX tem início a produção industrial do livro. Acompanhando esse mesmo corte cronológico da Biblioteca Nacional, encontram-se outras dez instituições do total de quinze que responderam a questão, o que representa um percentual de 73%. No limite entre o século XVIII e XIX estão as demais bibliotecas.

Já na revisão de literatura verificou-se a existência de variações no limite cronológico ao comparar-se as metodologias adotadas pela Universidade Estadual de Campinas e pela Universidade Federal Fluminense. Para a UNICAMP, o parâmetro é bastante rigoroso: obras estrangeiras até 1600 (época em que os livros impressos ainda imitavam os manuscritos) e para obras nacionais até 1820 (ou seja, praticamente restringindo ao período que antecede a instalação das tipografias particulares no Brasil, oficialmente autorizadas pela Metrópole). Maior flexibilidade pode ser encontrada nos critérios da UFF: até o século XVII para as publicações estrangeiras e o limite de 1850 para as obras nacionais.

Pinheiro (1989) lembra que o limite histórico é demarcado pelas principais datas da produção artesanal do livro, do século XV até antes de 1801 e, para o Brasil o século XIX, quando foram realizadas as primeiras impressões, com a criação da Imprensa Régia. Em função de um conjunto bibliográfico específico, o limite cronológico pode se referir ao período que caracteriza uma fase histórica. Pode-se tomar como exemplo o Banco da Amazônia que considera raras as obras relativas ao período do ciclo da borracha (segunda metade do século XIX) por subsidiarem os trabalhos relacionados à memória da instituição.

QUADRO 2

CRITÉRIOS DE RARIDADE BIBLIOGRÁFICA QUANTO AOS ASPECTOS BIBLIOLÓGICOS

ASPECTOS BIBLIOLÓGICOS	Bibl. Públ. Ceará	Ministério da Justiça	Fund. Oswaldo Cruz	Biblioteca Nacional	Bibl. Mário Andrade
Beleza tipográfica	Tipo de impressão				Tipo de letra
Material suporte impressão	tipo de papel encadernação	Edições de luxo		Edições de luxo	Edições luxuosas encadernação
Ilustrações Método artesanal	ilustrações		Estampas originais artistas renomados		Ilustrações

Obs: Nesta tabela a Biblioteca Nacional representa também as seguintes instituições: Biblioteca Pública do Amazonas, Universidade do Amazonas, Câmara dos Deputados, Biblioteca Municipal de São João del Rei, Biblioteca Pública do Pará, Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Católica de Pernambuco, Biblioteca Pública de Pernambuco, Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, UFRGS e Biblioteca Rio-Grandense.

No que se refere aos três aspectos bibliológicos citados por Pinheiro (1989), destacam-se as edições luxuosas como itens seguramente encontrados nos acervos raros pesquisados. A autora lembra que a “natureza e característica dos materiais utilizados como suporte na impressão, tais como: papel de linho, pergaminho, marcas d’água, tintas, encadernações originais luxuosas, edições de luxo” são importantes indicadores de raridade. Para o aspecto “ilustrações” deve-se observar o caráter artesanal de xilogravuras, água forte, aquarelas, etc. excluindo-se a reprodução por métodos fotomecânicos.

Apenas a Biblioteca Pública do Ceará citou, de forma bastante generalizada, o “tipo de papel, ilustrações, tipo de impressão e encadernação”.

ASPECTOS CULTURAIS	Bibl. Publ. Ceará	Ministério Justiça	Banco Amazonia	Arquivo Nacional	Biblioteca Nacional	Fundação Oswaldo Cruz	IBGE	Bibl. Mun. São Paulo
Assunto/ Autoria	- Assunto de interesse histórico - Assunto pitoresco	- obras de personalidade de projeção política, científica, literária e religiosa - teses	- história econômica amazônica - Região amazônica - Memória institucional	- Exemplares de coleções especiais de pessoas ilustres		- Marcos para o progresso da ciência - Marcos na história científica do Brasil - Livros de valor científico	- História do homem e da terra - Memória institucional	- Coleção Brasileira - Literatura de viagem - editores renomados - escritores modernistas ou de vanguarda
Edições com características especiais	- Primeiras edições	- Edições com tiragem aproximada de 300 exemplares		- Edições de tiragens reduzidas	- Edições de tiragens reduzidas - Edições especiais - Edições clandestinas	- Obras esgotadas - Edições clandestinas - Edições especiais - Tiragem especial em edições comuns	- Tiragens reduzidas - Obras esgotadas - Edições como raras - Edições príncipes - Documentos únicos	- Tiragens limitadas - Edições numeradas em papel especial

Obs: Como na tabela anterior, a Biblioteca Nacional representa as instituições que adotam seus critérios de raridade.

Pelas respostas agrupadas acima percebe-se o grau de complexidade embutido na tarefa de determinar o valor cultural de uma obra, resultado de um árduo trabalho de pesquisa e interdisciplinaridade. Determinados assuntos, tratados à luz da época em que foram pensados e escritos, constituem raridade para a biblioteca especializada. É o caso do Banco da Amazônia, da Fundação Oswaldo Cruz e do IBGE. Analisando a composição dos acervos raros, outras instituições podem ser incluídas nesta mesma situação, quais sejam: Universidade do Amazonas (história da região amazônica, questões indígenas, demarcação de terras, presença missionária na Amazônia), Biblioteca do Itamaraty (Relações internacionais, História do Brasil e Direito Internacional), Grêmio Literário e Recreativo Português (Camiliana e História de Portugal) e Instituto de Ciências Matemáticas de São Carlos (obras clássicas da matemática).

Dentre as características especiais de edições de obras consideradas raras destacam-se as tiragens reduzidas ou limitadas. A Biblioteca do Ministério da Justiça fixa em trezentos, o número de exemplares aceitável para essas edições.

QUADRO 4

CRITÉRIOS DE RARIDADE BIBLIOGRÁFICA QUANTO ÀS CARACTERÍSTICAS DO EXEMPLAR

CARACT DO EXEMPLAR	Bibl. Púb. Ceará	Ministério da Justiça	Arquivo Nacional	Fundação Oswaldo Cruz	Biblioteca Nacional	Bibl. Min. São Paulo
Marcas de Propriedades, de artífices/comerciantes				assinaturas ex-libris carimbos brasões	ex-libris	ex-libris
Dedicatórias	- oferecimen- tos do autor - Assinaturas do autor/ proprietário	- autógrafos autores renomados - Afonso Penna Júnior	- dedicatórias manuscritas - anotações pessoa ilustre	- autógrafos autores - Dedicatória manuscrita autor ou personalidade de renome	- anotações manuscritas importancia - dedicatórias - exemplares de coleções especiais	- assinatura autor/ ilustrador

Obs.: A Biblioteca nacional representa aquelas instituições que adotam seus critérios de raridade

De acordo com Pinheiro (1989), nesta categoria (características do exemplar) enquadram-se aqueles elementos acrescentados ao documento posteriormente a sua publicação.

A dedicatória de/a personalidades famosas e/ou importantes foi mencionada por todas as instituições, incluindo-se ainda os autógrafos e anotações manuscritas importantes. A importância da pessoa (autor/proprietário) pode variar de acordo com a instituição e com o objetivo da coleção. A Biblioteca do Ministério da Justiça, por exemplo, considera raras as "obras abonadas de próprio punho ou reunidas em coletâneas por Affonso Penna Júnior", personalidade que dá nome à biblioteca.

A pesquisa bibliográfica, último dos itens listados por Pinheiro (1989) em suas "recomendações metodológicas", foi mencionado com destaque por algumas instituições, quais sejam:

- Biblioteca Pública do Ceará (catálogos de outras instituições),
- Grêmio Literário e Recreativo Português (Brunet, Innocêncio, Mattos e várias enciclopédias),
- Universidade Católica de Pernambuco (Costa e Guarana),
- Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa (Brunet, Garraux, Moraes e vários outros),
- Biblioteca Rio-Grandense (Barreto e catálogos da Biblioteca Municipal Mário de Andrade e Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul),
- Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul (Dunkin), e
- Biblioteca Municipal de São Paulo (Cave, Stokes e Mc Murtrie)⁽⁷⁾

Citou-se também, em cinco bibliotecas, a consulta a especialistas e a instituições que trabalham com obras raras.

Não houve menção ao uso de fontes de informações comerciais, recomendadas pela referida autora.

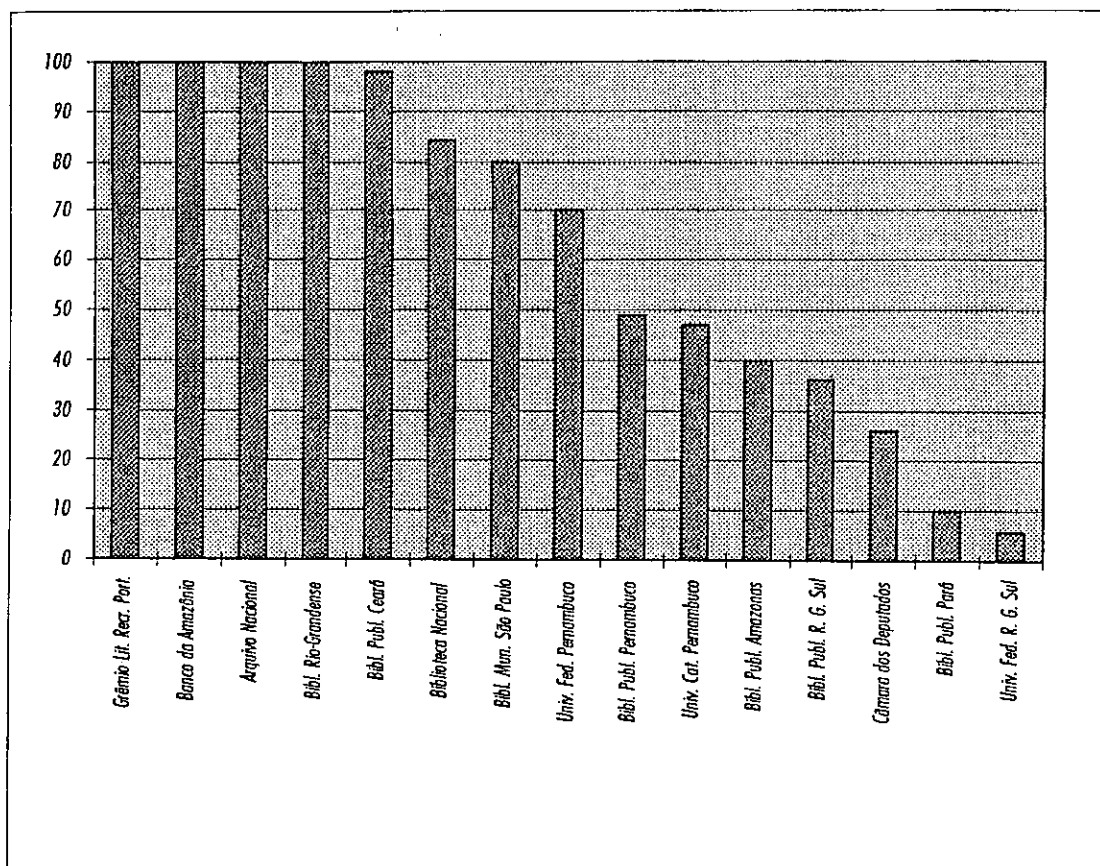
⁽⁷⁾ Através dos anexos podem ser encontradas as referências completas das obras citadas

6.4 - TRATAMENTO TÉCNICO

6.4.1 - Catalogação

GRÁFICO 1

PORCENTAGEM DE TÍTULOS CATALOGADOS



Das quatro instituições que possuem todo o acervo raro catalogado, três já foram mencionadas anteriormente entre as que possuem, em termos quantitativos, um corpo técnico satisfatório, quais sejam: Grêmio Literário e Recreativo Português, Banco da Amazônia e Biblioteca Rio-Grandense. A situação do Arquivo Nacional, enquanto instituição pública, também é razoável, uma vez que dispõe, além dos sete bibliotecários envolvidos no trabalho com o acervo raro, de dois historiadores, três técnicos em microfilmagem e dois auxiliares em Documentação. A Biblioteca Pública do Ceará, com 98% da coleção catalogada, não possui uma situação privilegiada. Ainda assim, deu início ao projeto de obras raras em 1979, dispondo de um bibliotecário e dois auxiliares para um volume de 4.802 obras, e publicou seus dois catálogos em 1980 e 1982.

Pelas comparações acima, depreende-se a importância de uma análise conjunta de questões como: volume do acervo, pessoal técnico disponível, data de início dos trabalhos, natureza da instituição e recursos alocados, para se avaliar e justificar as porcentagens encontradas nesse item. Por exemplo, o Banco da Amazônia deu início ao projeto de tratamento das 335 obras regionais consideradas raras em 1977, contando com o trabalho de três bibliotecários e dois estagiários de Biblioteconomia. No mesmo ano foi publicado o "Catálogo de obras raras sobre a Amazônia (1800 - 1899)", não sendo registrado desde então qualquer acréscimo à coleção original.

De uma maneira geral, respeitadas todas as limitações e particularidades, pode-se constatar pelo gráfico que 53% das instituições que responderam essa questão possuem mais da metade do acervo catalogado.

A questão quanto ao modelo de catalogação adotada foi respondida por quatorze bibliotecas, das quais sete usam o Código de Catalogação Anglo-Americano⁽⁸⁾, tradução para o português do AACR2⁽⁹⁾ e três utilizam o formato de referência bibliográfica. A Biblioteca Nacional e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul indicaram o uso do AACR2 para o ponto de acesso e forma de entrada e o BDRB - Bibliographic Description of Rare Books⁽¹⁰⁾, da Library of Congress, para descrição bibliográfica. Duas bibliotecas responderam apenas que realizam uma

⁽⁸⁾ CÓDIGO de catalogação anglo-americano. 2.ed. Trad. brasileira, sob a responsabilidade da Comissão Brasileira de Documentação em Processos Técnicos da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários. São Paulo: FEBAB, 1983. 2v.

⁽⁹⁾ ANGLO American cataloging rules. 2.ed. Chicago: American Library Association, 1978.

⁽¹⁰⁾ LIBRARY OF CONGRESS. Office for Descriptive Cataloging Policy. Bibliographic description of rare books: rules formulated under AACR2 and ISBD(A) for descriptive cataloging of rare books and other special printed materials. Washington: Library of Congress, 1981. 62p.

catalogação “simplificada” e uma “descrição da folha de rosto”. Cinco bibliotecas preferiram enviar o catálogo publicado pela instituição, nos quais constatou-se o uso da referência bibliográfica para a transcrição dos dados.

No catálogo do Ministério da Justiça (ver Anexo II) foi feita a padronização para as entradas e ortografia de nomes portugueses e brasileiros, excluindo-se sobrenomes com s e y e dando-se a entrada pelo último sobrenome, com exceção de Júnior, Filho, Neto e dos sobrenomes compostos. Para os nomes latinos, preferiu-se a entrada tradicional em português, colocando-se entre parênteses o nome na sua forma original, por exemplo: Virgílio (Publius Virgilius Maro).

No catálogo da Biblioteca Rio-Grandense foi feita a referência bibliográfica, de acordo com as normas da ABNT, seguida da transcrição facsimilar da folha de rosto da obra considerada rara.

A Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul citou como fontes para a elaboração do catálogo o livro “How to catalog a rare book”⁽¹¹⁾ e o modelo de apresentação utilizado no Boletim da Câmara dos Deputados.

6.4.2 Classificação

TABELA 5

SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO ADOTADOS PELAS INSTITUIÇÕES

INSTITUIÇÃO	CLASSIFICAÇÃO		
	CDD	CDO	NENHUM
1 Banco da Amazônia	X		
2 Biblioteca Pública do Amazonas	X		
3 Universidade do Amazonas		X	
4 Biblioteca Pública do Ceará	X		
5 Câmara dos Deputados		X	
6 Grêmio Literário e Recreativo Português			X
7 Biblioteca Pública do Pará		X	
8 Biblioteca Pública de Pernambuco		X	
9 Universidade Católica de Pernambuco		X	
10 Universidade Federal de Pernambuco			X
11 Arquivo Nacional			X
12 Biblioteca Nacional	X		
13 IBGE		X	
14 Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa	X		
15 Biblioteca Pública do Rio Grande do Sul		X	
16 Biblioteca Rio-Grandense			X
17 Universidade Federal do Rio Grande do Sul			X
18 Biblioteca Municipal de São Paulo	X		
TOTAL	6	7	5

⁽¹¹⁾ DUNKIN, P.S. How to catalog a rare book. Chicago: ALA, 1951. 85p.

Das dezoito instituições que responderam à questão, 33% adotam a Classificação Decimal de Dewey e 38% a Classificação Decimal Universal. As 29% restantes não utilizam sistemas de classificação por assunto, organizando suas coleções por século, por tamanho, etc.

Pode-se inferir, a partir do equilíbrio das respostas nas três opções citadas, que, pelo seu caráter histórico e singular, a organização da coleção de obras raras pode prescindir da classificação por assunto. A polêmica é mencionada por John E. Alden, no capítulo sobre Catalogação e Classificação do livro "Rare book collections" (Archer, 1970). Segundo o autor, o livro raro é importante, na maioria das vezes, por outras razões que não o seu assunto.

Ao optar-se por um esquema de classificação por assunto ou por outras formas (ordem cronológica, por nacionalidade, etc.) deve-se ter em mente o objetivo desse arranjo, ou seja, qual é o recurso informacional pretendido, que já não seja fornecido pelo catálogo da instituição, sempre considerando-se as peculiaridades desse tipo de acervo. Como exemplo o autor cita as bibliotecas que organizam seus livros cronologicamente nas estantes e que possuem catálogo(s) com esse mesmo tipo de arranjo, o que constitui uma duplicação de esforços. Outras bibliotecas podem tentar organizar sua coleção rara pela nacionalidade, com quebra pelo século e dentro disso por autor. Numa classificação baseada no autor se escaparia das limitações impostas pela classificação por assunto, embora ambas ignorem o livro como objeto físico. Ainda segundo Alden, o bibliotecário de obras raras pode enfatizar o livro como artefato no momento da catalogação descritiva e retificar essa ênfase na classificação.

Pela análise dos critérios de raridade bibliográfica, no entanto, constatou-se que para muitas bibliotecas, especialmente aquelas preocupadas com a memória institucional ou regional, ou mesmo para as especializadas o assunto é um fator decisivo no momento de incluir determinado item na coleção rara.

6.4.3 Organização da coleção

Reforçando a discussão anterior, das quatorze bibliotecas que apresentaram resposta a essa questão, apenas cinco organizam sua coleção de obras raras pelo número de classificação, quais sejam: Biblioteca Pública

do Amazonas, Biblioteca Pública do Ceará, Câmara dos Deputados, Biblioteca Pública do Pará e Biblioteca Pública de Pernambuco.

A Biblioteca Pública do Ceará, além da ordem de classificação (CDD), separa a coleção em grandes grupos intitulados: Raros Ceará, Raros Brasil, Raros Internacionais, Raros de Referência, Raros Periódicos e Raros Folhetos. A Câmara dos Deputados diferencia o acervo raro usando o código V (valioso) junto ao número de chamada. A Biblioteca Pública do Pará utiliza a CDU para organizar os livros catalogados (10% da coleção), sendo que para os livros apenas inventariados adota a ordenação numérica crescente (35% da coleção). É também o caso da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco, em proporções diferentes: 45% das obras raras já foram classificadas. Além dessas duas ocorrências de ordenação numérica crescente, podem ser incluídas também: a Universidade Católica de Pernambuco, apesar de usar a CDU, e o Arquivo Nacional.

Na Biblioteca Nacional e a Biblioteca Mário de Andrade optou-se pela localização fixa do acervo, diante da dificuldade de prever a expansão das classes. Nessa última, os livros são arranjados nas estantes basicamente por tamanho, sem distinção de data, língua de publicação, conteúdo ou assunto, identificados com o código L.R. (livros raros).

A ordenação cronológica é adotada pelo Grêmio Literário e Recreativo Português e pela Universidade Federal de Pernambuco.

Na Universidade do Amazonas a coleção é separada, segundo apurado pelo questionário, por tipo de material e assuntos gerais: leis, decretos, relatórios, mensagens, jornais, etc. O Banco da Amazônia declarou apenas que a coleção é separada do acervo geral e denominada "Obras Amazônicas".

A Biblioteca Central da UFRGS, por sua vez, apresenta um "número de chamada" diferente, composto de três partes: tamanho da obra OP (obra pequena - até 15 cm de altura), OM (obra média - até 30 cm de altura), OG (obra grande - mais de 30 cm de altura) e OS (obra super - que não pode ser colocada em pé); sobrenome do autor ou palavra inicial do título; e ano de publicação da obra. Tal procedimento representa uma maneira fácil e rápida de se organizar a coleção visto que, nesse caso, apenas 4% dos livros raros foram catalogados e desde 1993, conforme dito anteriormente, a Seção encontra-se fechada.

A Biblioteca Pública do Estado do Pernambuco utiliza uma espécie de marcador de livro, contendo no alto a classificação em CDU e logo abaixo o

carimbo da biblioteca, onde são transcritos o número e o ano de registro. Se tal método garante a integridade física do exemplar, por outro lado, facilita a possibilidade de furto.

6.4.4 Utilização de novas tecnologias

Apenas seis bibliotecas declararam a utilização de sistemas automatizados no tratamento das obras raras. A Biblioteca da Câmara dos Deputados possui 25% da coleção incluída no Banco de Dados BIBR do PRODASEN - Processamento de Dados do Senado Federal, coordenado pela Biblioteca do Senado e composto por quinze bibliotecas de Brasília.

A Biblioteca Pública do Pará utiliza o SISGAB - Sistema Gerenciador de Acervo Bibliográfico, programa em linguagem natural 2. Na Biblioteca estão instalados os terminais para o cadastramento das obras e consultas por técnicos e usuários, ligados à PRODEPA (Empresa de Processamento de Dados do Pará), que utiliza para este fim, um computador de grande porte modelo IBM-9121. A criação ou alteração de programas são efetuadas por analistas/programadores da PRODEPA, mediante consulta aos técnicos bibliotecários.

O Arquivo Nacional controla o diagnóstico do estado de conservação por computador, através de uma base de dados criada pelo NDS - Núcleo de Desenvolvimento de Sistemas, que inclui dados bibliográficos de autoria, título, ano de publicação, volumes, número de exemplares, localização física e características da obra (tipo de revestimento ou encadernação, tipo de suporte físico, tipo de tinta).

A Biblioteca Nacional faz parte da Rede BIBLIODATA/CALCO gerenciada pela Fundação Getúlio Vargas e dispõe de uma base local para consulta e inclusão de dados. A Seção de Obras Raras vinha se preparando desde 1984 para o processamento técnico automatizado, mas só a partir de 1992 iniciou-se o processo. Todo o século XV e grande parte do XVII encontram-se em máquina.

A UFRGS realiza catalogação automatizada pelo SABI - Sistema de Automação de Bibliotecas, desenvolvido pela instituição e implantado em 1989. Constitui-se de uma base de dados que inclui o acervo bibliográfico das bibliotecas integrantes do Sistema de Bibliotecas da UFRGS (SBU). O SABI é um sistema integrado que prevê a automação de todas as funções de bibliotecas universitárias, abrangendo: registro, catalogação, classificação, seleção e aquisição de documentos, serviços aos usuários e serviços

administrativos. Seus principais produtos/serviços são: pesquisa bibliográfica on-line; bibliografia por autor, título, assunto, tipo de material e/ou data; produção científica, técnica e artística da UFRGS; catálogos impressos em fichas; etiquetas (lombada, empréstimo, registro); e listas de novas aquisições.

O acervo da Biblioteca Mário de Andrade, por sua vez, começou a ser catalogado em computador de grande porte há mais de dez anos, tendo sido interrompido diversas vezes. O programa adotado é o DOBIS/LIBIS, criado pelas universidades de Dortmund, na Alemanha, e Leuven, na Bélgica. Cerca de 10% do acervo total da Biblioteca está cadastrado, sendo que para as obras raras encontra-se em estudo a utilização do DOBIS/LIBIS desenvolvido pela Bodleian Library, de Oxford.

Pelas experiências relatadas, observa-se que nenhuma das seis instituições desenvolveu programas voltados especificamente para a coleção de obras raras. Como já foi dito anteriormente, esse material requer um tratamento diferenciado, caracterizado por uma descrição bibliográfica minuciosa que garanta a perfeita identificação do exemplar com vistas a valorizá-lo e protegê-lo. Folhas de rosto contendo títulos muito extensos, repletas de homenagens e agradecimentos são características comuns aos livros antigos, o que, numa transcrição facsimilar acarreta, conseqüentemente, muitas notas especiais, multiplicando a quantidade de fichas catalográficas ou, no caso dos sistemas automatizados, exigindo uma ampliação na capacidade de armazenamento prevista para cada campo. Analisando a "Planilha para Cadastramento da Obra" do PRODEPA, por exemplo, constata-se que um terço do documento é destinado a "Descrição Complementar da Obra", onde estão reunidas, num único campo, informações sobre ilustrações, encadernação, assinaturas, carimbos, marca do impressor, conteúdo dos volumes, citações em renomadas obras de referência, danos físicos, etc.

Contrariando essas considerações, em todas as instituições analisadas o acervo raro foi tratado juntamente com o restante da coleção geral, num só sistema de biblioteca. O Arquivo Nacional constitui a exceção na medida em que se preocupa em descrever as características físicas do exemplar, elementos que influenciam enormemente o estado de conservação da obra, como o tipo de revestimento ou encadernação, o tipo de tinta usada, etc.

Esse quadro representa um complicador adicional para o alcance de um dos principais objetivos do PLANOR, que é a realização e divulgação do cadastro nacional de obras raras editadas a partir do século XV até a

atualidade, já dificultado sobremaneira pelas peculiaridades inerentes ao próprio material.

Referindo-se à realidade dos Estados Unidos, Davis (1984) afirma que as bibliotecas detentoras de acervos raros e coleções especiais têm em comum o fato de não estarem primeiramente interessadas em compartilhar dados bibliográficos. Uma vez que muitos itens raros ou preciosos são únicos ou existem em um reduzido número de cópias (muitas vezes contendo informações manuscritas de grande importância), os bibliotecários que catalogam livros raros não estão aptos a usarem a catalogação proveniente de outra biblioteca, embora possam desejar consultá-la. Além disso, uma vez que a maioria das bibliotecas americanas possuidoras de acervos raros catalogaram grande parte da coleção antes do advento da catalogação por computador, a base de dados retrospectiva geral de registros legíveis por máquina para materiais antigos é ainda muito pequena e não produz, atualmente (1984), taxas de compartilhamento de catalogação altas o bastante para justificarem o custo, mesmo para os itens antigos remanescentes.

Apesar da data em que o artigo foi escrito (1984), o que em relação à evolução dos sistemas automatizados é um período de defasagem considerável, é importante mostrar a diferença histórica no caminho percorrido por outros países no tratamento de suas obras raras. A realidade brasileira é bem outra e o que foi um entrave para os Estados Unidos poderia ser até um incentivo adicional para o desenvolvimento dos trabalhos no Brasil.

6.5 PRESERVAÇÃO DO ACERVO

6.5.1 Diagnóstico de conservação das coleções de obras raras

O itens incluídos no diagnóstico de conservação procuram detectar a ação de agentes deteriorantes sobre os livros, reflexo da política de preservação adotada pela instituição. Desse modo, a acidez está relacionada ao processo de fabricação do papel, bem como aos efeitos da exposição do material à umidade, ao calor e à luz natural e/ou artificial. A presença de poeira, além de ser um fator ambiental ligado à poluição atmosférica, indica a ausência de medidas simples de conservação, como a higienização periódica do acervo. A ação direta do homem, enquanto agente de deterioração, está presente no uso de fitas adesivas, nas capas e folhas rasgadas ou soltas e nas encadernações danificadas. A existência de agentes biológicos (microorganismos, insetos bibliófilos e roedores) pressupõe problemas com acondicionamento, condições ambientais e falhas na política de preservação. E, finalmente, as manchas podem denunciar a ação de todos esses agentes. Assim sendo, melhor do que indagar acerca da política de preservação adotada pela instituição é verificar os seus efeitos junto à coleção.

TABELA 6

RESULTADO DA AÇÃO DE AGENTES DETERIORANTES SOBRE AS COLEÇÕES DE OBRAS RARAS

INSTITUIÇÃO	ACIDEZ	POEIRA	MANCHAS	ENCAD. DANIF.	CAPA/FOLHA SOLTAS	FITA ADESIVA	INSETOS	FUNGOS/ROEDORES
1. Bibl. Públ. Amazonas	60	60	20	20	10	-	-	-
2. Univ. Amazonas	99	70	50	20	60	20	-	50
3. Bibl. Públ. Ceará	80	-	5	40	20	3	5	-
4. Câmara dos Deputados	100	100	73	40	43	83	60	-
5. Banco da Amazônia	20	30	10	10	10	20	5	5
6. Bibl. Públ. Pará	70	60	35	75	60	50	5	5
7. Grêmio Lit. Rec. Port.	10	10	10	10	10	3	9	10
8. Bibl. Públ. Pernambuco	80	100	80	50	30	40	80	70
9. Arquivo Nacional	80	10	80	70	20	15	5	-
10. Biblioteca Nacional	5	-	5	5	5	-	-	-
11. Bibl. Mun. São Paulo	20	30	10	2	5	5	-	0.5
MÉDIA/TOTAL	62	47	37	34	27	24	17	14

(*) A Biblioteca Nacional limitou-se a indicar a existência de problemas de conservação, pois não possui levantamento das porcentagens. A Câmara dos Deputados usou uma amostra de 10% da coleção.

Pela exposição anterior, tem-se uma noção de quanto a ação dos agentes deteriorantes sobre o acervo antigo/raro está interligada, sendo muito perigoso analisar cada um isoladamente, incorrendo-se no risco de uma visão parcial da situação. No entanto, pelos resultados encontrados,

verifica-se que o principal problema de conservação das coleções de obras raras é a acidez do papel, detectada pelo odor característico, folhas amareladas e quebradiças, em geral, presentes nos livros antigos. De fato, com exceção do Grêmio Literário e Recreativo Português, as outras duas bibliotecas que apresentam um baixo índice de acidez no papel possuem um acervo relativamente novo: Banco da Amazônia (obras do século XIX e XX) e Biblioteca Mário de Andrade (90% do acervo raro publicado nos séculos XIX e XX).

Pela presença de elevadas porcentagens em cada item, percebe-se a precariedade do estado geral de conservação das coleções de obras raras da Câmara dos Deputados e da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.

Segundo dados extraídos do estudo apresentado por Silva Filho (1994), 64,71% dos acervos de obras raras da UFRJ não apresentam bom estado de conservação, destacando-se as Bibliotecas da Escola de Belas Artes e Biblioteca Central do CCS com documentos em processo adiantado de deterioração. Todas as bibliotecas têm problema de encadernação danificada, devido, principalmente, ao manuseio inadequado e à falta de higienização, além da desinformação na área de conservação. Insetos bibliófagos foram detectados em 23,53% das bibliotecas, cuja causa atribui-se à falta de controle de umidade e temperatura. Quanto à higienização, 76,47% das bibliotecas não são limpas periodicamente, acarretando um acúmulo de pó.

Situação bem diferente pode ser encontrada na Biblioteca Nacional, onde os itens assinalados positivamente (acidez, capa/folha soltas, encadernações danificadas e manchas) possuem, segundo informações fornecidas pela chefe da Seção de Obras Raras, um baixo percentual devido à severa vigilância quanto à deterioração do acervo e ao restauro das obras danificadas.

Quanto à conservação, as obras raras do acervo do Arquivo Nacional encontram-se em estado precário e, de acordo com os dados coletados, são mais graves as condições das obras do século XIX.

Na UFRGS, dos 10.000 volumes da Seção de Obras Raras, 295 foram isolados por suspeita de contaminação por insetos bibliófagos. Após o combate, os mesmos aguardam a restauração, necessária devido à incidência de todos os problemas listados no questionário. O restante da coleção apresenta bom estado de conservação; apenas num pequeno número encontram-se problemas de encadernação e/ou fungos.

6.5.2 Instalações e armazenamento

TABELA 7

CONDIÇÕES DE ARMAZENAMENTO E INSTALAÇÕES DESTINADAS ÀS OBRAS RARAS

INSTITUIÇÃO	SALA ESPECIAL	LUZ SOLAR	USO DE FILTROS	AR CONDI- CIONADO	ESTANTES LOTADAS	CONTROLE UMID /TEMP
1. Bibl. Públ. Amazonas					S	
2. Univ. Amazonas				S		
3. Bibl. Públ. Ceará	S			S		
4. Câmara dos Deputados	S			S		S
5. Banco da Amazônia	S			S		
6. Bibl. Públ. Pará	S		S	S	S	S
7. Grêmio Lit. Rec. Port.	S			S		
8. Arq. Públ. Pernambuco		S				
9. Univ. Cat. Pernambuco	S	S	S			
10. Univ. Fed. Pernambuco					S	
11. Bibl. Públ. Pernambuco	S	S			S	
12. Arquivo Nacional	S		S	S		S
13. Biblioteca Nacional	S			S		S
14. Bibl. Públ. R.G. Sul	S					
15. Univ. Fed. R. G. Sul	S			S	S	
16. Bibl. Rio-Grandense	S					
17. Bibl. Mun. São Paulo	S			S		S
TOTAIS	SIM	3	3	10	5	5
	NÃO	4	14	7	12	12

Obs: Para facilitar a visualização, foram mantidas na tabela apenas as respostas positivas.

Observando os resultados da tabela acima, percebe-se a preocupação por parte das instituições quanto ao melhor ambiente possível para instalar a coleção e quanto à adoção de medidas corretas de armazenamento, que se traduz nos seguintes números: 76% possuem sala especial para a coleção de obras raras; em 82% dos casos não há incidência direta de luz solar sobre os livros; e 70% cuida para que as estantes não permaneçam superlotadas. Apesar desses cuidados, cinco instituições declararam o uso de armários fechados e apenas uma ainda usa estantes de madeira. Somente 18% utilizam filtros absorventes de radiação ultravioleta e 59% usam sistemas de ar condicionado. Contraditoriamente, 70% declararam a ausência de controle de umidade e temperatura, sendo que o aparelho de ar condicionado, quando em perfeito e constante funcionamento é o método mais indicado para o controle da temperatura.

Segundo o diagnóstico de Silva Filho (1994), mais da metade das bibliotecas da UFRJ não possui aparelho de ar condicionado, o que causa danos incalculáveis considerando-se as condições climáticas do Rio de

Janeiro, onde predomina o excesso de umidade, calor, poluição atmosférica, etc. O uso de ar condicionado não garante, no entanto, o controle da temperatura. No Museu da Faculdade de Letras o acervo é mantido numa verdadeira "estufa" em virtude do não ou mau funcionamento do aparelho e das instalações físicas (uso de divisórias separando o acervo da área com janelas). Em 64,71% das bibliotecas as radiações solares incidem diretamente sobre o acervo, tornando-os frágeis, amarelecidos e, muitas vezes, ressecados devido às alterações na estrutura de seus componentes. Outros danos podem ocorrer por efeitos térmicos, combinados com a ação da umidade, ocasionando desidratação, rachaduras e empenamentos. Quanto ao armazenamento, 17,65% das bibliotecas mantêm o acervo de obras raras no chão, favorecendo a instalação de agentes biológicos. Mais da metade (58,82%) usa armários para acondicionar as coleções, criando um ambiente propício ao desenvolvimento de fungos e insetos, devido a falta de aeração.

A Universidade do Amazonas faz uso de desumidificadores e o manuseio das obras com luvas e máscaras. Existem normas que orientam a consulta ao material, como: não escrever sobre a obra; não virar as páginas amassando-as ou bruscamente; não se apoiar sobre o material; proibição de cópia xerox; etc.

Na Câmara dos Deputados as obras em estado crítico, aguardando restauração, são armazenadas em caixas de cartolina, confeccionadas especialmente para este fim.

Na Biblioteca Pública do Pará existe o cuidado de dispor apenas um número reduzido de lâmpadas (fluorescentes com calha) incidindo sobre a coleção. Também fazem uso de desumidificadores.

A Biblioteca da UFRGS possui quatro aparelhos "Sterilair" e sachês de sílica-gel nas prateleiras. Como foi visto na revisão de literatura, a sílica-gel é um método eficaz para controle de umidade quando utilizado em ambientes fechados (armários, arquivos e mapotecas).

6.5.3 Segurança

TABELA 8

PLANEJAMENTO CONTRA DESASTRES, ROUBOS E MUTILAÇÕES

INSTITUIÇÃO	PLANEJAMENTO PREVENÇÃO DE DESASTRES	EQUIPAMENTO CONTRA INCÊNDIO	MEDIDAS CONTRA ROUBOS E MUTILAÇÕES
1. Bibl. Públ. Amazonas	S	S	S
2. Univ. Amazonas		S	
3. Bibl. Públ. Ceará			S
4. Câmara dos Deputados		S	
5. Banco da Amazônia	S	S	S
6. Bibl. Públ. Pará	S	S	S
7. Grêmio Lit. Rec. Port.			
8. Arq. Públ. Pernambuco	S	S	S
9. Univ. Cat. Pernambuco	S	S	
10. Univ. Fed. Pernambuco	S	S	S
11. Bibl. Públ. Pernambuco		S	S
12. Arquivo Nacional	S	S	S
13. Biblioteca Nacional	S	S	S
14. Bibl. Públ. R. G. Sul		S	S
15. Univ. Fed. R. G. Sul		S	S
16. Bibl. Rio-Grandense	S	S	S
17. Bibl. Mun. São Paulo	S	S	S
TOTAIS NÃO	7	2	4
SIM	10	15	13

Obs.: Para facilitar a visualização, foram mantidas na tabela apenas as respostas positivas.

Apesar de nenhuma instituição ter anexado cópia de planejamento voltado para prevenção contra incêndio, inundações e outros desastres, 59% afirmaram possuir um. O principal equipamento contra incêndio citado em 88% das respostas foi o extintor de incêndio, sendo que a UNICAP e a Biblioteca Pública do Pará, possuem alarme contra incêndio. A última dispõe de hidrante no prédio.

Segundo Silva Filho (1994), 29,41% das bibliotecas da UFRJ não possuem sequer extintor de incêndio e 35,29% mantêm suas janelas abertas, por funcionarem em prédios antigos da Universidade.

Na Biblioteca Mário de Andrade foi instalado em todo o prédio um sistema de alarme contra incêndio acionado através de sensores eletrônicos de fumaça ligados a um microcomputador. Nos vinte e dois andares de depósito bibliográfico existe um sistema de gás carbônico canalizado, também ligado a um microcomputador, que extingue automaticamente qualquer foco de incêndio. Todos os andares, corredores, passagens e saídas

contam com portas corta-fogo (mais de 110 em todo o prédio). Existe uma brigada de incêndio formada por funcionários da Biblioteca, treinados pelo Corpo de Bombeiros, bem como uma CIPA.

Treze instituições (76%) afirmaram possuir medidas contra roubos e mutilações do acervo de obras raras. Entre as medidas citadas estão: consultas realizadas em sala separada do acervo, sempre acompanhada pelo bibliotecário/funcionário da Seção; cadastramento de usuários; salas trancadas ao término do expediente; orientação quanto ao manuseio das publicações; proibição da reprodução do material (algumas permitem a fotografia); presença de grades nas janelas e cordões isolando o acesso às estantes; e contratação de empresa de vigilância por 24 horas.

6.5.4 Atividades de restauração e/ou conservação

TABELA 9

SITUAÇÃO DA RESTAURAÇÃO E PEQUENOS REPAROS EM OBRAS RARAS

INSTITUIÇÃO	LABORATORIO	RESTAURO FORA	REENCADERNAÇÃO	PEQUENOS REPAROS
1. Bibl. Públ. Amazonas				S
2. Univ. Amazonas				S
3. Bibl. Públ. Ceará	S			
4. Câmara dos Deputados	S			
5. Banco da Amazônia				S
6. Bibl. Públ. Pará	S			S
7. Grêmio Lit. Rec. Port.				S
8. Arq. Públ. Pernambuco	S			S
9. Univ. Cat. Pernambuco			S	
10. Univ. Fed. Pernambuco			S	
11. Bibl. Públ. Pernambuco		S		
12. Arquivo Nacional	S			S
13. Biblioteca Nacional	S			S
14. Bibl. Públ. R. G. Sul	S			
15. Univ. Fed. R. G. Sul		S	S	S
16. Bibl. Rio-Grandense			S	S
17. Bibl. Mun. São Paulo	S		S	S
TOTAIS	SEM			S
	NÃO	8	2	4
		9	15	10
			13	7

Obs: Para facilitar a visualização, foram mantidas na tabela apenas as respostas positivas.

Surpreendentemente, metade das instituições possui laboratório próprio de restauração/conservação. O restauro de obras raras por especialistas fora da instituição é realizado por apenas 12% das respondentes. A reencadernação, prática desaconselhada por descaracterizar o exemplar, é praticada em 23% dos casos, por especialistas fora da instituição. A realização de pequenos reparos em obras muito danificadas

ocorre em 59% das instituições. Limpeza mecânica, página a página, foi mencionada por três bibliotecas.

Na Biblioteca Pública do Pará as obras muito danificadas são envolvidas em papel e amarradas por barbante de algodão. Segundo bibliotecária do Banco da Amazônia, a restauração é feita na gráfica da própria instituição por funcionários não especializados.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da falta de envolvimento por parte de muitas instituições com os resultados desta pesquisa, pode-se dizer que os objetivos propostos foram atingidos. O conceito de raridade bibliográfica no Brasil, ao contrário do que inicialmente se acreditava, vem sendo difundido pela Biblioteca Nacional, dentro das limitações impostas à instituição, através do PLANOR - Plano Nacional de Restauração de Obras Raras, que hoje, mais do que nunca, possui uma missão que extrapola os limites definidos pela sua própria denominação.

O pressuposto básico desta pesquisa, de que a publicação do catálogo de obras raras por uma instituição implicaria em critérios de raridade definidos, tratamento e cuidados com a preservação do acervo, revelou-se relativamente eficaz como ponto de partida para a escolha da população. Muitas vezes o catálogo é publicado com o objetivo de divulgar a coleção, promovendo a instituição detentora das obras raras, ou mesmo, por consequência, como meio de conseguir patrocínio para a continuidade do projeto. A partir da ação do Governo no sentido de incentivar a cultura no país, houve um incremento também no trabalho com obras raras e uma preocupação com a memória nacional. Passada a fase inicial de euforia, restaram vários projetos inacabados ou com objetivos parcialmente atingidos. Frequentes foram as queixas das instituições pesquisadas quanto à falta de recursos para a conclusão dos trabalhos. Dessa forma, busca-se na maioria das vezes, soluções imediatas e de resultado garantido diante das inúmeras necessidades relacionadas ao acervo raro, quase sempre em péssimo estado de conservação, ainda por catalogar e inventariar. Nesse sentido, a publicação de um catálogo representa o resultado palpável de um trabalho extremamente moroso, mesmo que ainda não concluído a nível ideal de identificação, conservação e tratamento. Certamente, a ausência de resposta por parte de tantas instituições (ao todo treze) deve-se ao fato de que, após a publicação do catálogo, o projeto tenha sido praticamente abandonado. Algumas justificaram-se alegando que os padrões mantidos pela instituição não poderiam oferecer maiores contribuições à pesquisa.

Outros critérios para a seleção da população poderiam ter sido usados como, por exemplo, a localização geográfica ou o tipo de instituição/biblioteca (pública, universitária, especializada, etc.). No entanto, a partir do que foi visto na pesquisa, acredita-se que a adoção de outro método de escolha da população acarretaria numa visão parcial do conceito de raridade bibliográfica no país, opinião confirmada pela incrível variação de critérios em função destes mesmos aspectos. Apesar de todos os percalços, o estudo das instituições que publicaram catálogo viabilizou o

alcance de uma porção significativamente representativa, a nível nacional e institucional, da realidade das obras raras no Brasil.

Voltando aos objetivos propostos, quanto à identificação das instituições viu-se que, além daquelas relacionadas na publicação "Catálogos brasileiros de obras raras, publicados por bibliotecas e instituições brasileiras" (Biblioteca Nacional, 1989) outras foram acrescentadas a partir de levantamentos em obras de referência e informações do próprio PLANOR. No que se refere à caracterização geral dos acervos raros atingidos pela pesquisa, conclui-se que a maioria tem como ponto forte as obras brasileiras dos séculos XIX e XX, concentradas particularmente na Região Sudeste (64%).

A origem das coleções encontra-se, geralmente em obras selecionadas da própria instituição ou a partir de doações de acervos particulares. As doações, além de representarem uma contribuição à preservação da cultura e da memória nacional, são também uma tentativa de se manter a integridade da coleção, evitando que as obras se percam nas prateleiras dos "sebos" do país. No entanto, como se viu, nem todas as instituições estão preparadas para receber essas coleções e proporcionar-lhes divulgação e condições de preservação ideais.

Completamente alheio aos problemas das instituições/bibliotecas, desenvolve-se um universo à parte guiado pelo valor comercial dos livros antigos/raros, onde se incluem bibliófilos, colecionadores e livreiros. Percebe-se que para as instituições pesquisadas o grande mérito da obra rara restringe-se ao seu valor cultural e não ao seu preço no mercado livreiro. Viu-se que na Europa esse é um fator de peso, motivo de leilões de livros raros e também de muitas polêmicas. No Brasil, as fontes de recursos financeiros limitam-se, em geral, à própria instituição mantenedora do acervo, além dos projetos e convênios realizados junto a possíveis patrocinadores. Uma outra forma de angariar fundos foi mencionada pela Biblioteca Rio-Grandense que é parcialmente mantida por um grupo de, aproximadamente, mil associados que contribuem mensalmente com uma pequena taxa. A diretoria da Biblioteca Rio-Grandense, composta por seis membros, é eleita anualmente pela categoria dos sócios eleitores, que possuem vitaliciedade, em Assembléia Geral.

Outra característica identificada nas instituições pesquisadas refere-se a um corpo técnico composto basicamente por bibliotecários e auxiliares (inclusive estagiários) com pouquíssimas ocorrências de especialistas de outras áreas afins, contrariando requisito básico para o estudo de obras raras no que se refere à importância de um trabalho interdisciplinar.

Partindo do segundo objetivo específico que se refere aos critérios de raridade bibliográfica, constatou-se que quase todas as instituições procuram

a orientação da Biblioteca Nacional através do PLANOR, permitindo-se algumas variações que buscam atender situações específicas inerentes à instituição (localização geográfica, memória institucional, área de atuação, etc.). Observou-se a ausência generalizada de um estudo dos critérios de raridade bibliográfica, fundamentado em ampla discussão sobre a missão da instituição conjugada à formação do acervo raro dentro de um contexto geográfico, histórico, social, etc. A maioria das instituições limita-se a seguir os critérios definidos pela Biblioteca Nacional, os quais estão voltados para padrões internacionais, devido às características do seu acervo (29% de obras publicadas nos séculos XV a XVII). Apesar disso, o corte cronológico para as obras brasileiras (1841) determinado pela Biblioteca Nacional não é indiscriminadamente seguido, principalmente pelas bibliotecas em cujos critérios se inclui a preocupação com a reconstituição da memória local, a exemplo da região amazônica.

Grande importância foi atribuída ao valor cultural como determinante da raridade de um livro. Nas bibliotecas especializadas, como não poderia deixar de ser, o assunto ligado à instituição ou de sua especialidade é agregado aos aspectos bibliológicos, limite histórico e características próprias de cada exemplar. Em alguns casos, os critérios são voltados para a memória institucional abrangendo a sua área de atuação, como, por exemplo, a Biblioteca do Banco da Amazônia e da Fundação IBGE. Cabe destacar aqui a associação de critérios da Biblioteca de Manguinhos (Fundação Oswaldo Cruz) onde verificou-se uma notória preocupação com livros científicos, marcos do progresso da ciência, compactuando com a missão da instituição.

O valor cultural pode variar em função do tempo, como bem lembrou o bibliotecário chefe da Biblioteca Municipal de São Paulo ao propor a criação de um depósito de obras que possam vir a ser consideradas raras e especiais. Esta preocupação está presente no depoimento daquela Biblioteca, quando cita o recebimento das primeiras edições atuais de literatura nacional, de autores conhecidos, assim como todo livro novo com conteúdo brasileiro, para preservação de um exemplar para o futuro.

No terceiro objetivo específico, que se refere ao tratamento técnico das obras raras e à utilização de novas tecnologias, viu-se que poucos são os acervos com o processamento técnico concluído (praticamente cinco das trinta e seis instituições) e, conseqüentemente, poucas são as ocorrências de sistemas automatizados desenvolvidos para atender as peculiaridades da coleção rara ou antiga.

Na catalogação procura-se realizar uma transcrição pormenorizada e fiel da folha de rosto, incluindo-se características próprias de cada exemplar, dentro dos moldes do CCAA2. Viu-se o quanto é questionável a aplicação de sistemas de classificação convencionais (CDD e CDU) na organização

da coleção rara - apesar de, para as bibliotecas especializadas, o assunto ser determinante da raridade bibliográfica quando conjugado a outros aspectos.

Na produção de catálogos de obras raras utiliza-se, em geral, a norma para referência bibliográfica da ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas, procurando manter-se a descrição detalhada. É fundamental frisar a importância de se incluírem nos catálogos informações de caráter histórico e bibliográfico que realcem o valor das obras citadas. Pode ser tomado como modelo o catálogo da Biblioteca de Manguinhos onde a cada referência bibliográfica seguem-se notas especiais, tais como: nota de raridade (transcrita das fontes bibliográficas consultadas); notas bibliológicas (descrição física de cada título, apontando dados relevantes para sua identificação, tais como: ilustrações, disposição do texto, marcas de propriedade, erros de impressão, a partir do item em mãos e de fontes específicas); número de exemplares disponíveis no Setor de Obras Raras e Especiais (em alguns casos, de suas imperfeições, resultado de agentes deteriorantes); e biografia dos autores e outras autoridades (resumo biográfico das autoridades que colaboraram na produção intelectual da obra, com destaque para suas contribuições ao progresso da ciência). Dessa forma, o valor das informações contidas no catálogo, complementado pelos critérios de raridade bibliográfica adotados, pode ser compreendido por qualquer pessoa interessada.

Quanto à organização do acervo raro, cabe ressaltar, do relato da Biblioteca Mário de Andrade, a eficácia da metodologia adotada, ou seja, a manutenção dos três níveis de raridade permite que se proceda a uma separação rápida e fácil entre os livros raros e os livros comuns, baseada nas características físicas das obras, garantindo a possibilidade de se trabalhar em termos intrínsecos na caracterização do livro especial.

Na utilização de novas tecnologias, vários foram os entraves mencionados pelas instituições pesquisadas, que servem para confirmar uma realidade marcada por iniciativas isoladas de automatização, cada qual com seu programa próprio (comprado de empresas especializadas ou desenvolvido pela instituição). Excetua-se neste contexto, a Biblioteca Nacional, que participa da Rede BIBLIODATA/CALCO e a Câmara dos Deputados, integrante do Banco de Dados BIBR, do PRODASEN. Ambos os exemplos referem-se a bibliotecas onde o acervo raro foi tratado juntamente com o restante da coleção geral, num único sistema de biblioteca. A nível nacional, notícias recentes do PLANOR revelam a realização de um trabalho de digitação de aproximadamente 13.000 fichas, resultado de um levantamento de monografias editadas nos séculos XV a XVIII e XIX no Brasil, que comporão o Catálogo Coletivo de Patrimônio Bibliográfico Nacional (CPBN). Esta iniciativa pioneira representa, sem

dúvida, um grande passo rumo a um sistema nacional voltado especificamente para as peculiaridades do livro antigo/raro.

No que tange à existência de uma política de preservação da coleção rara, quarto e último objetivo específico desta pesquisa, deve-se nortear pelo resultado da ação de agentes deteriorantes sobre o acervo. Aquelas instituições que indicaram os menores percentuais podem ser consideradas conseqüentemente, as que possuem uma política definida, com destaque para a Biblioteca Nacional, a Biblioteca Municipal de São Paulo, o Grêmio Literário e Recreativo Português e o Banco da Amazônia. Nota-se que, apesar de uma preocupação generalizada com o estado de conservação das obras raras, ainda persiste a adoção de medidas impróprias de preservação, tais como: uso de fita adesiva, armazenamento em armários fechados ou em estantes de madeira; ausência, em 70% dos casos, de controle da umidade e da temperatura; etc. A existência de uma política de preservação na instituição é, certamente, um fator importante a ser analisado por futuros doadores, preocupados com a perpetuação de sua coleção. Como já foi visto anteriormente, as doações de acervos particulares constituem a principal contribuição para a formação da coleção de obras raras.

O presente estudo constitui-se, na sua totalidade, em uma fonte complementar de informações que poderão servir de subsídio ao trabalho envolvendo obras raras, principalmente para aquelas instituições que não dispõem de recursos financeiros que viabilizem a orientação dos técnicos da Biblioteca Nacional/PLANOR. O conjunto de dados condensados na revisão de literatura, acrescido do relato das experiências das instituições pesquisadas oferecem uma pequena contribuição, pouco freqüente na literatura convencional, ao processo de elaboração de um projeto de obras raras.

Apesar dos resultados alcançados, muitas foram as barreiras teóricas encontradas para a realização deste trabalho, algumas diretamente ligadas à deficiência da formação bibliotecária, desprovida de disciplinas de caráter histórico e cultural, tendo em vista o documento raro. Dessa forma, o bibliotecário de obras raras deve ser, antes de tudo, um autodidata preocupado em suprir os poucos conhecimentos sobre História do Livro (devidamente confrontada com a História Geral) e de disciplinas afins aos aspectos técnicos e estilísticos do livro (papel, tinta, tipos, impressão, ilustração, encadernação). Neste sentido, pesquisas futuras voltadas especificamente para o estudo de aspectos bibliológicos inerentes ao livro antigo/raro, principalmente considerando-se a realidade da composição das coleções brasileiras seria de grande auxílio para melhor compreensão dos assuntos ora levantados. Um catálogo das obras de referência disponíveis no país, descrevendo sua aplicabilidade e provável localização, além de instruções de uso, seria também um instrumento valioso para a etapa de

identificação de livros raros. As coleções de periódicos, por sua vez, também não podem ser esquecidas. O PLANOR já deu início a uma ampla pesquisa, pelo envio de formulários, abordando especificamente a identificação de periódicos preciosos (nacionais e estrangeiros), armazenados nas diversas instituições culturais do país, visando a elaboração de um catálogo coletivo nacional. Junto ao formulário, no entanto, deixaram de seguir orientações quanto aos critérios para identificação de "periódicos preciosos". Tem-se, então, um novo desdobramento para esta investigação, qual seja, o estudo dos critérios de raridade, tratamento e preservação das coleções de periódicos preciosos no Brasil.

E, finalmente, cabe acrescentar, partindo da autoridade de quem se atreveu, com a ingenuidade típica dos iniciantes, a pesquisar um assunto tão complexo e igualmente fascinante, que o trabalho com obras raras nunca é estanque e quanto mais conhecimentos se adquire maior é a "curiosidade" acerca de outros pontos a eles interligados. A busca de respaldo junto a outras instituições e especialistas de áreas afins, além de uma boa fundamentação teórica, é condição "sine qua non" para o alcance de resultados positivos.

1950
1951
1952
1953
1954
1955
1956
1957
1958
1959
1960
1961
1962
1963
1964
1965
1966
1967
1968
1969
1970
1971
1972
1973
1974
1975
1976
1977
1978
1979
1980
1981
1982
1983
1984
1985
1986
1987
1988
1989
1990
1991
1992
1993
1994
1995
1996
1997
1998
1999
2000
2001
2002
2003
2004
2005
2006
2007
2008
2009
2010
2011
2012
2013
2014
2015
2016
2017
2018
2019
2020
2021
2022
2023
2024
2025

8 ANEXOS

ANEXO I
Questionário

Belo Horizonte, de . . . de 199 .

Prezado(a) senhor(a):

O presente questionário tem por objetivo coletar informações sobre a coleção de obras raras dessa instituição, quanto aos critérios de raridade bibliográfica adotados, ao tratamento dispensado às obras raras e ao seu estado geral de conservação.

A seleção das instituições foi feita sob orientação do PLANOR - Plano Nacional de Restauração de Obras Raras e baseia-se na totalidade de catálogos de obras raras publicados no país.

As respostas a esse questionário assumem, dessa forma, um caráter único e insubstituível : uma contribuição inestimável ao sucesso da pesquisa, principalmente considerando-se a escassez de publicações sobre o assunto.

Os dados coletados serão utilizados na elaboração de minha dissertação de mestrado, junto à Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, cujo produto poderá ser oferecido aos interessados após a conclusão do curso.

Toda a documentação que puder ser anexada às respostas, visando ao esclarecimento das mesmas, será de grande ajuda.

Agradeço antecipadamente a sua colaboração!

Atenciosamente,

Rosana Carla Froes

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Av. dos Engenheiros, 490 apto. 204/A

Bairro Castelo

30840-300 - Belo Horizonte - MG

QUESTIONÁRIO

I. SOBRE A INSTITUIÇÃO:

1.1 NOME: _____

1.2. ENDEREÇO: _____

1.3. DATA DE INÍCIO DO PROJETO/TRABALHO OBRAS RARAS:

___/___/___

1.4. NÚMERO DE PESSOAS ENVOLVIDAS:

Bibliotecários _____
Especialistas de outras áreas (citar) _____

Auxiliares (citar) _____

1.5. FONTES DE RECURSOS FINANCEIROS (especificar) _____

II. IDENTIFICAÇÃO DA COLEÇÃO:

2.1. NÚMERO DE TÍTULOS: _____

2.2. NÚMERO DE VOLUMES: _____

2.3. PORCENTAGEM APROXIMADA POR DATA DE PUBLICAÇÃO:

Século XV: _____ Século XVI: _____

Século XVII: _____ Século XVIII: _____

Século XIX: _____ Século XX: _____

2.4. PORCENTAGEM APROXIMADA POR PAÍS DE PUBLICAÇÃO:

Brasil:	_____	Espanha:	_____
França:	_____	Inglaterra:	_____
Itália:	_____	Portugal:	_____
Outros:	_____		_____

2.5. ORIGEM DA COLEÇÃO (breve histórico de sua formação)

2.6. CRITÉRIOS ADOTADOS PELA INSTITUIÇÃO PARA A IDENTIFICAÇÃO DAS OBRAS RARAS (Favor anexar documentação e especificar as fontes - pessoas/ instituições/literatura -- que serviram de base para a definição dos critérios):

III. TRATAMENTO DAS OBRAS:

3.1. PORCENTAGEM DE TÍTULOS CATALOGADOS : _____

3.2. MODELO DE CATALOGAÇÃO ADOTADO (Favor anexar cópia)

3.3. ADOÇÃO DE ALGUM SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO E/OU CÓDIGO PARA DIFERENCIAÇÃO DA COLEÇÃO DE OBRAS RARAS: _____

3.4. ORGANIZAÇÃO DA COLEÇÃO NAS ESTANTES /MOSTRUÁRIOS:

3.5. UTILIZAÇÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS EM ALGUMA DAS ETAPAS DO TRABALHO (citar quais tecnologias e quais etapas):

IV. PRESERVAÇÃO DO ACERVO:

4.1. ESTADO GERAL DE CONSERVAÇÃO (Indique porcentagem para cada item):

Acidez do papel (cheiro ácido, folhas amareladas e quebradiças) _____

Capa e/ou folhas soltas _____

Encadernação danificada _____

Indícios de insetos bibliófagos (larvas, casulos, excrementos, etc.) _____

Manchas _____

Poeira _____

Ação de fungos e/ou roedores _____

Uso de fitas adesivas (durex, fita crepe, etc.) _____

Outros. Especifique: _____

4.2. ARMAZENAMENTO:

	SIM	NÃO
Sala especial para a coleção	()	()
Incidência de luz solar sobre os livros	()	()
Uso de filtros absorventes de radiação ultravioleta	()	()
Sistema de ar condicionado	()	()
Superlotação das estantes	()	()
Controle de umidade e temperatura	()	()
Outros (elementos que caracterizem a qualidade do armazenamento adotado)	()	()

4.3. SEGURANÇA:

SIM

NÃO

Planejamento voltado para prevenção contra
incêndio, inundação e outros desastres

Equipamento contra incêndio

Especifique: _____

Medidas contra roubos e mutilações

Especifique _____

Outros . Especifique: _____

4.4. RESTAURAÇÃO / CONSERVAÇÃO:

SIM

NÃO

Laboratório de restauração/conservação na
própria instituiçãoObras raras são restauradas por especialistas
fora da instituiçãoObras raras são apenas reencadernadas por
especialistas fora da instituiçãoRealização de pequenos reparos em obras
muito danificadas

Outros: Especifique: _____

ANEXO II

CATÁLOGOS BRASILEIROS DE OBRAS RARAS

CATÁLOGOS DE OBRAS RARAS PUBLICADOS POR BIBLIOTECAS E INSTITUIÇÕES BRASILEIRAS

AMAZONAS

AMAZONAS. Biblioteca Pública do Estado do Amazonas. **Livros raros.** Manaus, 1984-1985. 2v. Mimeografado.

UNIVERSIDADE DO AMAZONAS. Biblioteca Setorial do Museu Amazônico. **Catálogo da 1a. Exposição de Obras Raras.** Manaus, 1992.

BAHIA

BRAGA, Angela (org.). **Catálogo das obras raras e valiosas [da Biblioteca Frederico Edelweiss].** Salvador: UFBA, Graf. Universitária, 1981. 90p.

CEARÁ

CEARÁ. Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel. **Obras raras da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel.** Fortaleza, 1982. 125p.

EXPOSIÇÃO de bibliografia rara; comemorativa do 1o. aniversário da administração Governador Virgílio Távora. Fortaleza, 1980. 19p.

DISTRITO FEDERAL

- BOLETIM da Biblioteca da Câmara dos Deputados, Brasília. Obras raras.
v.9, n.2, p.333-340, jul./dez. 1960.
v.10, n.1,2,p.197-293, 427-434, jan./dez. 1961.
v.11, n.1,2, p.219-227, 447-452, jan./dez. 1962.
v.12, n.1,2, p.301-307, 703-709, jan./dez. 1963.
v.13, n. 1,2, p.217-225, 521-529, jan./dez.1964.
v.14, n.1,2,3, p.168-177, 461-466, 635-642, jan./dez.1965.
v.15, n. 1,2,3, p.129-135, 305-316, 595-610, jan./dez.1966.
v.16, n.1,2,3, p.291-308, 535-550, 884-900, jan./dez. 1967.
v.17, n.1,2,3, p.293-308, 711-724, 1102-1117, jan./dez. 1968.
v.18, n.1,2,3, p.224-239, 449-464, 623-638, jan./dez. 1969.
v.19, n.1,2,3, p.187-199, 401-416, 629-638, jan./dez.1970.
v.20, n. 1/3, p.311-325, jan./dez.1971.

BRASIL. Ministério da Justiça. Biblioteca. **Obras raras na Biblioteca do Ministério da Justiça.** Brasília, 1981. 147p., il. (Série obras raras; 1)

MARANHÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. Biblioteca Central. **Obras raras ou valiosas.** São Luis, 1983. 75f., il. Mimeografado.

MINAS GERAIS

FIUZA, M.M., GOMES, S. de C., FONTES, L.G. **Catálogo dos livros raros e antigos da Biblioteca Pública Baptista Caetano, fundada em 1827, São João del Rey, Minas Gerais.** [Belo Horizonte]: Rede Globo de Televisão, 1992.

PARÁ

ABUD, Oneide Silva. **Camiliana:** publicações existentes na Biblioteca Fran Paxeco. Belém: Universidade Federal do Pará, 1984. 136p.

ALENCAR, Valdelícia do Espírito Santo. **Catálogo de publicações da história de Portugal:** obras existentes na Biblioteca Fran Paxeco do Grêmio Literário e Recreativo Português. Belém, 1987. 90p. Trabalho de conclusão de curso para a Universidade Federal do Pará.

- CATÁLOGO das biografias existentes na Biblioteca Fran Paxeco. Belém: UFPa/Biblioteca Fran Paxeco, 1988. 79p.
- CATÁLOGO das obras de literatura brasileira existentes na Biblioteca Fran Paxeco. Belém: UFPa/Biblioteca Fran Paxeco, 1988. 193p.
- CATÁLOGO das obras referentes à classe 100: filosofia, metafísica, lógica e psicologia. Belém: UFPa/Biblioteca Fran Paxeco, 1988. 45p.
- CATÁLOGO das obras referentes à classe 200: religião. Belém: UFPa/Biblioteca Fran Paxeco, 1988. 65p.
- CATÁLOGO das obras referentes à classe 700: artes e recreação. Belém: UFPa/Biblioteca Fran Paxeco, 1988. 56p.
- CATÁLOGO das obras referentes às literaturas espanholas e italianas. Belém: UFPa/Biblioteca Fran Paxeco, 1988. 50p.
- CUNHA, V., COSTA, E. **Catálogo de obras raras sobre a Amazônia (1800-1899)**. Belém: Banco da Amazônia, Centro de Documentação e Biblioteca, 1977. 66p.
- GRÊMIO LITERÁRIO E RECREATIVO PORTUGUÊS. Biblioteca Fran Paxeco. **Catálogo de obras raras : século XVI (XVIII)**. Belém, 1985. 3v.
- MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. **Exposição de obras raras de 1 a 15 de dezembro de 1982: catálogo**. Belém, 1982. 14f. Mimeografado.
- PARÁ. Secretaria da Cultura. Biblioteca Pública Arthur Vianna. **Catálogo de obras raras da Biblioteca Pública "Arthur Vianna": séculos XVII-XIX**. Belém: SECULT/FCPTN, 1989. 207p.
- PIRES, Maria Suely Matias Palheta. **Catálogo da exposição de obras consideradas raras**. Belém: Biblioteca e Arquivo Público do Pará, 1981. 26f. Mimeografado.
- ROTENBERG, Marisa. **Catalogus librorum musaei Goeldiani**. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi, Dep. de Documentação e Informação, 1987-1988. 2v., il.

PARAÍBA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional. **Levantamento de obras antigas e/ou raras existentes no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano.** João Pessoa, [19--]. 135f. Mimeografado.

PERNAMBUCO

CALHEIROS, Lucy von Schsten (coord.). **I catálogo de livros dos séculos XVI, XVII e XVIII da Biblioteca Pública Estadual.** Recife: FUNDARPE: Recife Graf. Ed., 1991. 88p., il.

PERNAMBUCO. Secretaria de Turismo Cultura e Esportes. Arquivo Público Estadual. **Catálogo de folhetos raros I (000/200).** Recife, 1982. 30p. (Coleções especiais, Arquivo Público Estadual, 1)

___. **Catálogo de obras raras.** Recife, 1982. 57p. (Coleções especiais, Arquivo Público Estadual, 2)

SILVA, Rosilda Miranda da, SILVA, Ana Maria Santos e. **Relação de algumas obras raras e/ou valiosas da BC/UNICAP sobre Pernambuco no século XX.** [s.l.: s.n.], [198-?]. Separata da Revista Symposium, v.27, n.2, 1985.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Faculdade de Direito do Recife. Biblioteca. **Coleção alemã de Tobias, pertencente ao acervo da Biblioteca da Faculdade de Direito do Recife.** Recife, 1989. 38f., il.

RIO DE JANEIRO

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Boletim de obras raras.** Rio de Janeiro, v.1, n.1, mar./maio 1990.

___. Biblioteca. **Catálogo de obras raras...** Rio de Janeiro, 1972. 147p.

___. **Suplemento,** 1983. 41p.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Acervo precioso: catálogo da exposição.** Rio de Janeiro, 1983. 48p., il.

___ **Catálogo de incunábulos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1956. 377p.

___ **Impressos quinhentistas portugueses.** Rio de Janeiro, 1987. 24p.,il. Catálogo da exposição realizada na Biblioteca Nacional, 17 de setembro a 17 de novembro de 1987.

___ **Quinhentistas portugueses da Biblioteca Nacional.** Rio de Janeiro, 1989. 108p.,il.

BRASIL. Ministério do Exército. Secretaria Geral. **Catálogo de obras raras, manuscritos e gravuras.** Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1952. 135p.;il. (Exposição geral do Exército, 1)

CATÁLOGO de raridades bibliográficas recuperadas pelo sub-projeto Integração do Acervo Histórico Séculos XV a XVII. **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v.103, p.237-304, 1984.

DIAS, Antônio Caetano. **Catálogo das obras raras ou valiosas da Biblioteca da Escola Nacional de Belas Artes.** Rio de Janeiro: Impr. Nacional, 1945. vii, 67p., il. (Instituto Nacional do Livro. Coleção B1, Bibliografia, 5)

ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES (Brasil). Biblioteca. **Catálogo da biblioteca com indicação das obras raras ou valiosas.** Rio de Janeiro, 1957. 288p.

HORCH, Rosemarie E. (org.). Catálogo dos folhetos da coleção Barbosa Machado. **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v.92, t.1-8, 1974-1988.

MONTEIRO, Iracema Celeste Rodrigues. **O livro raro em seus diversos aspectos.** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1972. 58p., il.

PETRÓPOLIS (RJ). Biblioteca Municipal. **Catálogo comemorativo do Centenário da Biblioteca Municipal de Petrópolis:** referências bibliográficas. Petrópolis, 1971.

RODRIGUES, Jeorgina Gentil, SILVA, Ivete Maria da. **Catálogo de obras raras e especiais da Biblioteca de Manguinhos.** Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Biblioteca de Manguinhos, 1992. 216p.,il. (Obras raras; 1)

ROMERO, Marcos. **Notícia histórica sobre a Biblioteca do Itamaraty.** Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, Serviço de Documentação das Relações Exteriores, Serviço de Documentação, 1951. 46p. Mimeografado. p.24-26: Relação resumida de obras raras da Biblioteca do Itamaraty.

ROSSO, Hespéria Zuma de, CABRAL FILHO, Severino Bezerra. **Obras raras da Biblioteca do IBGE.** Rio de Janeiro: IBGE, Gerência de Documentação e Biblioteca, 1988. 144p. (Série Obras de Referência do IBGE, 11)

SOARES, Isaura Lima maciel, CARRIÇO, Regina Maria Silva, COSTA, Vera Lucia Guilhon. **Obras raras existentes na BMF/RJ.** Rio de Janeiro: Delegacia do Ministério da Fazenda, 1984. 111p., il.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA INGLESA. **Brasiliana.** Rio de Janeiro, 1980. 180p.

___. **Coleção Lynch - obras raras.** Rio de Janeiro, 1984. 37p. Mimeografado.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Catálogo seletivo de obras raras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, 1987. 151p.

RIO GRANDE DO SUL

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO. **Catálogo de obras raras ou valiosas da Biblioteca Pública do Estado.** Porto Alegre: Livr. do Globo, 1972. 12, 270p., il. Edição comemorativa do centenário de fundação, 1871-1971.

MAROBIN, Luis. **Obras raras da Biblioteca Central da Unisinos.** São Leopoldo: Unisinos, 1986. 30p. (Série Biblioteca Central da Unisinos) Separata de Estudos Leopoldinenses, v.22, n.95, 1986.

OLIVEIRA, Beatriz Marona de et al. **Livros raros e preciosos.** Porto Alegre: UFRGS, 1985. 1 pasta (20p. soltas), il.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Biblioteca Central. **Brasil-História-Imprensa: catálogo de obras raras sobre o Brasil e publicadas no Brasil.** Porto Alegre, 1979. 12p. Mimeografado.

___ **Brasil: obras raras.** Porto Alegre, 1986. 23f. Mimeografado.

___ Seção de Obras Raras. **Catálogo de obras raras ou preciosas referentes ao Brasil, pertencentes à Coleção Eichenberg da Biblioteca Central da UFRGS, biografias e viagens.** Porto Alegre, 1988. 125p., il.

VIEIRA, Cila Milano, JAEGER, Leyla Maria Gama, CABERLON, Vera Isabel. **Levantamento bibliográfico parcial de obras raras e/ou valiosas da Biblioteca Rio-Grandense.** Rio Grande: Ed. da FURG, 1987. 351p.

SANTA CATARINA

FELT, Isabela Salum. **I catálogo de obras raras da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.** Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1992.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. **Roteiro da exposição rotativa de livros raros; comemoração do transcurso dos 125 anos da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.** Florianópolis, 1979. 7f.

___ **Exposição rotativa de livros raros; a Biblioteca faz 125 anos.** Florianópolis, 1979. [10] f.

___ **Roteiro da exposição de obras raras; ano CXXVI da criação da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.** Florianópolis, 1980. [10]f.

SÃO PAULO

INSTITUTO DE CIÊNCIAS MATEMÁTICAS DE SÃO CARLOS. **Obras raras e clássicas.** São Carlos: Biblioteca "Prof. Achille Bassi", 1991. [10 f.]

SÃO PAULO (SP). Biblioteca Municipal Mário de Andrade. **Catálogo de obras raras da Biblioteca Municipal Mário de Andrade**. São Paulo: Secretaria de Educação e Cultura, Departamento de Cultura, 1969. viii, 537p., il.

— . **Catálogo de obras raras (suplemento)**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento de Bibliotecas Públicas, 1980. 124p., il.

ANEXO III

PRINCIPAIS OBRAS DE REFERÊNCIA USADAS NA IDENTIFICAÇÃO DE OBRAS RARAS

- ANSELMO, Antonio Joaquim. **Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI**. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1926. 367p.
- ASHER, Georg Michael. **A bibliographical and historical essay on the Dutch books and pamphlets relating to New-Netherland, and to the Dutch West-India Company and to its possessions in Brazil, Angola, etc.,...** Amsterdam: Frederick Muller, 1854-1867. 234p.
- BARRETO, Abeillard. **Bibliografia sul-riograndense**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1973. 2v.
- BERGER, Paulo. **Bibliografia do Rio de Janeiro de viajantes e autores estrangeiros, 1531-1900**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1964. 322p.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionario bibliographico brasileiro**. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1883-1902. 7v.
- BRUNET, Jacques Charles. **Manuel du libraire et de l'amateur de livres**. 4.ed. Paris: Chez-Silvestre, 1842-1844.
- CANSTATT, Oskar. **Kritisches repertorium der deutsch-brazilianischen literatur**. Berlin: D. Reimer, 1902. 124p.
- . **Nachtrag-zum kritischen repertorium der deutsch-brazilianischen literatur**. Berlin: D. Reimer, 1906. 64p.
- CARPEAUX, Otto Maria. **Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira**. 3.ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964.
- CARVALHO, Alfredo Ferreira de. **Bibliotheca exotico-brasileira**. Rio de Janeiro: Eduardo Tavares, 1929. 3v.
- COELHO, Jacinto do Prado (dir.). **Dicionário das literaturas portuguesa, brasileira e galega**. Porto: Figueirinhas, 1960. 2v.
- COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Dicionário bibliográfico de pernambucanos célebres**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1982. 804p.
- ENCICLOPEDIA universal ilustrada europeo-americana. Barcelona: Espasa-Calpe, 1920. 70t.

- GARRAUX, Anatole Louis. **Bibliographie bresilienne**. Paris: Chadenat, 1898.
- , **Catalogue des ouvrages français et latins relatifs au Brésil, 1500-1898**. Paris: Chadenat, 1898. 400p.
- GRAESSE, Jean George Theodore. **Thésor de livres rares et précieux ou Nouveau dictionnaire bibliographique**. Milano: Gorlich, 1950. 8v.
- GUARANA, Armindo. **Dicionário bio-bibliographico sergipano**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1925.
- LORENZ, Otto Henri. **Catalogue general de la librairie française**. Paris: Bibliotheque Nationale, 1867-[19--].
- MANUEL II, Rei de Portugal. **Early Portuguese books 1489-1600: livros antigos portugueses 1489-1600 da biblioteca de sua majestade fidelíssima**. Londres: Maggs Bros, 1929-32. 3v.
- MATTOS, Ricardo Pinto de. **Manual bibliográfico portuguez de livros raros, classicos e curiosos**. Porto: Portuense, 1878. 582p.
- MORAES, Rubens Borba de. **Bibliografia brasiliana: a bibliographical essay on rare books about Brazil from 1504 to 1900 and works of Brazilian authors published abroad before the Independence of Brazil in 1822**. Amsterdam: Colibris, 1958. 2v.
- PALAU Y DULCET, Antonio. **Manual del librero hispano-americano: bibliografia general española e hispano-americana desde la invención de la imprenta hasta nuestros tiempos em el valor comercial de los impresos descritos**. 2.ed. corr. y aum. Barcelona: A. Palau, 1948-1977.
- RAEDERS, Georges. **Ouvrages français sur le Brésil au debut du XIXeme siècle**. São Paulo, 1956. 16p.
- , FONSECA, Edson Nery da. **Bibliographie franco-bresilienne (1551-1957)**. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1960. 260p. (Coleção B. Bibliografia; 11)
- RODRIGUES, José Carlos. **Bibliotheca brasiliense: catálogo anotado de livros raros sobre o Brasil e de alguns autographos e manuscriptos pertencentes a José Carlos Rodrigues: parte 1: Descobrimento da América, Brasil Colonial, 1492-1822**. Rio de Janeiro, 1907. 680p.

RODRIGUES, José Honório. Historiografia e bibliografia do domínio holandês no Brasil. Rio de Janeiro: INL, 1949.

SABIN, Joseph. A dictionary of books relating to America, from its discovery to the present time. New York: J. Sabin's Son, 1868-1936.

SILVA, Innocencio Francisco da. Dicionario bibliographico portuguez. Lisboa: Impr. Nacional, 1858. 7v.

TIELE, P.A. Mémoire bibliographique sur les journaux des navigateurs néerlandais. Amsterdam: F. Muller, 1867.

TROMEL, Paul. Catalogue raisonné d'une collection de livres précieux sur l'Amerique parus depuis sa découverte jusqu'a a l'an 1700. Leipzig: P. A. Brockaus, 1861.

9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Helena Maria de Araújo Vianna (org.). **Brasil: obras raras**. Porto Alegre: UFRGS, 1986. 22f.
- ARCHER, H. R. (ed.). **Rare book collections: some theoretical and practical suggestions for use by librarians and students**. Chicago: ALA, 1970. 128p.
- BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Plano Nacional de Restauração de Obras Raras - PLANOR: proposta de trabalho**. Rio de Janeiro, 1989. 18p.
- BRASIL. Portaria no. 19, de 31 de outubro de 1983. Cria o Plano Nacional de Restauração de Obras Raras. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, p.8744, 7 nov. 1983. Seção 1, pt.1.
- BRODIE, Nancy E. Canadians use a bilingual union catalog as an online public catalog. **Library Trends**, Champaign, v.37, n.4, p.414-431, Spring 1989.
- BROWN, Margaret R. **Boxes for the protection of rare books: their design and construction**. Washington: Library of Congress, 1982. 289p.
- BRUNO, Sandra Lane. Formação de coleção brasileira rara. **CRB-8 Boletim**, p.4, out./dez. 1990.
- BUONOCORE, Domingo. **Diccionario de bibliotecologia**. Santa Fé: Castellvi, 1963. 336p.
- BURGI, S., BARUKI, S.C.S. **Introdução à preservação e conservação de acervos fotográficos: técnicas, métodos e materiais**. [Rio de Janeiro]: FUNARTE, 1988. 38p.
- CALDEIRA, Paulo da Terra, CARVALHO, Maria de Lourdes Borges. Fontes para o estudo da Brasileira. **R. Bras. Bibliotecon. e Doc.**, São Paulo, v.15, n.1/2, p.25-33, jan./jun. 1982.
- CAVE, R. **Rare book librarianship**. London: Clive Bingley; Handen, Conn.: Linnet Books, 1976. 168p.
- COLLISON, R. L. **Books collection**. London: Ernest Benn, 1957.
- CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes da. A política do livro antigo no exterior e no Brasil. **BIBLOS**, Rio Grande, n.2, p.91-103, 1987.

- A DANÇA das estantes. **Veja**, São Paulo, v.25, n.13, p.86-87, 25 mar. 1992.
- DAVIS, Stephen P. Computer technology as applied to rare book cataloging. **IFLA Journal**, Den Haag, v.10, n.2, p.158-169, May 1984.
- DUNKIN, P. S. **How to catalog a rare book**. Chicago: ALA, 1951. 85p.
- ESTEVES, M. **O ex-libris**. 2.ed. Rio de Janeiro: Laemmert, 1956.
- FERREIRA, Eunice Maria Frota. **O tratamento das obras raras em bibliotecas do país**. Belo Horizonte, 1965. Trabalho de conclusão de curso - Universidade Federal de Minas Gerais - Escola de Biblioteconomia, 1965.
- FIGUEIREDO, Adelpha S. R. O livro através dos séculos. **Brasil Gráfico: Revista Brasileira de Artes Gráficas**, São Paulo, v.1, n.7/8, p.37-43, jul./ago. 1950.
- FRIEIRO, Eduardo. **Os livros nossos amigos**. 4.ed. Belo Horizonte: Coordenadoria de Cultura de Minas Gerais, 1980. 224p.
- GOMES, Sônia de Conti. Microfilmagem: uma solução para a preservação de obras raras? **Duas Palavras**, Belo Horizonte, v.1, n.0, p.10-15, out. 1983.
- ___ . Preservação do acervo de bibliotecas e arquivos: uma nova abordagem. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 14., 1987, Recife. **Anais...** Recife: Associação Profissional de Bibliotecários de Pernambuco, 1987. v.1, p.235-244.
- GRUPO DE ESTUDOS EM OBRAS RARAS DO RIO DE JANEIRO. **Segurança em acervos raros**. Rio de Janeiro: FBN, 1994. 47p.
- HALLEWELL, Lawrence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: T.A. Queiroz: Ed. da USP, 1985.
- HORCH, Rosemarie Erika. O livro raro no Brasil. **Comunicações e Artes**, São Paulo, n.11, p.63-71, 1982.

- INOJOSA, Rose-Marie. Subsídios para o estabelecimento de um sistema municipal de arquivos. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, v.191, n.41, p.31-53, jan./dez. 1978.
- JÓIAS na estante. **Veja**, São Paulo, p.110-111, 13 maio 1987.
- JONES, Sydney, BROWNING, Linda. The UTLAS data base: design, content and services. **Cat. Classif. Q.**, v.8, n.3-4, p.91-99, 1988.
- KATZENSTEIN, U. E. Os escribas e sua significação para a transmissão escrita do pensamento. **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**, Belo Horizonte, v.10, n.1, p.95-118, mar. 1981.
- _____, COHN, W. D. O primeiro papel: o papel de casca. **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**, Belo Horizonte, v.12, n.1, p.113-134, mar. 1983.
- LACAVA, Ulisses. O Projeto Vitae, da Biblioteca Nacional, vai garantir a preservação de um precioso acervo de obras raras. **Revista Brasileira de Tecnologia**, Brasília, v.19, n.8, p.60-64, ago. 1988.
- LEONI, G.D. Os livros raros. **Boletim Bibliográfico e Informativo da Biblioteca Pública**, Salvador, v.2, n.12, p.5-12, abr. 1960.
- LINHARES, Maria Yedda (org.). **História geral do Brasil**. 3.ed. Rio de Janeiro: Campus, 1990. 303p.
- LITTON, Gaston. **O livro e sua história**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1975. 284p.
- MACIEL, Luiz Antonio. Livros: lucros na estante. **Playboy**, São Paulo, n.141, maio 1990.
- McMURTRIE, Douglas C. **O livro: impressão e fabrico**. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 1969. 604p.
- MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**. São Paulo: Anhembi, 1957.
- METZER, Josef. Manuscritos do mundo. **O Correio da Unesco**, Rio de Janeiro, v.17, n.7, p.12-13, jul. 1989.
- MORAES, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz**. São Paulo: Nacional, 1965. 198p.

- ___ . **Livros e bibliotecas no Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979. 234p. (Biblioteca Universitária de Literatura Brasileira; 6)
- ___, BERRIEN, William (ed.). **Manual bibliográfico de estudos brasileiros**. Rio de Janeiro: Souza, 1949.
- MOTA, Carlos Guilherme, LOPEZ, Adriana. **O mundo moderno e contemporâneo**. São Paulo: Ática, 1995. 208p., il. (História e civilização).
- MOURA, Noah. **Livros raros**. Porto Alegre: UFRGS, 1986. 13p.
- NUEDA, Luis. **Mil libros**. Barcelona: Ramon Sopena, 1943.
- PACEY, Antony. Developing selection criteria for special collections. **Canadian Library Journal**, p.187-190, June 1991.
- PINHEIRO, Ana Virgínia Teixeira da Paz. A biblioteconomia de livros raros no Brasil: necessidades, problemas e propostas. **R. Bibliotecon. & Comun.**, Porto Alegre, n.5, p.45-50, jan./dez. 1990.
- ___ . **Que é livro raro? uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica**. Rio de Janeiro: Presença, 1989. 71p.
- PRADO, Antonio Carlos. O lucro na estante. **Senhor**, São Paulo, n.270, p.30-31, maio 1986.
- RARE BOOKS GROUP OF THE LIBRARY ASSOCIATION. **Sales of rare books and manuscripts**. London, 1988. 3p. Documento não publicado.
- RUSSIO, Waldisa. Texto III. In: ARANTES, Antonio Augusto. **Produzindo o passado**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p.59-78.
- SAETA, Tulio, BECK, Ingrid. Revitalização do arquivo histórico, biblioteca e mapoteca do Itamaraty: informatização e conservação preventiva. In: SEMINÁRIO DA ABRACOR, 7., 1994, Petrópolis. **Anais...** Rio de Janeiro: ABRACOR, 1994. 304p. P.217-220.
- SALGUEIRO, S. Fortunas ocultas nos sebos. **Balanço Financeiro**, v.8, n.81, p.61-65, dez. 1986.

- SCHREIBER, M. R. Um audio-visual da Idade Média: o Exultet da Itália Meridional. **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.55-58, mar./set. 1972.
- SENGHOR, Leopold Sedar. A palavra escrita: uma frágil herança. **O Correio da Unesco**, Rio de Janeiro, v.17, n.7, p.4, jul. 1989.
- SILVA, Maria Luiza do Espírito Santo. Catalogação de obras raras e valiosas. **R. Bras. Bibliotecon. Doc.**, São Paulo, v.14, n.1/2, p.61-63, jan./jun. 1981.
- SILVA, Sônia T. Dias Gonçalves da, LANE, Sandra Souza. Uma política de serviços para livros raros em bibliotecas universitárias. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 6., 1989, Belém. **Anais**. Belém: BC/UFPA, 1990. 2v., v.2, p.119-129.
- SILVA FILHO, J.T. da. Diagnóstico do acervo de obras raras e/ou antigas das bibliotecas da UFRJ: proposta para um programa de conservação. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 2., e CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 17., 1994, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ABMG, 1994. 820p. p.369-379.
- SPINELLI, Jayme. Introdução à conservação de acervos bibliográficos: experiência da Biblioteca Nacional. **An. Bibl. Nac.**, Rio de Janeiro, n.111, p.63-116, 1991.
- STEWART, Seumas. **Book collecting: a beginner's guide**. Newton Abbot: David & Charles, 1972. 322p.
- STOKES, Roy. **Esdaile's manual of bibliography**. 5.rev.ed. New York: Scarecrow Press, 1981.
- TRAYLEN, Charles. **Fine books and manuscripts, 1300-1966: rare and valuable books and manuscripts**. Guildford, 1966. 92p.
- UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. Núcleo de Documentação. **Documentos raros e/ou valiosos: critérios de seleção e conservação**. Niterói, 1987. 35p.
- UTLAS purchased by ISM. **American Library**, Chicago, v.24, n.2, p.119, Feb. 1993.

WEAD, Eunice. Rare book and the public library. **Wilson Library Bulletin**, Bronx, v.14, p.625-630, May 1940.

WILSON LIBRARY BULLETIN, Bronx, v.41, n.6, Feb. 1967.

WILSON LIBRARY BULLETIN, Bronx, v.58, n.2, Oct. 1983.